



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

JOANA GOMES DOS SANTOS FIGUEREIDO

PRODUÇÃO E PERCEPÇÃO  
DA EXPRESSÃO DO MODO IMPERATIVO  
NAS CIDADES DE FEIRA DE SANTANA-BA E CAMPINAS-SP

CAMPINAS  
2023

JOANA GOMES DOS SANTOS FIGUEREIDO

PRODUÇÃO E PERCEPÇÃO  
DA EXPRESSÃO DO MODO IMPERATIVO  
NAS CIDADES DE FEIRA DE SANTANA-BA E CAMPINAS-SP

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Livia Oushiro

Este exemplar corresponde à versão final da Tese defendida pela aluna Joana Gomes dos Santos Figueredo e orientada pela Profa. Dra. Livia Oushiro

CAMPINAS  
2023

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Tiago Pereira Nocera - CRB 8/10468

F469p      Figueredo, Joana Gomes dos Santos, 1985-  
Produção e percepção da expressão do modo imperativo nas cidades de  
Feira de Santana-BA e Campinas-SP / Joana Gomes dos Santos Figueredo. –  
Campinas, SP : [s.n.], 2023.

Orientador: Livia Oushiro.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de  
Estudos da Linguagem.

1. Imperativo. 2. Produção linguística. 3. Percepção. 4. Português Baiano. 5.  
Português Paulista. I. Oushiro, Livia, 1980-. II. Universidade Estadual de  
Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações Complementares

**Título em outro idioma:** Production and perception of the expression of the imperative mood in the cities of Feira de Santana-BA and Campinas-SP

**Palavras-chave em inglês:**

Imperative  
Linguistic production  
Perception  
Bahian Portuguese  
Paulista Portuguese

**Área de concentração:** Linguística

**Titulação:** Doutora em Linguística

**Banca examinadora:**

Livia Oushiro  
Emilio Gozze Pagotto  
Ronald Beline Mendes  
Josane Moreira de Oliveira  
Maria Marta Pereira Scherre

**Data de defesa:** 09-02-2023

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-4237-218X>

- Currículo Lattes do autor: <https://lattes.cnpq.br/0184025819685171>



**BANCA EXAMINADORA:**

**Livia Oushiro**

**Emilio Gozze Pagotto**

**Ronald Beline Mendes**

**Josane Moreira de Oliveira**

**Maria Marta Pereira Scherre**

**IEL/UNICAMP  
2023**

**Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.**

# Agradecimentos

Neste momento em que mais uma travessia se encerra e o doutoramento está chegando ao fim, percebo que sua conclusão desperta em mim um misto de emoções: luminoso caleidoscópio de memórias reavivadas e lembranças que enchem meu coração de gratidão! Uma Nordestina de Irará, interior da Bahia, sem bolsa e precisando trabalhar muito para se manter, finaliza sua tese na UNICAMP. Nem em meus maiores sonhos me vi aqui! Nesse instante, lembro-me dos anjos encarnados que Deus colocou em minha vida para que eu acreditasse que era possível e realizável! Minha tarefa agora é agradecê-los.

Primeiramente, agradeço a Deus, aos mentores de luz e ao meu anjo da guarda pela escuta em tantos momentos. Eles me viram chorar, vibrar, sorrir... Imagino que em alguns momentos falaram: minha filha, dê-nos uma trégua! Mas tenho certeza que os meus caminhos foram iluminados por eles e que jamais estive sozinha.

Agradeço à minha família, a quem devo tudo que sou! Gratidão por vocês existirem em minha vida! Definitivamente sem a base familiar que tenho não estaria aqui! Aos meus pais, Justina e Apolinário, minha eterna gratidão por toda força, princípios éticos, consciência de classe e política. Em especial, a minha mãe por me encorajar a ser uma mulher forte, a vencer os meus medos e conquistar meus objetivos sem nunca me desconectar do meu lugar, das minhas raízes. Mãe, você é um exemplo de ser humano e inspiração para muitas mulheres. Às minhas amadas irmãs, Suzi e Paulinha, por nunca soltarem a minha mão. Somos três em um só coração! O amor e cumplicidade que temos é inexplicável. Inúmeras vezes liguei para vocês chorando, cansada, achando que não ia conseguir, e as palavras de conforto e apoio, às vezes verdades duras que precisava ouvir, deram-me força para continuar! Sem vocês não conseguiria, afirmo com toda certeza. Ao meu cunhado, João Casas, por quem nutro um amor de irmão, por ser essa pessoa incrível, de coração tão bom, sempre disposto a me ajudar nos momentos difíceis. À tia Del, minha segunda mãe, e Marcinha por toda torcida, incentivo e amor nas diferentes fases da minha vida.

À Lívia Oushiro, minha brilhante orientadora, a quem dedico carinho e admiração imensuráveis. Suas orientações, conselhos e apoio durante todo o doutoramento me fizeram acreditar que eu poderia ir mais longe. Ela é uma referência para mim. Confesso que em muitos momentos me pego pensando como pode alguém ser tão inteligente... sorte a minha ter

tido uma orientadora tão zelosa e amiga.

Dos anjos que Deus colocou em meu caminho, não poderia deixar de agradecer à minha eterna orientadora Josane Moreira. Graças ao seu incentivo, submeti meu projeto ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Unicamp. Confesso que no início achei que era impossível, mas ela disse que não aceitaria um não como resposta e que deveríamos tentar. E lá fomos eu e Emerson para seleção. Não é que deu certo?! Sou muito grata por tudo que fez a faz por nós!

Aos meus amigos nordestinos arretados por fazerem me sentir em casa em Campinas. Vocês foram verdadeiros anjos em minha vida. À minha marida Emerson pelas inúmeras madrugadas de leitura e produção, mas principalmente por andar de mãos dadas comigo nesses muitos anos de irmandade e parceria. À minha amiga Willi, presente em minha vida, por todas as palavras de carinho, conforto e troca de conhecimento. Ao amigo Antônio, nordestino de coração, pelas boas conversas que me faziam rir muito.

Aos amigos Juninho, Lari, Mari, Gil, Leila e Joca pela torcida, por serem fonte de afeto e principalmente escuta. Não sei o que seria de mim sem nossos encontros e risos frouxos. Sou muito grata por ter amigos que posso contar incondicionalmente. Amo vocês!

Não poderia deixar de agradecer aos membros do grupo de pesquisa VARIEM pelas discussões maravilhosas que me fizeram aprender muito, mas principalmente por serem anfitriões amorosos e solícitos. Em especial aos amigos Flavia, Julia, Natasha, Gabriel e Fernanda pelo apoio na coleta de dados, almoços no bandeirão e cafés na Romana. Vocês são especiais para mim.

Agradeço aos amigos Lais e Julio por me receberam sempre de braços abertos em suas casas em Campinas. Vocês moram em meu coração.

Aos professores do Programa de Linguística da Unicamp pelos ensinamentos e contribuições para minha pesquisa. Em especial, a minha orientadora de qualificação de área, Charlotte Galves, exemplo de profissional e ser humano.

Aos professores Ronald Beline Mendes, Maria Marta Pereira Scherre, Josane Moreira de Oliveira e Emílio Gozze Pagotto por terem aceitado o convite para banca e pela leitura atenta e crítica desta tese. Aos professores Anna Cristina Bentes, Elisa Battisti e Silvana Silva de Farias Araujo por também terem aceitado o convite como suplentes da banca.

Aos colegas de trabalho Josemare Pinheiro, Roque Sergio e Márcia Cunha por deixarem a minha vida profissional mais leve e por sempre incentivarem meu crescimento profissional. Só quem estuda e trabalha sabe a importância desse cuidado!

Por fim, não poderia deixar de agradecer aos participantes da pesquisa, campineiros e feirenses, que possibilitaram a realização dos experimentos. Sem vocês eu não concluiria esse estudo. Muito obrigada!

# Resumo

Pesquisas anteriores sobre a variação linguística do modo imperativo (EVANGELISTA, 2010; OLIVEIRA, 2017, no prelo; SAMPAIO, 2001; SCHERRE; CARDOSO et al., 2007) apontam para o fato de que sua forma indicativa (*pega*) é predominante na fala de brasileiros das regiões Norte, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, enquanto o uso do imperativo na sua forma subjuntiva (*pegue*) ocorre mais comumente na região Nordeste, revelando que essa variável se diferencia de acordo com a região geográfica. Em princípio, tais pesquisas não revelam qualquer tipo de avaliação negativa quanto às formas de imperativo com morfologia indicativa, mas há indícios de que as formas com morfologia subjuntiva são associadas a noções de “rispidez” ou “grosseira”. Nesse sentido, com o objetivo de contrastar a produção e a percepção sociolinguísticas das formas de imperativo em duas comunidades – uma da região Nordeste (Feira de Santana-BA) e outra da região Sudeste (Campinas-SP), a presente pesquisa desenvolve experimentos de produção e percepção com 72 participantes, estratificados quanto a seu sexo/gênero, faixa etária, nível de escolaridade e localidade. Para o primeiro experimento, foram elaboradas cenas que ilustram um diálogo entre dois interlocutores e possuem um balão de diálogo vazio, para o qual os participantes da pesquisa foram instados a produzir o que diriam naquela situação. Para o segundo, elaborou-se um experimento do tipo *matched-guise* (LAMBERT et al., 1960), em que os participantes ouviram estímulos que diferem apenas quanto à forma imperativa e preencheram um questionário a respeito de suas percepções sobre o falante. Os resultados de produção revelam que os campineiros usam predominantemente as formas imperativas com morfologia de indicativo (81%), diferentemente de Feira de Santana (47%). Em Campinas, nota-se uma mudança em progresso mais avançada na direção das formas indicativas, favorecidas pela situação comunicativa de pedido. Em Feira de Santana, ainda que a forma subjuntiva seja mais frequente, observa-se também mudança na direção da forma indicativa, liderada por falantes menos escolarizados, e favorecida pela situação comunicativa de pedido e por verbos menos salientes. Quanto à percepção, tanto os ouvintes feirenses quanto os campineiros não percebem diferenças entre as formas imperativas, já que não atribuem diferentes significados a depender da forma ouvida (com morfologia indicativa ou subjuntiva). Entretanto, observou-se interação entre Morfologia do Imperativo e Escolaridade do ouvinte nos julgamentos quanto à *Formação* do falante: os ouvintes feirenses menos escolarizados associam o uso do imperativo com

morfologia indicativa a falantes com maior grau de formação, associação que não é feita pelos ouvintes feirenses mais escolarizados. Ademais, em seu discurso metalinguístico consciente, os participantes feirenses de primeira faixa etária avaliam as formas subjuntivas como mais impositivas, o que sugere um processo de mudança não só na produção mas também nas avaliações e percepções das formas imperativas em Feira de Santana. Assim, os padrões de variação nem sempre coincidem com as avaliações e significados atribuídos às variantes, o que significa dizer que os processos não são reflexos diretos um do outro, de modo que a relação entre usos, percepções e avaliações de variáveis não pode ser interpretada como inequívoca.

**Palavras-chave:** Imperativo. Produção linguística. Percepção. Português Baiano. Português Paulista.

# Abstract

Previous studies on the variable use of the imperative mood (EVANGELISTA, 2010; OLIVEIRA, 2017, no prelo; SAMPAIO, 2001; SCHERRE; CARDOSO et al., 2007) show that the indicative morphology (*pega* ‘catch’) is more frequent in the speech of Brazilians from the North, Midwest, Southeast and Souther regions, while the use of the subjunctive morphology (*pegue*) occurs more frequently in the Northeast, which reveals that this variable differentiates geographical regions. In principle, these studies do not indicate any negative evaluation towards the indicative form, but there is anecdotal evidence that the subjunctive morphology is associated with notions such as “harshness” and “rudeness.” Thus this research aims at contrasting production and perceptions of the forms of expression of the imperative mood in two communities – one in the Northeast (Feira de Santana-BA) and another in the Southeast (Campinas-SP), by applying experiments of production and perception to 72 participants, balanced for their gender, age, educational level, and place of residence. To the former, we elaborated scenes depicting a dialogue between two speakers and with an empty speech bubble, to which participants were asked what they would say in such situation. To the latter, we elaborated a matched-guise experiment (LAMBERT et al., 1960), in which participants listened to audio stimuli which differ only in their imperative form and filled out a questionnaire about their perceptions on the speaker. The results of the production experiment show that speakers in Campinas employ the indicative morphology more frequently (81%) than in Feira de Santana (47%). In Campinas, there is a more advanced change in progress towards the indicative form, which is favored in the communitive situation of requests. In Feira de Santana, although the subjunctive form is more frequent, there is also a change towards the indicative form, led by less educated speakers, and favored in the communicative situation of request and with less salient verbs. Regarding perception, participants both in Feira and in Campinas do not generally perceive differences between the imperative forms, since they do not attribute different meanings depending on the form in the stimulus (indicative or subjunctive). However, we observed an interaction between the Imperative Morphology and participants’ educational level on their judgments of speakers’ educational background: less educated Feirenses associate the indicative morphology to speakers with a higher level of education, an association which is not made by more educated Feirenses. Further, in their overt discourse, younger Feirenses evaluate the subjunctive forms as

more “imposing,” which suggests a process of change not only in the production but also in their evaluations and perceptions of the imperative forms in Feira de Santana. Thus patterns of variation do not always coincide with patterns of evaluations and perceptions, which entail that each process does not directly reflect one another, and the relation among production, perception, and evaluation cannot be interpreted unequivocally.

**Keywords:** Imperative. Linguistic production. Perception. Bahian Portuguese. Paulista Portuguese.

# Lista de Figuras

2.1	Proporções e números de dados do imperativo com morfologia de indicativo e subjuntivo em Feira de Santana-BA e Campinas-SP . . . . .	66
2.2	Proporções e números de dados do imperativo com morfologia de indicativo por Faixa Etária em Feira de Santana-BA e Campinas-SP . . . . .	71
2.3	Proporções e números de dados do imperativo com morfologia de indicativo por Sexo/Gênero em Feira de Santana-BA e Campinas-SP . . . . .	72
2.4	Proporções e números de dados do imperativo com morfologia de indicativo por Escolaridade em Feira de Santana-BA e Campinas-SP . . . . .	73
2.5	Proporções e números de dados do imperativo com morfologia de indicativo por Situação Comunicativa em Feira de Santana-BA e Campinas-SP . . . . .	75
2.6	Proporções e números de dados do imperativo com morfologia de indicativo por Saliência do Verbo em Feira de Santana-BA e Campinas-SP . . . . .	77
2.7	Proporções e números de dados do imperativo com morfologia de indicativo por Tipo de Relação em Feira de Santana-BA e Campinas-SP . . . . .	78
2.8	Interação entre as variáveis Situação Comunicativa e Faixa Etária para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em Feira de Santana-BA . . . . .	78
2.9	Interação entre as variáveis Sexo/Gênero e Situação Comunicativa para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em Feira de Santana-BA . . . . .	80
2.10	Interação entre as variáveis Faixa Etária e Escolaridade para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em Feira de Santana-BA . . . . .	80
2.11	Interação entre as variáveis Faixa Etária e Escolaridade para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em Campinas-SP . . . . .	81
2.12	Interação entre as variáveis Situação Comunicativa e Escolaridade para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em Campinas-SP . . . . .	82
2.13	Proporções e números de dados do imperativo com morfologia de indicativo em Situação Comunicativa de Pedido por Cidade . . . . .	83
2.14	Interação entre as variáveis Faixa etária e Escolaridade para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em situação de pedido em Feira de Santana-BA . . . . .	83
3.1	Proporções e números do reconhecimento das formas imperativas em Feira de Santana-BA e Campinas-SP . . . . .	99

3.2	Proporções e números do reconhecimento da forma imperativa por Faixa Etária em Feira de Santana-BA e Campinas-SP . . . . .	100
3.3	Proporções e números do reconhecimento da forma <i>cante</i> como ordem em Feira de Santana-BA e Campinas-SP . . . . .	101
3.4	Proporções e números do reconhecimento da variação dialetal em Feira de Santana-BA e Campinas-SP . . . . .	102
3.5	Resultados das variáveis Gentil, Educada, Amigável, Inteligente e Escolarizada para percepções das formas imperativas em Feira de Santana-BA . . . . .	111
3.6	Resultados das variáveis Gentil, Educada, Amigável, Inteligente e Escolarizada para percepções das formas imperativas em Campinas-SP . . . . .	112
3.7	Resultado das variáveis Ríspida, Mandona, Antipática, Grosseira, Preguiçosa, Séria e Formal para percepções das formas imperativas em Feira de Santana-BA	115
3.8	Correlação entre as variáveis Mandona e Faixa Etária dos Participantes para o uso do imperativo em Feira de Santana-BA . . . . .	118
3.9	Resultado das variáveis Ríspida, Mandona, Antipática, Grosseira, Preguiçosa, Séria e Formal para percepções das formas imperativas em Campinas-SP . . . .	118
3.10	Resultado das variáveis qualitativas Nível de Escolaridade, Classe Social e Faixa Etária para percepções das formas imperativas em Feira de Santana-BA . . . .	122
3.11	Resultado das variáveis qualitativas Nível de Escolaridade, Classe Social e Faixa Etária para percepções das formas imperativas em Campinas-SP . . . . .	124
3.12	Atribuição da região para falantes feirenses por ouvintes de Feira de Santana-BA	125
3.13	Atribuição da região para falantes campineiros por ouvintes de Feira de Santana-BA . . . . .	125
3.14	Atribuição da região para falantes feirenses por ouvintes de Campinas-SP . . .	126
3.15	Atribuição da região para falantes campineiros por ouvintes de Campinas-SP . .	126
3.16	Gráficos de Cattell dos Componentes Principais das respostas dadas por feirenses e campineiros às 12 escalas do teste de percepção . . . . .	128
3.17	Efeito da interação entre a variável Escolaridade com Morfologia do Imperativo a respeito da variável Formação nos dados de Feira de Santana-BA . . . . .	131
3.18	Efeito da interação entre as variável Falante com Morfologia do Imperativo a respeito da variável Postura em Campinas . . . . .	133

# Lista de Tabelas

2.1	Variáveis para construção dos quadrinhos . . . . .	57
2.2	Resultado da análise de regressão logística em modelos de efeitos mistos para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em Feira de Santana-BA . . . . .	69
2.3	Resultado da análise de regressão logística em modelos de efeitos mistos para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em Campinas-SP . . . . .	70
2.4	Resultado da análise de regressão logística em modelo de efeitos mistos para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em Situação Comunicativa de pedido em Feira de Santana-BA . . . . .	84
2.5	Resultado da análise de regressão logística em modelos de efeitos mistos para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em Situação Comunicativa de pedido em Campinas-SP . . . . .	85
3.1	Resultado da análise de regressão linear em modelo de efeitos mistos para percepção do imperativo sobre a característica ríspida em Campinas . . . . .	127
3.2	Componentes Principais gerados pelas correlações entre as respostas nas 12 escalas para ouvintes feirenses e campineiros com rotação Promax . . . . .	129
3.3	Resultado do modelo com interação entre a variável Escolaridade com Morfologia de Imperativo a respeito da variável Formação . . . . .	132
3.4	Resultado do modelo de interação entre a variável Falante com Morfologia de Imperativo a respeito da variável Compostura . . . . .	134

# Lista de Quadros

2.1	Variáveis linguísticas . . . . .	53
2.2	Saliência Fônica dos Verbos . . . . .	56
2.3	Cenas distratoras . . . . .	60
3.1	Distribuição dos estímulos de imperativo . . . . .	106

# Sumário

<b>Introdução</b>	<b>17</b>
<b>1 Fundamentação: imperativo, normas e as três ondas da Sociolinguística</b>	<b>24</b>
1.1 O imperativo para gramáticos e linguistas . . . . .	24
1.2 Normas linguísticas . . . . .	30
1.3 As três ondas da Sociolinguística e os significados sociais . . . . .	37
<b>2 Análises de produção sociolinguística</b>	<b>42</b>
2.1 Estudos sobre a expressão variável do imperativo . . . . .	42
2.2 Método . . . . .	53
2.2.1 Coleta . . . . .	61
2.2.2 Variáveis analisadas . . . . .	61
2.2.3 Hipóteses . . . . .	63
2.3 Análise dos dados . . . . .	65
2.3.1 Análise do subconjunto de dados de pedido . . . . .	82
2.4 Síntese dos resultados de produção . . . . .	86
<b>3 Análises de avaliação e percepção sociolinguística</b>	<b>88</b>
3.1 Os estudos de percepção sociolinguística . . . . .	88
3.2 Avaliações dos falantes sobre as formas variantes do imperativo . . . . .	97
3.3 Método . . . . .	102
3.3.1 Preparação dos estímulos . . . . .	103
3.3.2 Realização de teste piloto . . . . .	106
3.3.3 Hipóteses . . . . .	108
3.3.4 Coleta . . . . .	109
3.4 Análises para cidades de Feira de Santana-BA e Campinas-SP . . . . .	110
3.5 Síntese dos resultados de percepção . . . . .	135
<b>Discussão e Considerações Finais</b>	<b>137</b>
<b>Anexos</b>	<b>154</b>



## Introdução

O imperativo no Português Brasileiro tem fomentado diversos estudos linguísticos, de cunho diacrônico e sincrônico, dentro da abordagem variacionista (ALVES, 2008, 2009; ANDRADE; MELO; SCHERRE, 2007; CARDOSO, 2009; EVANGELISTA, 2010; JESUS, 2006; LACERDA, 2015; OLIVEIRA, 2017, no prelo; SAMPAIO, 2004; SAMPAIO, 2001; SCHERRE, 2007, 2004, 2012; SCHERRE; CARDOSO et al., 2007; SCHERRE; OLIVEIRA et al., 2000; SOUZA, 2019). Essas pesquisas revelam que, em contextos de pronome *você* ou *senhor*, os falantes das regiões Norte, Centro-Oeste, Sudeste e Sul utilizam predominantemente o imperativo com o verbo na forma indicativa (*evita, faz, vem*), enquanto na região Nordeste a forma predominante do imperativo tende a ser o verbo na forma subjuntiva (*evite, faça, venha*).

Por outro lado, as gramáticas tradicionais definem de modo estático a prescrição de uso dessas formas. De acordo com as gramáticas tradicionais (BECHARA, 2005; CUNHA; CINTRA, 2007; ROCHA-LIMA, 2011), o imperativo verbal da língua portuguesa é subdividido em imperativo afirmativo e imperativo negativo. No imperativo afirmativo, a segunda pessoa do singular (*tu*) e a segunda pessoa do plural (*vós*) são derivadas do presente do modo indicativo, suprimindo-se o “s” final — *falas* → *fala* (*tu*), *falais* → *falai* (*vós*) —, enquanto as terceiras pessoas do imperativo afirmativo (aí incluídas as formas *você* e o *senhor*) e as formas de imperativo negativo derivam do presente do subjuntivo — *fale* (*você, o senhor*), *não fale* (*tu, você, o senhor*).

Nota-se que a formação do imperativo tal como prescrita pela gramática tradicional se opõe à realidade de uso do imperativo apresentada por pesquisas realizadas nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, pois os falantes dessas regiões usam predominantemente o imperativo na forma indicativa, sem a associação com o pronome *tu*. Isso ocorre de forma natural, espontânea e, vale destacar, sem estigma. Conforme Scherre (2012), a regra de formação do imperativo no português europeu, que persiste ainda em muitas gramáticas tradicionais do português brasileiro, não cobre a realidade linguística de muitas comunidades.

Isso mostra que a equação entre forma padrão e forma de prestígio observada em muitos estudos linguísticos nem sempre é inequívoca (MILROY, 2001). Diferentemente do que ocorre com outras variáveis sociolinguísticas, como por exemplo as concordâncias nominal e verbal, amplamente estudadas na Sociolinguística (p.ex., *meus filhos/ meus filho, eles adoram/*

*eles adora*; Braga (1977); Naro e Scherre (1993); Scherre (1994; 1988), *inter alia*), para a expressão do imperativo há uma assimetria entre o valor social das formas em variação e a forma prescrita pela gramática. Em princípio, as pesquisas sobre o imperativo não revelaram estigma ou qualquer tipo de avaliação negativa quanto às formas de imperativo com morfologia indicativa; por outro lado, há indícios de que as formas com morfologia subjuntiva são associadas a noções de “rispidez” ou “grosseria” (OLIVEIRA, 2017; SCHERRE, 2004).

Scherre (2004) comenta que falantes que hoje usam o imperativo com morfologia indicativa afirmam que é a forma subjuntiva que funciona como reforço de ordem. A autora ainda informa que as linguistas Rosa Virgínia Mattos e Silva e Dinah Callou, em comunicação pessoal, defenderam a hipótese de que os falantes de Salvador, que usam maciçamente o imperativo com morfologia de subjuntivo, não interpretam o imperativo associado à forma indicativa dos falantes das regiões Sul e Sudeste como uma ordem rude. Essas afirmações, associadas a relatos de experiências de falantes nordestinos que, ao irem para cidades na região Sudeste e falarem expressões imperativas associadas à forma subjuntiva, foram considerados mais ríspidos e mandões, despertaram o interesse em compreender quais significados sociais, para além de “estigma”/“prestígio”, vêm a se associar a diferentes formas de expressão do modo imperativo.

A maior parte dos estudos supracitados concentra suas análises na produção linguística, ou seja, as discussões sobre a expressão variável do imperativo situam-se no mapeamento de padrões de variação em diferentes localidades, descrevendo os usos linguísticos dos falantes e as macrocategorias sociodemográficas que com eles se correlacionam, deixando de lado significados sociais que também são relevantes para entender a variação linguística. Entretanto, mais recentemente, os estudos sociolinguísticos têm se voltado para a análise não só de padrões de variação a partir da fala de indivíduos, mas também para como os falantes percebem e interpretam diferentes variantes linguísticas, e como determinadas variantes vêm a se associar a certos significados sociais. Tal preocupação decorre sobretudo de estudos da chamada “terceira onda da Sociolinguística” (ECKERT, 2012; MENDES, 2017), que centra o estudo da variação em comunidades menores e assume a necessidade de investigar categorias sociais locais, arraigadas nas vivências dos falantes.

As variáveis morfossintáticas, de modo geral, parecem apresentar um menor grau de estratificação social e ser relativamente menos perceptíveis para observação e avaliação por parte da comunidade de fala (LABOV, 1993; MENDES, 2018; SANTOS, 2020), sobretudo no que tange a “estigma” e “prestígio”. No entanto, os significados sociais não necessariamente se restringem apenas a essas noções (ECKERT, 2012). A variação linguística está imbuída de significados sociais, por ser o *locus* privilegiado de expressão e atribuição de identidades, o que aponta para a necessidade de se entender mais especificamente quais são os possíveis significados de usos linguísticos e sua relevância para a comunidade que deles se vale (CAMPBELL-KIBLER, 2009).

Nesse contexto, entende-se que para compreender como a linguagem está ligada ao espaço social, é fundamental não apenas entender como as pessoas falam, mas também como elas ouvem as variantes linguísticas e como suas percepções em relação à fala influenciam o sistema linguístico. Os testes de percepção são, pois, um meio para entender quais inferências as pessoas fazem e quais julgamentos atribuem a outros falantes ao ouvi-los.

De acordo com as questões acima levantadas, esta pesquisa tem como objetivo central analisar a produção e a percepção sociolinguísticas das formas de imperativo em duas comunidades, uma da região Nordeste — Feira de Santana-BA — e outra da região Sudeste — Campinas-SP —, a fim de compreender como se configura a variação entre as formas com morfologia indicativa e subjuntiva. Mais especificamente, objetiva-se (i) comparar os resultados de produção linguística por parte de falantes de Feira de Santana-BA e de Campinas-SP, por meio da identificação dos contextos linguísticos e sociais que condicionam os usos das variantes; e (ii) depreender quais são as percepções, na forma de significados sociais, das variantes associadas ao indicativo e ao subjuntivo na expressão do modo imperativo por parte de diferentes grupos de ouvintes (feirenses e campineiros, de diferentes perfis sociais).

Dessa forma, para mais bem entender o fenômeno variável do imperativo, esta pesquisa coaduna estudos de produção e percepção linguística, indo além do mapeamento de padrões de variação em diferentes localidades e das descrições mais diretas entre comportamento linguístico e fatores sociais, já que a variação linguística não é apenas reflexo dessas diferenças, mas também é usada pelos falantes para se posicionarem dentro do mundo social e reconstruí-lo (ECKERT, 2012).

Para realização de tal investigação, foram coletados dados nas cidades de Feira de Santana-BA e Campinas-SP. As duas cidades, além de importantes entroncamentos rodoviários que impulsionam a dinâmica econômico-social nas vocações agropecuárias, comerciais e industriais, são cidades interioranas, cujos usos do imperativo ainda não tinham sido descritos e analisados, já que os trabalhos sobre o uso variável do imperativo até o momento se concentram em amostras das capitais.

Feira de Santana<sup>1</sup> se localiza no centro-norte baiano, a 108 km da capital do Estado, Salvador-BA, sendo o maior município interiorano do Norte-Nordeste do Brasil, com uma população de 624.107 habitantes. A cidade é considerada o principal centro urbano, político, educacional, tecnológico, econômico, industrial, financeiro, administrativo, cultural e comercial do interior da Bahia e um dos principais do Nordeste, exercendo influência sobre centenas de municípios do estado. Ela é a segunda cidade mais populosa da Bahia, tendo, inclusive, uma

---

<sup>1</sup> As informações sobre a cidade de Feira de Santana foram coletadas no *site* da Câmara Municipal de Feira de Santana, <http://www.camarafeiradesantana.ba.gov.br>, e no *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/feira-de-santana.html>. Último acesso em 20/08/2022.

população mais numerosa do que nove capitais brasileiras: Aracaju-SE, Boa Vista-RR, Cuiabá-MT, Florianópolis-SC, Macapá-AP, Palmas-TO, Porto Velho-RO, Rio Branco-AC e Vitória-ES<sup>2</sup>. Como cidade interiorana mais influente da região Nordeste, é bastante conhecida e visitada. Sua localização é privilegiada, facilitando o acesso dos visitantes, pois se encontra num dos principais entroncamentos de rodovias do Norte-Nordeste brasileiro, e funciona como ponto de passagem do tráfego viário com destino a cidades do Brasil e a cidades do próprio Estado através das BRs 101, 116 e 324. Desde sua formação, Feira de Santana se caracteriza por ser um lugar de passagens de muitos viajantes e tropeiros, uma vez que, onde atualmente se localiza a cidade, era a estrada das boiadas, por onde se conduziam os animais que eram comercializados nas feiras que aconteciam na região. No final do século XVIII, fazendeiros locais construíram uma capela dedicada a Nossa Senhora Sant'Anna que, por sua localização privilegiada, tornou-se ponto de apoio para os viajantes que trafegavam naquela região. Ao seu redor, desenvolveu-se uma feira que se tornou um centro de negócios e ponto de referência para os viajantes. Com o grande número de feirantes, ruas foram construídas e pontos comerciais foram abertos em grande número; assim, o povoado foi elevado à vila do Arraial de Feira de Sant'Anna em 13 de novembro de 1832. Segundo o IBGE, a Lei provincial nº 1.320, de 18 de setembro de 1873, elevou a vila à categoria de cidade, com o nome de Cidade Comercial de Feira de Sant'Anna. A "Princesa do Sertão", como também é conhecida, por apresentar entrocamento de estradas e intensas atividades econômicas, adquiriu características comuns a de uma capital regional.

Por sua vez, Campinas<sup>3</sup>, cidade interiorana da região Sudeste, está localizada a 96 km a noroeste da capital São Paulo, e, assim como Feira de Santana, é um importante polo econômico para seu Estado, uma vez que o município apresenta uma localização estratégica, sendo um eixo logístico por ter cinco das principais rodovias brasileiras a cruzando (Rodovia dos Bandeirantes, Rodovia Anhanguera, Rodovia Dom Pedro I, Rodovia Dr. Ademar Pereira de Barros, Rodovia Santos Dumont) e conectando-a com os principais mercados produtores e consumidores do país. Sua formação começou como um bairro rural próximo a uma trilha aberta em direção às minas dos Goias. Muito tropeiros, em viagem, se instalavam nesse bairro, promovendo uma maior concentração populacional e impulsionando, assim, o desenvolvimento de várias atividades de abastecimento. Nessa mesma época, muitos fazendeiros chegaram à região com o intuito de instalar lavouras de cana e engenhos de açúcar. Tal instalação transformou esse bairro rural na Freguesia Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso (1774); anos depois, a Freguesia transformou-se em vila e, com seu crescimento, em 1842, transformou-se em Cidade de Campinas. Em 2021, sua população foi estimada pelo Instituto Brasileiro de

---

<sup>2</sup> Censo do IBGE, 2021.

<sup>3</sup> As informações sobre a cidade de Campinas foram coletadas no site da Prefeitura de Campinas, <https://www.campinas.sp.gov.br/sobre-campinas/origens.php>, e do site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/campinas.html>. Último acesso em 20/08/2022.

Geografia e Estatística em 1.223.237 habitantes, sendo o terceiro município mais populoso de São Paulo e o décimo quarto de todo o país. A Região Metropolitana de Campinas, composta por 20 cidades, é a décima maior área metropolitana do país, totalizando uma população de mais de três milhões de habitantes. Hoje, ela é considerada metrópole nacional devido à dimensão dos serviços que oferece à população, além de contar com uma estrutura econômica integrada e infraestrutura complexa formada por rodovias, ferrovias, aeroportos e hidrovias.

Na presente pesquisa, através da análise de produção, buscou-se comparar o uso do imperativo nessas duas cidades interioranas, já que as análises comparativas entre variedades podem revelar aspectos sobre a variável que não seriam apreendidos em estudos que se voltam apenas a uma comunidade. Na análise de percepção, buscou-se entender quais significados as pessoas associam às formas imperativas nas duas cidades. Através dos experimentos de percepção foi possível testar empiricamente se as ideias de “rispidez” e “ordem” são realmente associadas às formas subjuntivas e por quais comunidades.

Para tanto, foram selecionados três participantes para cada célula organizada a partir das variáveis sociais Faixa Etária (18-34; 35-59; acima de 60), Sexo/Gênero (feminino; masculino), Escolaridade (até Ensino Médio; Ensino Superior), e Localidade (Feira de Santana; Campinas). No total, 72 pessoas, 36 em cada cidade, participaram dos experimentos tanto de produção quanto de percepção, o que permitiu que os resultados encontrados pudessem ser diretamente comparados.

Esta Tese está organizada em quatro capítulos. No Capítulo 1, apresenta-se o imperativo como ato diretivo; descrevem-se as perspectivas das Gramáticas Tradicionais sobre o modo imperativo no português brasileiro; e discutem-se os aspectos morfológicos, pragmáticos, sintáticos e semânticos que caracterizam as formas imperativas. O capítulo também apresenta conceitos relacionados a normas linguísticas e à influência de aspectos ideológicos de valorização social sobre o modo como as pessoas falam. Por fim, problematiza-se a relação inequívoca entre estigma/prestígio e forma padrão/não padrão, chamando atenção para existência de outros significados sociais que influenciam a construção de diferentes normas linguísticas e a relevância dos estudos de terceira onda para análise de fenômenos como o imperativo.

O Capítulo 2 trata da produção linguística. Inicialmente, apresenta os resultados de pesquisas anteriores sobre o uso variável do imperativo no português brasileiro; em seguida, explica o desenho metodológico para construção do experimento de produção (montagem do experimento, coleta dos dados, variáveis analisadas e hipóteses); e por fim discute os resultados encontrados para o uso do imperativo nas cidades de Feira de Santana e Campinas através de análises feitas na plataforma R (R CORE TEAM, 2020).

O Capítulo 3, por sua vez, volta-se à percepção linguística. Para tanto, resenha os resultados de pesquisas anteriores sobre percepção sociolinguística; apresenta a técnica metodológica de estímulos pareados (LAMBERT et al., 1960), utilizada para apreender os significa-

dos sociais atrelados às variantes do imperativo; descreve a coleta de dados, variáveis analisadas e hipóteses; e discute os resultados encontrados para o teste de percepção sobre o imperativo através das análises realizadas na plataforma R (R CORE TEAM, 2020).

O capítulo final sintetiza os principais achados da pesquisa. Em relação à análise de produção, observa-se que as normas linguísticas para Feira de Santana e Campinas são diferentes para o uso das formas imperativas. Em Feira de Santana, os falantes utilizam predominantemente as formas associadas ao subjuntivo, mas observa-se uma mudança em progresso, uma vez que os falantes de primeira faixa etária (18-34) favorecem o uso das formas imperativas associadas ao indicativo. A mudança é liderada pelos menos escolarizados e não houve correção significativa quanto ao Sexo/Gênero dos participantes. Entre variáveis linguísticas – Situação Comunicativa, Saliência do Verbo, Tipo de Relação entre interlocutores –, apenas a variável Tipo de relação não se correlaciona ao uso do imperativo. A situação comunicativa de pedido e os verbos menos salientes (menos marcados) favorecem o uso das formas imperativas associadas ao indicativo. Em Campinas, a mudança está mais avançada, uma vez que os falantes de primeira (18-34) e segunda faixas etárias (35-59) utilizam predominantemente as formas imperativas associadas ao indicativo em proporções mais elevadas do que em Feira de Santana. Quanto às demais variáveis sociais, não houve correlação significativa com Escolaridade e Sexo/Gênero para o uso das formas imperativas. Das variáveis linguísticas, apenas Situação Comunicativa se correlaciona ao uso do imperativo, mostrando que os contextos de pedido favorecem as formas imperativas associadas ao indicativo.

A respeito dos resultados de percepção, a expectativa inicial era que os feirenses e campineiros percebessem diferentemente as formas de imperativo. Essa expectativa foi estimulada pelos comentários metalinguísticos apresentados na discussão sobre avaliação do imperativo, os quais mostram que, em seu discurso consciente sobre a variável, os ouvintes feirenses de primeira faixa etária apontam as formas subjuntivas como mais ríspidas, enquanto os ouvintes campineiros indicam a forma associada ao subjuntivo como uma variante do Nordeste. Entretanto, de modo geral, os ouvintes feirenses e campineiros, no teste *matched-guise*, não diferenciam as formas indicativas e subjuntivas de expressão do imperativo quanto à atribuição de características aos falantes (Gentil, Educado, Ríspido, Amigável, Inteligente, Mandão, Sério, Escolarizado, Antipático, Formal, Grosseiro e Preguiçoso). Em Análise de Componentes Principais, a interação entre a variável Escolaridade e Morfologia de Imperativo no julgamento do Componente Principal *Formação* indicou que ouvintes feirenses menos escolarizados consideraram as vozes que pronunciaram formas indicativas mais inteligentes e escolarizadas. Esse resultado somado aos metacomentários proferidos por falantes mais novos indicam que provavelmente as percepções das formas imperativas estão em processo de mudança, indicando o surgimento de novos significados sociais atrelados às variantes de imperativo. Tais significados provavelmente não estão associados às prescrições gramaticais, mas sim a quão polida ou

ríspida as variantes do imperativo são percebidas pelos falantes de primeira faixa etária, uma vez que de forma geral a ideia de polidez está associada à escolarização. Além disso, de forma ampla, as análises indicam que não há uma relação inequívoca entre produção, percepção e avaliação em estudos linguísticos, sendo importante pesquisas que se dediquem a analisar conjuntamente os usos, julgamentos e percepções sobre uma variável, promovendo, assim, sua análise mais global.

# Capítulo 1

## Fundamentação: imperativo, normas e as três ondas da Sociolinguística

Neste capítulo apresenta-se uma descrição geral do imperativo, bem como se discute a complexa relação entre normas linguísticas e os diferentes significados sociais atrelados à variação linguística das formas imperativas. Inicialmente, caracteriza-se o imperativo como uma expressão diretiva e deôntica; em seguida, descrevem-se as perspectivas de diferentes gramáticos sobre as formas imperativas e suas prescrições; revisam-se os aspectos morfológicos, pragmáticos, sintáticos e semânticos que caracterizam as formas imperativas no português brasileiro; discutem-se também as diferentes normas linguísticas associadas ao imperativo nas regiões Sudeste e Nordeste, a associação entre normas linguísticas e os significados sociais das formas imperativas e a importância dos estudos de terceira onda para a análise dos significados sociais para além do eixo estigma-prestígio.

### 1.1 O imperativo para gramáticos e linguistas

Sabe-se que as modalidades da linguagem estão relacionadas à forma como o enunciador se posiciona em relação à mensagem que será expressa, ou seja, o seu valor modal. Os modos no português brasileiro são classificados, de forma geral, como *indicativo*, *subjuntivo* ou *conjuntivo* e *imperativo*. Observa-se que o imperativo tem como função principal provocar uma mudança no comportamento do interlocutor, tendo, portanto, um valor deôntico, uma vez que essa modalidade refere-se a uma atitude pela qual o locutor intenta promover uma ação ou comportamento em seu interlocutor.

A modalidade deôntica é expressa através dos atos de fala diretivos que, segundo Cardoso (2009), se caracterizam por conter um objetivo e uma força expressiva que pode ser

suavizada ou não em função da intenção do falante e do efeito que ele quer produzir sobre o outro. Dessa forma, através dos atos diretivos, ou seja, das formas imperativas, obtém-se um comportamento determinado com base em uma força expressiva imposta ao interlocutor.

Os atos diretivos podem exprimir ordem, pedido, instrução, súplica, convite, permissão e sugestão que, por sua vez, podem acontecer através de outras formas de expressão que não o modo imperativo, como, por exemplo, frases nominais (*Silêncio!*), interrogativas (*Poderia me ajudar?*), verbo no infinitivo (*Não jogar lixo!*) e verbo no gerúndio (*Andando!*) (CUNHA; CINTRA, 2007). Ainda que essas formas possam preencher ocasionalmente o mesmo fim, sempre terão uma função secundária, pois cabe ao modo verbal imperativo a expressão morfológica da modalidade deôntica. Além disso, o foco desta pesquisa não são as frases imperativas e sim a variação linguística expressa através das variantes do modo verbal imperativo, cuja realização está associada a fatores morfológicos, pragmáticos, sintáticos e semânticos que serão discutidos mais adiante. Antes dessa discussão, porém, vale entender como o imperativo é apresentado nas gramáticas normativas.

Ao estudar um fenômeno linguístico em variação, é importante compreender seus aspectos normativos, uma vez que as gramáticas, ainda que não representem o vernáculo, podem influenciar o encaixamento linguístico e social de variantes em uma comunidade. Nessa perspectiva, pontuam-se conceitos e descrições do modo imperativo apresentados pelos gramáticos Bechara (2005), Cunha e Cintra (2007) e Rocha-Lima (2011).

De forma geral, observa-se que as gramáticas tradicionais pouco se debruçam sobre a discussão das formas imperativas, havendo apenas seções curtas sobre o modo imperativo e nenhum adendo a respeito do seu uso na fala das diversas comunidades brasileiras. Na descrição dos gramáticos Bechara (2005), Cunha e Cintra (2007) e Rocha-Lima (2011), o imperativo verbal da língua portuguesa é subdividido em imperativo afirmativo e imperativo negativo. Para o imperativo afirmativo, tanto a segunda pessoa do singular (*tu*) como do plural (*vós*) advêm do presente do modo indicativo, apagando-se o “s” final – *cantas – canta (tu), cantais – cantai (vós)* –, ao passo que as terceiras pessoas do imperativo, sejam formas afirmativas ou negativas, advêm do presente do subjuntivo – *cante (você, o senhor), não cante (tu, você, o senhor)*.

Mais especificamente, Bechara (2005, p. 222) define o modo imperativo como “um ato que se exige do agente”, mas não discute mais detalhadamente seu funcionamento; acrescenta apenas que o infinitivo pode substituir o imperativo com valor de ordem e que, para suavizá-la, pode-se usar o verbo *querer* como modalizador, como nos exemplos em (1).

- (1) a. Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras senão estas: Fartar, rapazes.  
b. Queira aceitar meus cumprimentos.

Cunha e Cintra (2007, p. 476) classificam o modo imperativo como aquele que tem como intuito

exortar do interlocutor o cumprimento de ação indicada pelo verbo. Como no imperativo o “indivíduo que fala se dirige a um interlocutor”, este modo só admite as pessoas que indicam aquele a quem se fala, ou seja, as segundas pessoas (*tu* e *vós*), as terceiras pessoas expressas através dos pronomes de tratamento (*você* e *o senhor*) e a primeira pessoa do plural (*nós*), quando o próprio indivíduo cumprirá a ordem/pedido/súplica que está dirigindo a terceiros.

Eles afirmam ainda que a entonação empregada pelo falante pode denotar uma ordem, um pedido, um conselho ou uma sugestão. Essas intenções podem ser acompanhadas de recursos linguísticos no momento do ato diretivo, os quais podem reforçar ou atenuar a ideia de ordem ou pedido. Conforme [Cunha e Cintra \(2007\)](#), a intenção comunicativa do falante pode ser tanto reforçada através da repetição e do uso de advérbios (*rápido, agora*), quanto atenuada por expressões de polidez (*por favor, por gentileza*).

De modo semelhante, [Rocha-Lima \(2011, p. 176\)](#) afirma que o modo imperativo é utilizado para se “dirigir a uma ou mais pessoas, para manifestar o que se quer que ela faça”, entretanto não detalha como [Cunha e Cintra \(2007\)](#) os contextos comunicativos de uso, fazendo referência apenas a situações de ordem. O autor deixa claro que formas imperativas não devem ser utilizadas em 1ª pessoa e que só têm um tempo verbal, o presente, que também se aplica às ordens que se dão para o futuro e passado, como nos exemplos em (2).

- (2)
- a. Faça o que lhe digo.
  - b. Faça o que eu lhe disser.
  - c. Faça o que eu lhe disse.

Conforme [Faraco \(1986, p. 5\)](#), não há um consenso entre os gramáticos sobre as formas imperativas indicativas serem próprias ou derivadas. Autores como [Mattoso Camara Junior \(1972\)](#) e [Pontes \(1972\)](#) consideram o imperativo afirmativo não uma forma imperativa tradicional, mas uma forma da 3ª pessoa do presente do indicativo. [Faraco \(1986\)](#), por outro lado, discorda dessa perspectiva ao afirmar que o que se observa é uma homofonia criada entre a 2ª pessoa do singular do imperativo e a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, como resultado histórico da queda do *-t* final da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo latino *cantat-canta*, não havendo, pois, uma relação direta entre imperativo afirmativo e o indicativo.

Ainda diferentemente do que se observa nas gramáticas, [Faraco \(1986, p. 3\)](#) considera que no português brasileiro há três pares de formas imperativas:

1. *Canta/ não cantes* (português europeu): formas tradicionais da 2ª pessoa do singular, amplamente utilizada em Portugal.
2. *Cante/ não cante* (português brasileiro e europeu): usadas no Brasil como formas singulares básicas do imperativo e, em Portugal, correspondendo a *você* e todas as outras formas de tratamento não familiar.
3. *Canta/ não canta* (português brasileiro): formas peculiares, pois estão em oposição

às formas citadas anteriormente, além da forma diretamente negada *não canta* estar em oposição ao par padrão de 2ª pessoa do imperativo.

Segundo Faraco (2006, p. 07), sempre que uma língua nega o imperativo com uma forma diferente do verbo, e uma forma imperativa diretamente negada emerge, esta última, mantidas as demais condições, necessariamente desenvolve uma especialização pragmática, ou seja, o falante utiliza aquela forma que for mais expressiva, ainda que precise lançar mão de formas “inesperadas”. Sendo assim, o autor levanta a hipótese de que essa “especialização pragmática” atribui uma função discursiva às formas associadas ao indicativo, a de força ilocucional ao ato de fala, como, por exemplo, reforço de uma ordem rude ou um pedido (súplica ou solicitação com marca de solidariedade); em outras palavras, o falante reforça uma relação interacional marcada por poder. Ainda que nesta pesquisa o foco não seja sobre questões pragmáticas, essa hipótese proposta por Faraco (2006) será retomada mais adiante (Seção 2.2.3, uma vez que há um contraponto entre ela e as hipóteses propostas nesta pesquisa.

Ainda de acordo com Faraco (2006), a compreensão do uso das formas imperativas no português brasileiro se associa às mudanças ocorridas no sistema pronominal do português. Sabe-se que mudanças linguísticas podem decorrer de mudanças sociais que influenciam a forma como as comunidades falam e por isso desencadeiam uma série de mudanças internas na língua. As mudanças às quais o autor se refere estão associadas à inserção e à produtividade do pronome *você* no quadro pronominal do português brasileiro, como resultado de um paulatino e gradual processo de gramaticalização, em que *você* perdeu o estatuto de forma de tratamento formal e passou a coocorrer com o pronome *tu*, marcado pela referência semântica à 2ª pessoa do discurso em concordância formal com estruturas verbais de 3ª pessoa.

Cardoso (2009) afirma que, até o século XIX, o uso do pronome *tu* era mais produtivo, sofrendo no fim desse século um declínio; nesse mesmo período, há um aumento da produtividade de *você*, que passa a concorrer com o pronome *tu*. No século XX, esse caso de variação continua, pois não há indício de substituição do *tu* pelo *você*; o que se observa é um uso variável dessas duas formas nas regiões brasileiras, cada qual com diferentes proporções de uso das formas pronominais (SCHERRE; DIAS et al., 2015).

Cardoso (2009, p. 10) complementa que as mudanças ocorridas no sistema pronominal do português brasileiro provocaram um esvaziamento dos traços lexicais codificadores de assimetrias de tratamento entre interlocutores e por isso as formas pronominais *você* e *tu* se neutralizaram e passaram a ser usadas em contextos semelhantes. Ou seja, enquanto, no português europeu, a associação à pessoa está relacionada a julgamentos de maior ou menor proximidade, já que o uso do pronome *você* se dá entre “iguais não-solidários e com interlocutores de status social inferior”, e o uso de pronome *tu* corresponde a tratamento íntimo e em expansão, no português brasileiro, não há uma distinção tão explícita. Logo, diferentemente do que se observa no português europeu, a alternância *falalfale; abre/labra; fazlfaça* no português brasileiro pode

ser expressa em contextos em que o pronome seja tanto *tu* quanto *você*. Segundo Scherre, Oliveira et al. (2000), ao invés de um divisor de interação discursiva, a alternância entre as formas imperativas no português brasileiro apresenta-se como um marcador geográfico.

Para Cardoso (2009) e Santos (2016), do ponto de vista sintático, o imperativo apresenta algumas características que lhe asseguram força diretiva. Dentre elas, citam a realização nula do sujeito, característica considerada traço indicativo desse modo verbal, como assevera Faraco (1986) ao apresentar sentenças como *canta/não canta* como típicas do modo imperativo. Santos (2016) lembra que, embora sejam mais comuns sentenças imperativas sem sujeito, elas podem acontecer com o sujeito realizado em frases, como *você veja aí a relutância dos homens*. Faraco (1986), por outro lado, afirma que sentenças como *você canta essa música agora* não seria uma sentença imperativa e sim declarativa que expressa um ato de fala impositivo. Cardoso (2009, p. 19), assim como Faraco (1986), considera que o sujeito com realização lexical permite uma leitura assertiva e não imperativa, diferentemente da realização nula do sujeito que pode ser visto nas sentenças imperativas como uma “forma de codificação gramatical do modo imperativo” no português brasileiro, evitando, assim, uma construção de sentença ambígua entre um ato de fala assertivo ou diretivo, como pode-se observar em (3).

- (3) a. Faz o dever!  
b. Ele/ Você faz o dever!

Para Cardoso (2009, p. 19), os imperativos podem ser analisados em termos das condições de verdade das proposições que descrevem a execução adequada da ordem que eles expressam; enquanto em (3-a), o objetivo é o de fazer o destinatário realizar no futuro a ação verbal que está sendo proferida no presente, em (3-b), observa-se que o objetivo do ato de fala é apenas associar o sujeito ao valor expresso pela proposição, o que possibilita a leitura ambígua.

Cardoso (2009, p. 19) afirma ainda que a ausência do tempo é outra marca das orações imperativas. Em (3-a), observa-se que a ação é proferida em um momento qualquer e será realizada ou não em um momento posterior, mas esse tempo não é definido pelo verbo, uma vez que não apresenta desinência temporal; o que pode apresentar é um advérbio que definirá se ação diretiva será em um futuro mais próximo ou mais distante. Já em (3-b), observa-se a marca de temporal no verbo, uma vez que o presente do indicativo situa o momento da asserção proferida ao sujeito.

Mateus, Brito e Duarte (2003, p. 457) afirmam que, embora o sujeito não esteja usualmente expresso nas sentenças imperativas, essas sentenças recorrentemente apresentam o vocativo, expressão nominal referencial ao sujeito. Para as autoras, nas orações imperativas afirmativas, quando uma expressão nominal pré-verbal explicitamente designa o sujeito, é interpretada como vocativo, e, normalmente, ocorre em posição periférica na frase, tanto em posição pré (4-a) como pós-verbal (4-b); nas frase em que a expressão que designa o sujeito está em po-

sição não-periférica, [Mateus, Brito e Duarte \(2003\)](#) consideram que o sujeito está focalizado, como em (4-c).

- (4) a. Senhor, arrume o carro no estacionamento!
- b. Arrume o carro no estacionamento, senhor!
- c. Arrume o senhor o carro!

[Cardoso \(2009, p. 21\)](#) menciona trabalhos que consideram o vocativo e o sujeito do imperativo duas instâncias do mesmo fenômeno. Para a autora, entretanto, no português brasileiro há critérios que diferenciam o sujeito do vocativo. Mesmo não havendo uma marca morfológica e fonológica que os diferencie, há uma entoação especial na pronúncia do vocativo, ou seja, a diferença entre o sujeito e vocativo está associada à prosódia da sentença.

Outra característica das frases imperativas está associada ao tipo de sentença em que ocorrem. Conforme [Cunha e Cintra \(2007\)](#), o imperativo afirmativo e negativo se realiza somente através de orações absolutas, orações principais ou orações coordenadas, não havendo, pois, a possibilidade de encaixamento nessas sentenças. [Cardoso \(2009, p. 22\)](#), corroborando [Cunha e Cintra \(2007\)](#), afirma que a realização das formas imperativas associadas ao subjuntivo em orações independentes assegura a leitura imperativa da frase, enquanto em orações encaixadas essa leitura fica incerta em relação ao desejo do enunciador, como se observa em seus exemplos apresentados (5).

- (5) a. Faça o dever.
- b. Espero que Joana faça o dever.

Para [Mateus, Brito e Duarte \(2003\)](#), as frases imperativas podem ser classificadas em diretas, quando são orações independentes e o ouvinte é o destinatário do ato ilocutório proferido, e indiretas, quando ocorrem em domínios de subordinação e o ouvinte é o veículo de transmissão do ato ilocutório proferido pelo locutor. Nas subordinadas imperativas, a forma verbal usual é o subjuntivo ou infinitivo, como nos exemplos em (6).

- (6) a. Diz-lhe que nos traga o café, por favor.
- b. Convince-o a não se sentar nessa cadeira.

Nota-se, entretanto, que as frases imperativas indiretas, quando associadas ao indicativo, não são possíveis de serem realizadas. [Cardoso \(2009, p. 22\)](#) apresenta exemplos que mostram a impossibilidade de tal realização, como em (7).

- (7) a. Joana, faz o dever.
- b. \*Que Joana faz o dever.

A sentença apresentada em (7-b) não pode ser considerada uma forma imperativa, pois sua realização seria agramatical no português brasileiro. Conforme Cardoso (2009, p. 22), para que sua realização fosse possível, alternando entre as formas subjuntivas e indicativas, a oração matriz ou principal precisaria estar explícita, passando a ser uma forma subjuntiva e não mais imperativa (8).

- (8) a. Acredito que Joana faça o dever.  
b. Acredito que Joana faz o dever.

Dessa forma, nota-se que as formas imperativas, quando realizadas com o indicativo, em alguns contextos, pode perder a força ilocucionária que as sentenças imperativas requerem, necessitando de âncoras discursivas, como vocativo, advérbios ou prosódia, para que não sejam equivocadamente interpretadas como assertivas e não imperativas. Nota-se ainda que, em contexto de subordinação, o uso das formas indicativas precisam do acompanhamento das orações principais, o que inviabiliza uma leitura imperativa. Cardoso (2009) complementa que a possibilidade da leitura não imperativa em sentenças associadas ao indicativo pode ser um indício de perda gradual da oposição morfológica entre sentenças imperativas na forma indicativa e na forma subjuntiva, levantando a hipótese de que as formas indicativas apresentam um traço menos marcado em termos de frequência e complexidade, enquanto a forma subjuntiva seria mais marcada, pois não depende do contexto para ter sua força imperativa assegurada.

Por fim, é importante dizer que essa força imperativa depende também do contexto semântico, uma vez que, conforme Cunha e Cintra (2007), o imperativo pode ser associado a uma ordem, súplica, pedido e conselho, podendo denotar caráter menos ou mais enfático. Segundo Santos (2016), o caráter semântico do imperativo sugere uma gradação quanto à expressividade do ato ilocutório, uma vez que, a depender do contexto, como ato diretivo, o imperativo pode apresentar maior ou menor controle do interlocutor pelo locutário, ou seja, é o tipo de interação e relação entre os interlocutores que definirão o valor semântico da sentença imperativa.

## 1.2 Normas linguísticas

A língua como meio principal de interação social entre os indivíduos de uma comunidade participa do conjunto das regras mais gerais que a governam. Assim como as atividades sociais são regidas por normas de comportamento, a linguagem também é coberta por normas e padrões (CAMACHO, 1981). Tais aspectos estão imersos em ideologias sociais, que influenciam direta e indiretamente como as pessoas se comportam, incluindo como elas falam, o que é indício de que as línguas e palavras não são neutras. Entende-se, pois, que a linguagem condensa, cristaliza e reflete as práticas sociais, ou seja, é governada por formações ideológicas.

Conforme Leite (1999, p. 29), “a língua é uma instituição ideológica disponível ao homem”, pois é através dela que o homem busca, por diferentes pontos de vistas e usos, proteger as próprias tradições da língua, defendendo que sempre há uma maneira melhor, mais pura, mais correta, livre de imperfeições, de usá-la; ou seja, como ferramenta ideológica, o ser humano buscará adequá-la às necessidades e interesses do grupo social a que pertence.

Os aspectos ideológicos, atrelados aos aspectos históricos, culturais e políticos, são fatores determinantes para a criação de padrões linguísticos que determinam o que é “correto” ou não no uso da língua, indicando que nem todas as variedades dialetais e nem todas as formas linguísticas usadas em uma determinada comunidade são igualmente aceitas. Uma delas — ou uma forma idealizada de uma delas — é escolhida como a variedade-padrão, enquanto as demais são vistas como não-padrão. Esses conceitos, porém, precisam ser mais bem delimitados, pois, associados a eles, há outros conceitos que mais bem explicam os comportamentos linguísticos; ao mesmo tempo, sua elucidação dissipa equívocos ainda presentes quando o assunto é variação linguística do português brasileiro.

Inicialmente, deve-se esclarecer a diferença entre os conceitos de *norma padrão* e *norma culta*, que muitas vezes são empregados como sendo equivalentes. Segundo Faraco (2002), a norma padrão corresponde aos preceitos homogeneizantes da Gramática Tradicional (GT); ela é resultado do processo que visa à relativa estabilização linguística, evitando a variação e anulando a mudança. Enquanto realidade léxico-gramatical, pode-se dizer que a norma padrão é um fenômeno relativamente abstrato, uma vez que há um relativo apagamento das marcas dialetais da língua, que a colocam como uma referência linguística supra-regional e transtemporal.

Lucchesi (2002), corroborando Faraco (2002), afirma que a norma padrão corresponde às formas contidas e prescritas pelas gramáticas normativas. A norma padrão apresenta através das gramáticas, compêndio base para o ensino de língua nas escolas, uma língua pronta, sedimentada e homogênea, distante dos aspectos reais de fala. Dessa forma, a norma padrão é apresentada para os falantes como a língua em si, e todas as formas que dela diferem são consideradas desvios linguísticos.

A norma padrão tornou-se, assim, equivocadamente um ideal linguístico, já que não corresponde integralmente a nenhum conjunto concreto de manifestações linguísticas regulares e frequentes. É uma norma no sentido mais jurídico do termo: “lei, ditame, regra compulsória imposta de cima para baixo, decretada por pessoas e instituições que tentam regradar, regular e regulamentar o uso da língua” (BAGNO, 2009, p. 79).

Para Camacho (2013, 1981), o significado de norma flutua entre uma acepção implícita (concepção objetiva) e uma acepção explícita (concepção prescritiva), ainda que só a primeira deva ser considerada pela teoria da linguagem. Para o autor, a diferença essencial entre a perspectiva objetiva e a prescritiva é que a primeira se estabelece sobre uma definição

de norma baseada nas análises das frequências observáveis dos fatos funcionais, enquanto a segunda num sistema de regulamentos, que determina o que deve ser adotado entre os usos de uma língua.

Entende-se, assim, que ao lado da norma padrão (concepção prescritiva) coexiste a norma culta (concepção objetiva), que se refere às formas regularmente em uso por parte da população mais escolarizada, habituada às práticas de leitura e de escrita, e com maior poder socioeconômico e cultural. Faraco (2002) afirma ainda que é importante ter cuidado ao utilizar a expressão “cultura” para que novos equívocos não surjam, já que a expressão “cultura” no nome “norma culta” pode levar muitos a imaginar que só os falantes de tal variedade são cultos, ou seja, possuem cultura, e que os outros são incultos e ignorantes. Assim como Camacho (2013, 1981), Faraco define o termo “norma culta” como a variedade utilizada pelas pessoas que possuem mais contato com a “cultura escrita” e, por isso, tal vocábulo é utilizado.

Lucchesi (2002) apresenta acepções de norma semelhantes às de Faraco (2002) quando assevera que a norma culta é constituída pelos padrões de comportamento linguístico dos cidadãos brasileiros que têm não só formação escolar, mas também atendimento médico-hospitalar e acesso a todos os espaços da cidadania, e é influenciada, enquanto norma linguística, pelos modelos transmitidos ao longo dos séculos nos meios da elite colonial e do Império, por sua vez inspirados na língua da metrópole portuguesa. Afirma, ainda, que não há apenas uma única norma linguística, posto que, dentro de uma mesma comunidade de fala, as normas são definidas não apenas pelas diferenças nas frequências de uso das diversas variáveis linguísticas, mas, sobretudo, pelos distintos sistemas de avaliação das variantes linguísticas e as diferentes tendências de variação e mudança. O autor remete o conceito de norma a um determinado padrão coletivo de comportamento linguístico dentro de uma mesma comunidade de fala. A conjectura de diferentes normas linguísticas dentro de uma mesma comunidade decorreria da possibilidade de se identificar, no seio dessa comunidade, sistemas de avaliação social da variação linguística diferenciados, associados a processos independentes de mudança linguística.

A definição de norma apresentada por Lucchesi (2002) ecoa a acepção proposta por Labov (2008 [1972], p. 150, 158) para *comunidade de fala*: “um grupo que compartilha as mesmas normas em relação à língua; essas normas podem ser observadas em tipos de comportamentos avaliativo explícitos e pela uniformidade de padrões abstratos de variação”. Nessa conceitualização, define-se que os falantes de uma mesma comunidade de fala devem compartilhar as mesmas normas linguísticas, sejam elas conscientes ou inconscientes, havendo, pois, a existência de diferentes comunidades linguísticas que seguem diferentes normas.

O conceito de comunidade de fala apresentado por Labov (2008 [1972]) relaciona-se com o conceito de *competência comunicativa* proposto por Hymes (1991 [1979]), que explica que a competência comunicativa de um falante vai além de sua habilidade de identificar e utilizar estruturas gramaticais pertencentes a uma língua. Todo falante, ao se comunicar, está imerso

em um conjunto de atitudes, crenças, valores e motivações concernentes às características de usos de determinada língua; dessa forma, ao se comunicar, o falante se aproximará das regras de uso que lhe parecem mais adequadas para sua comunicação.

Hymes (1991 [1979]) propõe que a teoria linguística seja alocada em contextos socioculturais mais amplos, uma vez que o falante, imerso em uma comunidade, sabe quando determinado ato de fala é adequado ou não, escolhendo, dessa forma, como se expressar e, conseqüentemente, selecionando as variantes que mais bem se encaixam em seu contexto socio-comunicativo. O autor pontua que os membros de uma comunidade sabem distinguir em que medida uma forma é factualmente realizada; em que medida uma forma é apropriada e esperada em alguns contextos; e em que medida sua utilização é viável, uma vez que uma sentença pode “ser gramatical, mas inadequada, elegante, mas rara” (HYMES, 1991 [1979], p. 14), ou seja, a competência comunicativa dos falantes pode fazê-los não utilizá-la.

Vale ressaltar que, mesmo que membros de uma comunidade de fala compartilhem um conjunto comum de padrões normativos (LABOV, 2008 [1972]), não se pode entender tal padrão como sinônimo de homogeneidade linguística. Entender as diferentes normas nada mais é do que compreender como as comunidades linguísticas se comportam linguisticamente, discutindo suas semelhanças e diferenças e os motivos para que certas comunidades compartilhem traços linguísticos que outras não; ou seja, é entender a variação e os padrões normativos intra e extra comunidade e quais fatores influenciam a constituição das diferentes normas que são fixadas socialmente.

Monteagudo (2011), assim como Camacho (2013, 1981), classifica as normas como objetiva e prescritiva. Segundo o autor, para evitar possíveis confusões, é importante atentar-se à distinção entre dois adjetivos: *normal*, que quer dizer corrente, corriqueiro; e *normativo*, que quer dizer regra ou modelo. Assim, variantes normais numa variedade linguística são as mais corriqueiras e frequentes (norma objetiva), enquanto a variante normativa é de uso prescrito e obrigatório nos textos (norma prescritiva).

Faraco e Zilles (2017), de forma ainda mais detalhada, discutem os dois sentidos de “norma”: a “norma normativa” e “norma normal”. O primeiro se refere ao modo como “se deve” falar em determinados contextos, enquanto o segundo ao modo como se fala habitualmente em uma comunidade. Os autores afirmam ainda que as “normas normais” estão relacionadas a questões socio-geográficas. Cada região tem distribuição populacional, atividades econômicas e práticas culturais diferentes, e essas diferenças podem ter influência sobre como as pessoas falam. Dessa forma, a língua não pode se emoldurar em uma única norma, já que muitos aspectos contribuem para que os falantes tenham normas linguísticas distintas.

A partir desse quadro conceitual, Faraco e Zilles (2017) distinguem os conceitos de norma-padrão e norma culta de forma bastante clara. Enquanto a primeira se refere aos preceitos homogeneizantes do uso em determinados contextos, não sendo, portanto, uma norma

espontânea do funcionamento social da língua, a segunda corresponde às formas regularmente em uso por parte da população mais escolarizada, habituada às práticas de leitura e de escrita, e com maior poder cultural. Pode-se dizer, então, que a norma-padrão é a expressão que designa a “norma normativa”, enquanto a norma culta é a expressão que designa as diversas “normas normais”.

Faraco (2002) aponta que embora o padrão não se confunda com a norma culta, está mais próximo dela do que das demais normas, porque os falantes da língua que exercem o papel de codificadores e guardiões saem dos extratos sociais usuários da norma culta. Esse fator de aproximação é responsável para que, mesmo o falante do português não utilizando a norma padrão, defenda uma forma “correta” de falar e fomente o preconceito linguístico, permeando o ideário de que há uma variedade melhor que outra, normalmente aquela descrita nas gramáticas tradicionais.

Ocorre, entretanto, que as gramáticas tradicionais brasileiras seguem os padrões expressos no português europeu. Segundo Pagotto (2013), até hoje permanece uma padronização de língua cunhada ao longo do século XIX, que tem sido utilizada como parâmetro para uma suposta unidade linguística com Portugal. Essa pretensa unidade, ao ser pregada e estimulada pelos gramáticos brasileiros, passou a valor dominante, do qual os brasileiros não conseguem escapar, porque se tornou parâmetro avaliativo. Ainda conforme Pagotto (1998), na relação do sujeito com a língua, a diversidade linguística é normalmente sufocada pelo efeito simbólico de superioridade que a língua exerce sobre o sujeito. Ao observar o português brasileiro, se constata cada vez mais a distância entre as formas usuais e o padrão do português exigido e prescrito nos compêndios gramaticais; esse distanciamento, entretanto, não dissipa os efeitos simbólicos de que existem variantes melhores do que outras.

Importante ressaltar que o valor de prestígio das normas cultas ou estigma das normas populares nada tem a ver com fatores linguísticos e sim com aspectos ideológicos de valorização social, já que as variedades da língua realmente não têm prestígio em si mesmas: tais variedades o adquirem quando seus falantes têm prestígio elevado (MILROY, 2001). Além disso, esse prestígio, de modo geral, é associado à variante padrão, embora nem sempre a forma padrão coincida com a forma de prestígio (MILROY, 2001).

Para Milroy (2011), o fato de falantes de uma língua crerem que suas línguas existem em formas padronizadas, a exemplo dos nativos da língua portuguesa, afeta o modo como eles pensam sua própria língua, uma vez que tais falantes estão imersos em uma cultura de língua padrão. Essa cultura promove o processo de padronização, que pode ser resumido como a promoção da invariância ou a uniformidade na estrutura da língua. De forma geral, os estudos sociolinguísticos associam a variedade padrão à variedade de maior prestígio em vez de à variedade caracterizada pelo mais alto grau de uniformidade. Segundo Milroy (2011), essa relação é pautada na ideologia da norma-padrão, que é uma crença de “língua correta” comumente di-

fundida em sociedades que possuem línguas padronizadas e não padronizadas. Contudo essa relação padrão-prestígio precisa ser mais bem analisada, uma vez que o prestígio não está atrelado diretamente à variedade linguística, mas sim aos grupos nos quais o falante se insere; é importante entender o prestígio não como um definidor do que é “padrão”, mas sim como consequência desse padrão.

Embora com frequência seja verdade que o prestígio fica associado a variantes da língua que são definidas como “padrão”, essas duas categorias não podem ser misturadas sem causar alguma confusão e inconsistência na interpretação (MILROY, 2011). No momento em que essa relação se torna inequívoca, ou seja, as formas padrão sempre são vistas com prestígio e as formas não padrão com estigma, as interpretações dos fenômenos linguísticos se reduzem a ela; mas os sistemas de avaliação não se restringem a prestígio/estigma, pois para além dessa dicotomia há outros significados sociais que podem ser relevantes para variação linguística.

Pode-se refletir, então, que, de acordo com a relação entre língua e sociedade, “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais” (GNERRE, 1991 [1985], p. 4). Logo variantes como o imperativo com morfologia de indicativo utilizadas em regiões detentoras de poder econômico, ou seja, utilizada por falantes socialmente prestigiados, provavelmente serão aceitas e reproduzidas pelas comunidades de fala sem sofrer estigma.

Assim, as normas linguísticas podem caminhar em diferentes direções que não apenas o padrão (MILROY, 2001). No Brasil, é certo que há mais de uma norma linguística, como é certo também que elas se entrecruzam, sendo inevitável o contato entre essas diferentes normas no intercâmbio social, ocasionando múltiplas interinfluências e possíveis mudanças (FARACO, 2002). Tais mudanças são determinadas pelos polos culturais de um país, por isso, conforme Camacho (2013), o dialeto do Sudeste, particularmente aquele de São Paulo e do Rio de Janeiro, é geralmente associado com a variedade de prestígio em função do reflexo do poder e da autoridade que as classes elevadas dessa região detêm nas relações econômicas e sociais.

O imperativo é um excelente exemplo de que as normas cultas e padrão não se equivalem e que essa não equivalência nem sempre gera estigma à forma inovadora. O senso comum presente em muitas discussões sociolinguísticas é posto em xeque ao observar expressões variáveis como o imperativo, em que a norma padrão não é empregada pelos grupos de maior poder social. Por outro lado, deve-se compreender que o fato de as formas imperativas não sofrerem estigma não significa que outros significados sociais, que vão além dos aspectos avaliativos de positivo/negativo, não influenciam seus usos.

O problema da avaliação, umas das cinco questões colocadas por Weinreich, Labov e Herzog (1968) como norteadoras da Teoria da Variação e da Mudança Linguísticas, diz respeito aos significados e valores sociais que são atribuídos às formas linguísticas pelos membros de uma comunidade de fala; essas avaliações refletem os usos linguísticos, logo refletem na di-

nâmica da variação sociolinguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). É importante dizer, entretanto, que as discussões sobre avaliação por muito tempo se restringiram, nos trabalhos sociolinguísticos, aos aspectos de prestígio e estigma, mas, mais recentemente, observa-se que os estudos sociolinguísticos têm se atentado a outros significados socialmente indiciados aos usos linguísticos dos falantes (ver seção 3.1).

Uma forma pode ser considerada adequada em determinados contextos comunicativos, enquanto outras menos adequadas (HYMES, 1972). A adequação não necessariamente respeita a prescrição gramatical, uma vez que uma variante pode seguir os padrões gramaticais, mas pode ser considerada muito rebuscada e inadequada para a comunicação cotidiana. Nesse momento, os falantes farão a escolha por outra forma que considerem mais adequada e que cumpra o papel comunicativo desejado. Essa consideração de adequação/inadequação vivenciada pelos falantes pode influenciar a utilização de formas linguísticas diferentes, o que contribui para que pessoas pertencentes a comunidades distintas usem formas linguísticas dessemelhantes.

Esta pesquisa parte da descrição de estudos sociolinguísticos que observam que as regiões Sul, Sudeste, Norte e Centro-Oeste usam uma norma linguística diferente da do Nordeste, já que, enquanto aquelas tendem a usar formas imperativas associados ao indicativo, esta tende a usar predominantemente formas imperativas com morfologia de subjuntivo (ver Capítulo 2). Esse uso, entretanto, tem apresentado mudanças na região Nordeste, uma vez que trabalhos realizados em diferentes cidades evidenciaram o aumento progressivo do uso das formas indicativas (FIGUEREIDO; SOUZA, 2017; LACERDA, 2015; SAMPAIO, 2001) para expressão do imperativo. As medidas estatísticas apresentadas nesses trabalhos são reveladoras sobre os usos que predominam em uma comunidade de fala e esses usos refletem a norma, mas, para além de resultados estatísticos, é preciso que o linguista conheça os valores e significados sociais que estão por trás das normas.

A compreensão dos fenômenos linguísticos envolve muitas outras variáveis e indica ser mais complexo do que apenas aspectos de avaliação objetiva. Não é por acaso que Labov (2001, p. 197) reforça a importância de novos trabalhos sociolinguísticos discutirem a relação entre normas sociais e normas linguísticas através de testes de atitude subjetiva dos falantes sobre a variação. Segundo Labov (2001, p. 197), os testes de reação subjetiva (testes de percepção) são importantes por servirem como indicadores do desenvolvimento relativo de uma mudança, pois permitem comparar uma variável com outra em grau de consciência social, solidificando o conhecimento dos estágios da mudança linguística em andamento em uma comunidade.

É importante, pois, que nas pesquisas sociolinguísticas os fenômenos em variação sejam vistos de forma mais ampla, uma vez que a projeção ampliada dos estudos sociolinguísticos permite que as interpretações das mudanças linguísticas possam ser observadas considerando-se um extenso sistema de significação social do qual elas fazem parte, sendo pos-

sível examinar o que está por trás das generalizações, isto é, o pesquisador compreenderá não apenas os significados indiciados pelas variáveis, mas o processo por meio do qual as variáveis podem indiciar esses significados (ECKERT, 2005). Tal empreitada, com efeito, tem sido um dos principais interesses dos estudos da chamada Terceira Onda da Sociolinguística (Eckert 2012).

### 1.3 As três ondas da Sociolinguística e os significados sociais

Para discutir a relevância de estudar os significados sociais associados ao uso de diferentes variantes linguísticas, é pertinente entender as chamadas “ondas da sociolinguística”, que, segundo Eckert (2012, 2005), não se substituem nem se sucedem, mas apresentam modos distintos de pensar os estudos sobre variação, o que leva a novas práticas analíticas e metodológicas para entendê-la.

A primeira onda de estudos sociolinguísticos inicia-se com a pesquisa de Labov (2006 [1966]) sobre a estratificação do /-r/ pós-vocálico nas lojas de departamentos na cidade de Nova Iorque. Nessa pesquisa, Labov atestou um padrão regular de estratificação socioeconômica para a variável analisada, em que os usos das variantes estavam diretamente relacionados ao *status* socioeconômico dos falantes. Segundo Eckert (2012, 2005), os estudos de primeira onda tomam primariamente como base padrões de estratificação social em macrocategorias, como sexo, idade e classe social.

Os trabalhos de segunda onda, por sua vez, a partir de uma abordagem etnográfica, analisam a variação linguística em populações mais localmente definidas. Como bons exemplos, podem-se citar o trabalho de Eckert (2012) em uma escola do subúrbio de Detroit e o trabalho de Milroy (1987 [1980]) em comunidades de classe operária em Belfast. Conforme Eckert (2012), através dos estudos etnográficos de comunidades menores, é possível ter uma visão mais clara de como as formas de falar estão imbuídas de significado local, o que deu base ao desenvolvimento da chamada terceira onda da Sociolinguística.

A terceira onda enfatiza a prática estilística como central para o estudo da variação (ECKERT, 2012). Nos estudos de “terceira onda”, a variação é entendida como prática por meio da qual significados sociais atrelados a variantes linguísticas são construídos e não como reflexo de macrocategorias sociais. Para Eckert (2012), os estudos de terceira onda se voltam à necessidade de relacionar categorias sociais mais abstratas à experiência do falante com a sua comunidade, desvendando a atribuição de significados que regulam os usos linguísticos; nesses estudos, normalmente se dá prioridade a analisar comunidades menores, como as comunidades de práticas (um conjunto de pessoas que se reúnem em uma base regular e que são engajadas em um empreendimento comum (WENGER 2000, apud ECKERT 2005)).

No desenvolvimento de suas atividades, uma comunidade de práticas constrói normas que são compartilhadas entre seus membros e a partir das quais é possível observar os

processos sociais mais complexos que podem influenciar a forma como se comunicam. É, pois, através dos estudos de terceira onda que os significados sociais, identidades e estilos são analisados como importantes variáveis para os usos e normas linguísticas, com vistas a entender que certos elementos linguísticos podem ser empregados, veiculando outros sentidos sociais que não apenas o de prestígio (MENDES, 2019).

Segundo Mendes (2019), os falantes de uma variedade, ao se comunicarem, empregam muitas formas linguísticas, veiculando diferentes estilos de fala, que são socialmente imbuídos de significados e, mesmo que não os percebam conscientemente, esses estilos existem e permanecem em relação de contraste uns com os outros. Ou seja, os estilos de fala em uma comunidade envolvem as maneiras pelas quais os falantes, enquanto agentes pertencentes a um espaço social, com um sistema linguístico pleno de distinções e possibilidades, escolhem se comunicar.

Bueno (2019, p. 76) pontua, assim como Mendes (2019), que para que o estilo expresso em uma comunidade seja analisado, deve-se relacioná-lo a outros estilos, pois assim os diferentes significados sociais entrarão em contato e será possível contrastá-los, já que as características de um estilo em particular não podem ser explicadas independentemente de outras; pelo contrário, são os contrastes e limites entre os estilos que permitem analisar as distintividades sociolinguísticas.

Essa ideia de distintividade linguística é proposta por Irvine (2001) ao afirmar que os estilos na língua são parte de um sistema de distinção, em que um estilo sempre se contrasta com outros estilos possíveis, ou seja, as características de um estilo não podem ser analisadas isoladas de outros, sendo importante dar atenção às relações entre os estilos, observando seus contrastes, limites e semelhanças.

Nota-se, assim, que o estilo é elemento integrante da construção de significado social, uma vez que, ainda que o falante faça suas escolhas ao se comunicar, ele não está isolado da matriz social, construindo sua identidade através das participação nas comunidades de práticas que está inserido. Essa construção de identidade expressa através do estilo dos falantes fará com que as comunidades apresentem formas e normas linguísticas distintas.

Para Bueno (2019, p. 76), ao se considerar o estilo parte integral da construção do significado social, ele não poderá mais ser visto como um simples ajuste de fala. Para além disso, o estilo deve ser visto como um elemento de pertencimento ou não pertencimento de um falante a determinada comunidade de práticas, com a qual esse falante mais ou menos se identifica. O estilo não deve, pois, ser visto apenas como uma escolha pessoal. Conforme Irvine (2001), as relações entre estilos são medidas ideologicamente, ou seja, o falante de uma língua não apresenta distinções de estilo aleatoriamente; suas escolhas são pautadas ideologicamente na medida em que desejam adequar os seus usos linguísticos aos do grupo social a que desejam pertencer e no qual desejam ser aceitos.

Nesse contexto, [Irvine \(2001\)](#) e [Bueno \(2019, p. 76\)](#) concordam que o estilo construído pelo falante é, ao mesmo tempo, distintivo e ideológico, uma vez que a sua construção o define individualmente, mas inserido em um contexto social maior, já que os processos de ideologização interferirão nas escolhas linguísticas feitas pelos falantes, correlacionando, assim, a distintividade com a ideologização linguística. Dessa forma, os estilos dos falantes são ideologicamente medidos e isso acontece porque são os valores sociais atribuídos a cada variante que as tornam distintas umas das outras.

[Mendes \(2019, p. 37\)](#) afirma ainda que a expressividade de diferentes estilos de fala está diretamente associada à indicialidade dos elementos linguísticos, que pode ser expressa pela relação entre forma linguística e significados sociais potenciais, como através das relações ideológicas entre os diferentes significados que são indiciados pelas diferentes formas. Esse é justamente um dos interesses centrais dos estudos de terceira onda através dos experimentos de percepção, uma vez que, ainda que os falantes de uma língua não tenham consciência dos diferentes significados associados às formas linguísticas, eles podem influenciar a escolha de uma ou outra variante linguística.

[Eckert \(2008\)](#), ao retomar o conceito de indicialidade proposto por [Ochs \(1992\)](#), critica as pesquisas sociolinguísticas que priorizam discutir as macrocategorias sociais, encaradas de maneira fixa pelos pesquisadores, em detrimento dos significados sociais. Segundo [Eckert \(2008\)](#), não há uma relação direta entre significados sociais e variantes linguísticas. Desse modo, explorar o significado da variação requer uma análise do que está por trás dessas generalizações, uma vez que os significados se especificam em certos contextos estilísticos-ideológicos.

Para isso, [Eckert \(2008\)](#) propõe um modelo de significados sociais que se organizam em um *campo indexical*, conceito que deriva da noção de *ordem indexical*, proposta por [Silverstein \(2003\)](#). Conforme [Eckert \(2008\)](#), o fato de uma mesma variável poder ser estratificada ao mesmo tempo por categorias, como gênero e classe social, já é indício de que seus significados não estão diretamente relacionados a essas categorias, e sim que variáveis indexam categorias demográficas indiretamente, por meio de sua associação a qualidades e instâncias que fazem parte de sua construção.

Para [Silverstein \(2003\)](#), o conceito de ordem indexical é necessário pra entender como se relacionam as micro e macrocategorias sociais. Em sua discussão sobre o valor indexical da variação, o autor dialoga com os conceitos de indicador, marcador e estereótipo proposto por [Labov \(1972\)](#). Segundo [Silverstein \(2003\)](#), um índice de 1ª ordem se assemelha aos indicadores, ou seja, variáveis sociais que não sofrem pressão social. Quando as avaliações sociais que são atribuídas aos falantes passam a ser associadas às formas linguísticas, a variável se torna um marcador ou índice de 2ª ordem. Os conceitos apresentados por [Silverstein \(2003\)](#) diferem dos de [Labov \(1972\)](#) por admitir que um índice pode ter diversas interpretações, ou seja, a indexação de novos significados sociais está atrelada aos diferentes contextos e práticas

comunicativas dos falantes.

Nota-se, assim, que Eckert (2008), ao propor estudos sociolinguísticos que analisem os campos indexicais, defende que o favorecimento do uso de uma variante por determinada categoria macrosocial não pode ser considerado fixo, uma vez que, associado às variantes, há um campo vasto de significados ideologicamente relacionados e que podem ser ativados no seu uso, ou seja, o campo é fluido e são as conexões ideológicas que são responsáveis pelas possíveis mudanças de campo. Entende-se, assim, que “a variação constitui um sistema indexical que incorpora ideologia na linguagem e que, por sua vez, é parte integrante da construção da ideologia” (ECKERT, 2008, p. 454).

Dessa forma, segundo Eckert (2008, p. 464), já que os falantes usam determinadas variantes não apenas como reflexo de seu lugar no mapa social, mas também como reafirmação de um movimento ideológico, as variantes têm campos indexicais em vez de significados fixos, uma vez que, quando um falante utiliza determinada variante, tal uso não é apenas uma “invocação de um valor indexical pré-existente, mas uma reivindicação indexical que pode invocar um valor pré-existente ou reivindicar um novo valor”. A autora apresenta como exemplo o estudo de Labov realizado em Martha’s Vineyard, em que os pescadores da ilha, ao se apropriarem do sistema centralizador da variante /ay/, não estavam simplesmente alegando ser vineyardenses, mas estavam fazendo uma afirmação sobre o que é um vineyardense.

O trabalho de Mendes (2018) (ver Capítulo 3) é um bom exemplo para se pensar como os campos indexicais são configurados. Em um dos seus experimentos, os resultados mostraram as associações feitas pelos ouvintes para as variantes padrão e não padrão de concordância nominal – CN<sub>p</sub> e CN<sub>Ø</sub> – em quatro vozes masculinas. Dentre as características analisadas (mais ou menos escolarizados, mais ou menos amigáveis, mais ou menos efeminados, mais ou menos formais, mais ou menos inteligentes etc.), Mendes (2018) observou que todos os quatro falantes foram percebidos como homens que soam mais masculinos quando não realizam a concordância nominal. A característica “menos efeminado” pertence ao campo indexical da concordância nominal, dentre tantas outras características que o formam, uma vez que, como afirma Eckert (2008), os significados não são estáticos e qualquer significado do campo indexical que seja associado a uma variante dependerá do estilo e das ideologias dos falantes de uma comunidade.

Nesta pesquisa, ao observar as diferentes normas linguísticas nas cidades de Campinas e Feira de Santana, definindo quais variáveis linguísticas e sociais condicionam o uso do imperativo, recorreu-se a macrocategorias como Escolaridade e Sexo/Gênero, comumente analisadas em trabalhos de primeira onda, captando, através de um retrato estatístico, as tendências mais amplas de uso das formas imperativas, relacionando-as aos trabalhos anteriores realizados sobre essa variável no Brasil.

Mas, para além dessa categorização, ao analisar as percepções dos ouvintes campi-

neiros e feirenses sobre as formas imperativas associadas à morfologia indicativo e subjuntivo, vemos os participantes da pesquisa como agentes articuladores da variação linguística; eles não são vistos como uma entidade à parte do processo, pairando sobre o espaço social (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1992), mas sim um conjunto de pessoas que apresenta percepções linguísticas sobre o imperativo, que, mesmo inconscientemente, influenciam a forma como falam e o processo de variação e mudança linguística desse fenômeno.

A associação de instrumentos de primeira e terceira onda neste trabalho permite uma visão mais detalhada de como a variação linguística acontece. As percepções dos falantes sobre as variantes do imperativo, diferentemente dos comentários metalinguísticos, podem revelar aspectos muitas vezes inconscientes sobre uma variável linguística, os quais, podem influenciar diretamente as escolhas por uma variante, ainda que o falante de uma língua não perceba, pois, segundo Eckert (2012), ainda que nem toda variação seja conscientemente controlada ou socialmente significativa, ela recebe significado social.

## Capítulo 2

# Análises de produção sociolinguística

Este capítulo tem como objetivo descrever os padrões de variação entre as formas imperativas nas cidades interioranas de Feira de Santana e Campinas. Para isso, apresenta-se uma revisão da literatura sobre a expressão variável do modo imperativo nas regiões Nordeste e Sudeste, discutindo-se os fatores condicionantes para tal variável (Seção 2.1); descrevem-se os aspectos metodológicos para construção e realização do experimento de produção (Seção 2.2); discutem-se, a partir da análise de amostras de fala coletadas nas duas cidades, os padrões de uso das formas imperativas (indicativo ~ subjuntivo) e seu encaixamento linguístico e social (Seção 2.3); e apresenta-se uma análise do subconjunto de dados de orações imperativas que se configuram como “pedido”, com o intuito de compará-lo aos dados de percepção (Seção 2.3.1).

### 2.1 Estudos sobre a expressão variável do imperativo

Uma discussão precursora sobre as formas imperativas foi lançada por Faraco (1986), que se voltou à incongruência entre a descrição normativa de uso das formas imperativas e a verdadeira realidade de uso de tais formas. O autor observou que as sentenças imperativas no português brasileiro, na 2ª pessoa do discurso, ocorrem de duas formas: associadas à morfologia de subjuntivo (*cantel/não cante*) e associadas à morfologia de indicativo (*canta/não canta*) – esta última, diferente do padrão prescrito. Faraco (1986) classifica as formas subjuntivas como as formas imperativas básicas do português brasileiro, considerando-se hoje o uso predominante do pronome *você* como forma neutra de tratamento do interlocutor. O autor, no entanto, salienta que as formas associadas à morfologia indicativa, do ponto de vista histórico, é a forma originária, e é amplamente usada na conversação diária, havendo ocorrências de tais sentenças não apenas na fala, mas nos textos da literatura contemporânea brasileira.

Na busca por entender a realidade socio-histórica das formas imperativas, ele dis-

cute que as mudanças pelas quais o sistema de tratamento do português brasileiro passou com a entrada do pronome *você* levaram a uma simplificação do paradigma verbal, determinando uma concentração de funções sobre a 3ª pessoa do verbo e mudando a configuração das formas imperativas que passaram a ser empregadas com a forma subjuntiva, antes reservada a formas de tratamento de estrutura *VOSSA + N*. Nesse contexto, o autor lança como hipótese que as formas indicativas “sobreviveram” no português brasileiro, porque passaram por um processo de “especialização pragmática” (FARACO, 1986, p. 7): as formas indicativas passaram a ter uma nova função discursiva, a de reforço de ordem.

Scherre (2004), por outro lado, discorda da hipótese levantada por Faraco (1986). Ao discutir o estudo que fez com base em revistas da Turma da Mônica, do escritor paulista Maurício de Sousa, pontua que as nuances funcionais propostas por Faraco (1986) não foram comprovadas. Comenta ainda que falantes que hoje usam maciçamente o imperativo na forma indicativa afirmam que é a forma subjuntiva que funciona como reforço de ordem. Essa hipótese, porém, não foi testada, o que leva a autora a afirmar que, até prova em contrário, considera que o reforço ou a atenuação dos atos de fala imperativos são marcados pela entonação ou pela presença ou ausência de modalizadores.

Scherre, Cardoso et al. (2007) apontam também que a alternância entre as formas imperativas no português brasileiro evidencia-se como um marcador geográfico. Muitas pesquisas sociolinguísticas realizadas sobre o imperativo nas regiões Sudeste, Sul, Norte e Centro-Oeste revelam o uso frequente da forma imperativa associada à morfologia de indicativo (*andal/come/pede*), enquanto na região Nordeste é a morfologia de subjuntivo (*andel/comal/peça*) a mais utilizada (ALVES, 2009; CARDOSO, 2012; CARDOSO, 2009; EVANGELISTA, 2010; NUNES; SCHWENTER, 2015; OLIVEIRA, 2017, no prelo; SAMPAIO, 2001; SANTOS, 2016).

Sampaio (2001) analisou a variação do imperativo em amostras que compõem registros de fala de Salvador e Rio de Janeiro na década de 1970 e na década de 1990, a partir de inquéritos dos Projetos NURC (Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta), PEPP (Programa de Estudo do Português Popular) e PF (Projeto do Português Fundamental). Ao comparar os padrões nas duas cidades, notou grandes diferenças entre as proporções de variantes, revelando a variação diatópica em ambos os períodos. Para as amostras da década de 1970, Sampaio (2001) obteve poucos dados da expressão do modo imperativo — 30 para Salvador e 32 para o Rio de Janeiro. Seus resultados apontam, na cidade de Salvador, para o uso do imperativo associado ao subjuntivo — 17 das 30 ocorrências (57%). Na cidade do Rio de Janeiro, apenas uma forma verbal subjuntiva foi encontrada, contra 31 formas verbais associadas ao indicativo, o que indica o uso quase categórico da forma indicativa do imperativo entre cariocas. Para a década de 1990, das 479 ocorrências de construções imperativas coletadas em Salvador, 343 (72%) foram associadas ao subjuntivo, enquanto no Rio de Janeiro foram depreendidas 258 ocorrências de

construções imperativas, apenas 15 das quais (6%) associadas ao subjuntivo. A autora controlou as variáveis linguísticas Paradigma do verbo, Forma de pronome complemento, Paralelismo formal, Tipo de discurso, Tipo de frase e Marcador conversacional, e as variáveis sociais Faixa Etária, Nível de escolaridade e Gênero. Os resultados indicam mais especificamente uma mudança em curso numa fase inicial em direção à forma indicativa em Salvador e uma mudança em progresso numa fase mais avançada no Rio de Janeiro, a considerar-se pelo percentual de 100% de frequência da forma indicativa na fala dos mais jovens. Em Salvador, são os mais escolarizados que mais utilizam as formas indicativas, diferentemente do Rio de Janeiro, em que são os menos escolarizados que mais empregam as formas indicativas. Confirma-se também a atuação do princípio de saliência fônica, ao se observar que os falantes tendem a usar mais as formas indicativas com os verbos regulares que apresentam formas menos salientes, como *canta/bate*.

Assim como Sampaio (2001), Cardoso (2009) se preocupou em analisar o imperativo em diferentes localidades. Ainda que seu trabalho tenha como foco analisar a influência das variáveis Gênero e Identidade do falante no contato linguístico de fortalezenses moradores de Brasília, ele ganha destaque aqui por mostrar que na fala dos brasilienses a forma de imperativo segue predominantemente a morfologia indicativa, diferentemente da fala dos fortalezenses, que tendem a utilizar o imperativo associado ao subjuntivo. Como fenômenos morfossintáticos são de difícil captura em entrevistas sociolinguísticas, para os fortalezenses moradores em Brasília, Cardoso (2009) obteve dados por meio de gravações em entrevistas direcionadas – metodologia semelhante à que se emprega na presente pesquisa (ver Seção 2.2). Para que os dados emergissem, foram usadas tirinhas da Turma da Mônica cujas ações dos personagens estimulassem o uso de expressões diretivas. Inicialmente, Cardoso (2009) fazia perguntas em relação à tirinha e depois pedia ao entrevistado para associar as situações ilustradas ao seu cotidiano, de modo a obter um número expressivo de ocorrências imperativas.

Para analisar a fala dos moradores em Fortaleza, a autora utilizou os *corpora* do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT), no qual encontrou uma proporção de 66% de imperativo associado ao subjuntivo, e do Projeto Dialetos Sociais Cearenses (DSC), cuja proporção da variante foi de 56%. Esses percentuais foram invertidos quando se analisou a fala de 16 migrantes em Brasília, já que eles incorporaram a forma comum na capital do país – imperativo com morfologia de indicativo (68%). Ou seja, enunciados como ‘*vem cá, pega o livro!*’, passaram a fazer parte de sua fala com mais frequência. A autora analisou as variáveis Paralelismo discursivo, Polaridade da estrutura, Presença/ausência de vocativo, Âncoras discursivas, Tipo, posição e pessoa dos pronomes oblíquos, Tipo de verbo, Interação entre falantes, Faixa Etária, Escolaridade e Gênero/identidade do falante. Dessas variáveis, é importante destacar que os resultados mostram grande atuação do Gênero e Identidade dos Falantes no processo de variação e mudança na fala de fortalezenses que residem em Brasília. As mu-

Iheres e os homens avançaram em direção ao uso das formas indicativas, mas as mulheres, por pressões adaptativas e de ascensão social, favorecem-nas. Mostra-se ainda que, em ambos os *corpora*, falantes mais novos se dirigem aos mais velhos utilizando formas indicativas, ao passo que os mais velhos desfavorecem o uso dessa forma ao se dirigirem aos mais novos, e falantes hierarquicamente iguais favorecem as formas indicativas.

Cardoso (2012) também faz uma análise comparativa, mas entre duas cidades no estado de Santa Catarina: Lages e Florianópolis, com o objetivo de contribuir com a constituição de uma isoglossa para o uso do imperativo no Brasil. Para construção do trabalho, o autor utilizou o banco de dados do projeto Varsul (Variação Linguística do Sul do Brasil). Seus resultados gerais apontam que enquanto Florianópolis se comporta como uma cidade de elevada produção de formas imperativas indicativas (86%, P.R 0.70), Lages apresenta-se como uma localidade mais retentora de formas imperativas subjuntivas (66%, P.R 0.30). O autor considera que os fatores cruzados, cidade e formas de tratamento, estão balizando ou regulando o uso cambiante das formas imperativas nessas duas cidades. Além da forma de tratamento, as variáveis Polaridade da estrutura, Extensão silábica, Item lexical e Idade são significativas, seguindo a tendência de outros trabalhos sociolinguísticos realizados no Brasil. Mais especificamente, vale comentar que os mais jovens lideram o processo de mudança em direção a uma maior predileção por formas indicativas em ambas as cidades, embora esse processo se revele menos avançado em Lages. O autor alimentou ainda forte expectativa quanto à importância que a variável Tipos de relações sociais pudesse desenvolver na análise, apresentando como hipótese, com base nos estudos de Reis (2003) (retomado abaixo), que nas formas imperativas estão indexados os valores de mais ou menos distanciamento, o que se relaciona, por sua vez, às dimensões de poder e solidariedade, porém sua expectativa não se concretizou, uma vez que tal variável não foi significativa.

Outro trabalho comparativo sobre a expressão variável do imperativo foi realizado por Oliveira (2017), sobre capitais do Nordeste. A autora analisou 72 inquéritos coletados em 9 capitais (São Luís-MA, Teresina-PI, Fortaleza-CE, Natal-RN, João Pessoa-PB, Recife-PE, Maceió-AL, Aracaju-SE e Salvador-BA), extraídos do questionário morfossintático do *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). Seus resultados gerais apontaram para o uso do imperativo associado à forma de subjuntivo: dos 753 dados, 233 foram com a forma de indicativo (31%) e 520 de imperativo com a forma de subjuntivo (69%). Conforme os resultados encontrados, o imperativo com a forma de indicativo é favorecido apenas em duas capitais, São Luís e Fortaleza, com pesos relativos de 0.84 e 0.66, respectivamente. Teresina e Recife apresentam pesos relativos no chamado ponto neutro e as demais cidades favorecem as formas subjuntivas. Oliveira (2017) analisou as variáveis Polaridade de sentença, Extensão fonológica do verbo, Paradigma verbal, Posição dos clíticos, Faixa etária, Escolaridade e Sexo/Gênero. Como a variável Faixa etária não apresentou correlação significativa, Oliveira (2017) não pode

falar em mudança em curso; seus resultados apontam que são os falantes menos escolarizados que levemente favorecem o uso das formas indicativas com peso relativo 0.55, como também indicam que verbos regulares (P.R 0.55), que são os de menor saliência fônica, favorecem as formas indicativas, resultado semelhante ao de Sampaio (2001).

Figueredo e Souza (2017) também analisaram a variação das formas imperativas a partir da construção de dois *corpora*, um com participantes baianos em São Paulo-SP e outro de baianos residentes em Feira de Santana-BA, com o objetivo de comparar o uso do imperativo com morfologia de indicativo entre essas duas comunidades. Para construção dos *corpora*, aplicou-se um questionário, baseado em Nunes e Schwenter (2015) (retomado abaixo), em que as cenas descritas foram projetadas com o intuito de simular situações quotidianas a partir das quais os informantes foram conduzidos a escolher uma das duas formas imperativas (indicativo ~ subjuntivo). O questionário apresenta 30 estímulos, 14 distratores e 16 sentenças-alvo, que foram elaborados com base nas variáveis que se desejava analisar: Polaridade da sentença (afirmativa/negativa), Contexto Temporal (imediatamente/não-imediato) e Situação Comunicativa (aconselhar, instruir, pedir e ordenar). Ele foi respondido por 41 participantes na Bahia, perfazendo um total de 656 ocorrências imperativas, e por 34 migrantes baianos em São Paulo, dos quais foram obtidas 544 ocorrências de formas imperativas. Os resultados, de forma geral, revelaram que os feirenses utilizam predominantemente a forma imperativa associada ao subjuntivo (77%); por outro lado, os resultados para migrantes baianos mostram menor taxa de emprego da forma de imperativo com morfologia de subjuntivo (66%) em comparação com falantes feirenses. Mais especificamente, em Feira de Santana, os resultados apontam que ocorre maior proporção de uso da forma indicativa entre os falantes de primeira faixa etária, com até nível médio e nas situações comunicativas de pedido. Para os baianos residentes em São Paulo, são os menos escolarizados, migrantes adultos, que estão em São Paulo há até sete anos, e situações comunicativas de ordenar que apresentam maiores proporções para formas indicativas.

Oliveira (no prelo) propõe a análise comparativa da realização variável do imperativo nas capitais do Brasil. A autora analisou 200 inquéritos coletados em 25 capitais (Macapá-AP, Boa Vista-PR, Manaus-AM, Belém-PA, Rio Branco-AC, Porto Velho-RO, São Luís-MA, Teresina-PI, Fortaleza-CE, Natal-RN, João Pessoa-PB, Recife-PE, Maceió-AL, Aracaju-SE, Salvador-BA, Cuiabá-MT, Campo Grande-MS, Goiânia-GO, Belo Horizonte-MG, São Paulo-SP, Vitória-ES, Rio de Janeiro-RJ, Curitiba-PR, Florianópolis-SC e Porto Alegre-RS), extraídos do questionário morfossintático do corpus do Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). De forma geral, os seus resultados indicam que na maioria das capitais brasileiras os falantes utilizam as formas imperativas associadas ao indicativo. Dos 200 inquéritos, foram recolhidos 2535 dados, dos quais 1643 foram de imperativos com a forma indicativa (64,8%) e 892 eram imperativos com a forma subjuntivo (35,2%). Os pesos relativos encontrados para as cidades revelam que a forma do subjuntivo é favorecida apenas nas capitais da Região Nordeste - com

exceção de São Luís-MA que privilegia a forma indicativa com peso relativo 0.84 - como também em Porto Velho (Região Norte), e em Curitiba (Região Sul). Além de Cidade, as variáveis Polaridade da frase, Número de sílabas do verbo, Paradigma verbal, Verbo, Gênero, Faixa etária e Escolaridade foram analisadas. Como Oliveira (no prelo) utilizou como regra de aplicação a forma imperativa associada ao subjuntivo, os resultados para as variáveis linguísticas significativas indicaram que os verbos mais salientes favorecem as formas subjuntivas (P.R 0.57), assim como as sentenças com polaridade negativa (PR 0.70). Em relação às variáveis sociais significativas, observa-se que a forma associada ao subjuntivo é favorecida por falantes que têm maior nível de escolaridade (PR 0.57) e pelos falantes mais velhos (PR 0.53).

Assim, os resultados encontrados por Sampaio (2001), Cardoso (2009), Cardoso (2012), Oliveira (2017), Figueiredo e Souza (2017), e Oliveira (no prelo) são semelhantes, ainda que as pesquisas tenham tido objetivos diferentes. Todos eles deixam evidente que há variação diatópica: as regiões Norte, Centro-Oeste, Sudeste e Sul apresentam tendências semelhantes quando se trata do uso da forma imperativa associada ao indicativo. Já as cidades do Nordeste tendem a utilizar a forma imperativa associada ao subjuntivo.

Outros trabalhos sobre a expressão variável do imperativo não se preocuparam com análises comparativas entre Sudeste e Nordeste, mas corroboram, de modo geral, os padrões acima apresentados. Alves (2009) apresenta resultados relevantes sobre a capital da Bahia. Utilizando-se dos *corpora* Estudos do Português Popular de Salvador, PEPP (Escolaridade Primária e Média) e do Projeto de Estudos da Norma Urbana Culta-NURC Salvador (Escolaridade Universitária), percebeu que há uma preferência pelas formas associadas ao subjuntivo, que totalizaram 72% de 153 ocorrências. Em sua pesquisa, o autor analisou a variável linguística Polaridade da sentença e as variáveis sociais Faixa etária, Escolaridade e Sexo/Gênero. Os seus resultados revelaram a variável Faixa Etária como um fator condicionante para o uso das formas indicativas, com a segunda faixa etária sendo a que mais as favorece (P.R 0.58), enquanto a terceira faixa etária, como esperado, é a que mais as desfavorece (P.R 0.27). Para variável Escolaridade, observa-se, assim como nos resultados de Sampaio (2001), que os soteropolitanos com escolaridade universitária favorecem as formas imperativas associadas ao indicativo, com peso relativo 0.60, em relação aos menos escolarizados.

Outro trabalho de interesse foi realizado por Jesus (2006) ao analisar o uso das formas imperativas na fala dos personagens da novela *Senhora do Destino* (N = 803), transmitida pela rede Globo, em comparação com dados dos projetos NELFE (Núcleo de Estudos Linguísticos da Fala e da Escrita) e NURC (Norma Urbana Culta de Recife) (N = 465), a fim de verificar estereótipos linguísticos na caracterização da fala do Nordeste, com o foco principal na fala da personagem pernambucana Maria do Carmo. Os dados de Recife permitem, através da comparação, verificar se há exacerbação de traços na fala de personagens da novela. Os resultados mostram que a personagem Maria do Carmo, como representante do Nordeste,

apresenta proporções mais baixas para uso das formas indicativas com um percentual de 18%, enquanto os outros personagens cariocas apresentam proporções mais altas para as formas imperativas associadas ao indicativo, com percentual de 87%. Para os dados de Recife, observa-se um equilíbrio maior no uso das formas imperativas, com uma taxa de 51% de imperativo com morfologia de indicativo. O autor analisou as variáveis Paralelismo discursivo, Polaridade da Estrutura, Ausência/presença de pronome, Tipo de verbo, Marcador discursivo para os dados da novela *Senhora do Destino*. Para os dados de Recife, foram acrescentados os condicionadores sociais Escolaridade, Nível de formalidade e Fala reportada. Dos fatores estatisticamente significativos, vale comentar a variável Tipo de verbo, que aponta, assim como os trabalhos de Sampaio (2001) e Oliveira (2017), o princípio da saliência fônica como fator condicionante para o uso das formas imperativas, com verbos menos salientes favorecendo o indicativo. De forma geral, Jesus (2006) concluiu que a fala da personagem Maria do Carmo, ainda que reflita a tendência já constatada em outras pesquisas, se comparada aos dados de Recife, não dá conta da diversidade linguística pernambucana, pois há uma sensível discrepância nas proporções de uso da fala da personagem em relação aos dados de fala dos recifenses. Essa discrepância de morfologia de subjuntivo na fala da personagem Maria do Carmo pode indicar que os roteiristas de novelas estereotipam o falar nordestino.

Os resultados da pesquisa de Evangelista (2010), sobre a variação entre as formas do imperativo em Vitória-ES, somam-se àqueles encontrados por Sampaio (2001) e Cardoso (2009). Seus resultados, com base no *corpus* PortVix, indicam que os capixabas utilizam 97% das formas de imperativo associadas ao indicativo. Esse resultado reforça a diferença geográfica entre capitais, pois se aproxima dos resultados encontrados em outras capitais do Sudeste e Centro-Oeste e se distancia dos resultados encontrados em capitais do Nordeste. Das variáveis analisadas para esse *corpus* (Polaridade da estrutura, Marcador discursivo, Sujeito e Vocativo, Discurso reportado, Faixa etária, Escolaridade e Sexo/Gênero), apenas Polaridade foi significativa, com estruturas afirmativas favorecendo as formas indicativas (P.R 0.55). A não correlação com as variáveis sociais, entretanto, é igualmente de interesse, uma vez que Evangelista (2010) explica a não correlação com Sexo/Gênero e Escolaridade pela baixa saliência social das formas imperativas.

Nunes e Schwenter (2015), por sua vez, a fim de analisar o uso das formas imperativas em cidades das Regiões Sudeste e Sul, aplicaram um questionário *online* a paulistas e gaúchos recrutados através de redes sociais. Para isso, utilizaram um questionário como instrumento de coleta, o qual possuía 30 questões organizadas e balanceadas, sobretudo, de acordo com a variável Polaridade, sendo 12 perguntas com forma imperativa afirmativa, 12 com forma negativa, juntamente com 6 distratores. Os participantes, a partir das cenas descritas, deveriam escolher qual das formas imperativas, indicativo ou subjuntivo, usariam naquela situação. Os 4.272 dados coletados indicaram que ambas as comunidades utilizam mais as formas com mor-

fologia de indicativo, mas com diferenças quanto à polaridade: 70% em orações afirmativas e 54% em orações negativas.

Já Lacerda (2015) analisou o uso das formas imperativas na fala de Fortaleza, utilizando como fonte de coleta o banco de dados NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza). De forma geral, os resultados apontam que as formas imperativas com morfologia de indicativo, com 60% de ocorrências, foram as mais utilizadas na amostra, contrariando as expectativas do autor, uma vez que esperava que o imperativo associado ao subjuntivo apresentasse maior frequência de uso na fala dos fortalezenses. Os resultados de Lacerda (2015) se assemelham aos encontrados por Oliveira (2017) para as capitais São Luís (68%, P.R 0.84) e Fortaleza (45%, P.R. 0.66), que favoreceram o uso das formas imperativas associado ao indicativo, em relação a outras capitais do Nordeste. Mais especificamente, a partir da análise das variáveis Conjugação verbal, Polaridade do verbo, Posição do pronome, Grupo semântico, Faixa etária, Escolaridade e Sexo, analisadas por Lacerda (2015), observa-se que os falantes da primeira faixa etária favorecem as formas indicativas (P.R 0.78), enquanto os mais velhos as desfavorecem (P.R 0.28). O autor analisou ainda a conjugação verbal com o intuito de testar o princípio da saliência (verbos com terminações menos marcadas, como *ar*, favoreceriam a utilização do imperativo em sua forma subjuntiva), entretanto seus resultados contrariaram as expectativas iniciais, uma vez que os verbos menos marcados favoreceram as formas indicativas (P.R. 0.61). Vale pontuar ainda que o autor analisou a variável Grupo semântico dos verbos, fator semelhante ao que será analisada nesta pesquisa (Situação comunicativa), com a hipótese que comando/ordem seria o maior motivador de uso do imperativo associado ao subjuntivo, mas, em seus resultados, essa variável não foi significativa.

Santos (2016), por outro lado, debruçou-se sobre a análise de amostras de fala baiana popular. Os *corpora* coletados e tratados pelo Projeto Vertentes (Universidade Federal da Bahia), a saber, (i) *corpus* do português afro-brasileiro (Helvécia, Sapé, Cinzento e Rio de Contas); (ii) *corpus* do português do interior da Bahia (Santo Antônio de Jesus e Poções); e (iii) *corpus* do português popular de Salvador (bairros populares – Itapuã, Plataforma, Cajazeiras, Liberdade – e a região metropolitana, Lauro de Freitas). Como foram encontrados distintos padrões de variação, os resultados foram organizados em dois blocos de análise: a) o português popular rural da Bahia; b) o português popular urbano da Bahia. Para o primeiro, diferentemente do que se observa para as capitais nordestinas, as análises revelam o predomínio das formas associadas ao indicativo: houve 72,9% dessa variante em um total de 432 ocorrências. Para o segundo, computou-se um total de 939 ocorrências imperativas, nas quais se verificou como padrão mais frequente o uso das formas associadas ao subjuntivo (74,3%). Entre as variáveis analisadas (Morfologia verbal, Paradigma flexional, Paralelismo fônico, Saliência morfofonológica, Polaridade da estrutura, Presença do pronome sujeito, Presença do vocativo, Presença do pronome complemento, Paralelismo discursivo, Tipo de interlocutor, Pronome utilizado com

o interlocutor, Gradação semântica do imperativo, Faixa etária, Nível de escolaridade, Sexo e Rede de relações sociais), vale destacar os resultados encontrados para Saliência fônica, Escolaridade e Sexo. Para o *corpus* do português popular rural, os resultados indicam que os verbos mais salientes favorecem as formas subjuntivas (P.R 0.64), assim como os falantes semialfabetizados (P.R 0.61). Diferentemente das pesquisas supracitadas, Santos (2016) controlou níveis baixo de escolarização (analfabetos e semialfabetizados), devido à precarização escolar das comunidades rurais. Seus resultados para essa variável convergem aos apresentados por Sampaio (2001) e Alves (2009) para a cidade de Salvador. A variável Sexo foi significativa para os dados do *corpus* do português popular urbano, com as mulheres favorecendo as formas subjuntivas (P.R 0.56). De forma geral, esses resultados revelam que o português popular segue um padrão diferente do que era esperado para as cidades baianas, inclusive para a cidade de Feira de Santana analisada nessa pesquisa, havendo, pois, a necessidade de relacionar tais resultados para mais bem descrever possíveis comportamentos diferentes em relação ao uso das formas imperativas.

Santos (2016) investigou também a avaliação das formas imperativas na cidade de Salvador. Os estudantes participantes dos testes de avaliação são alunos do Ensino Médio do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA, campus Salvador (antigo Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia – CEFET). A amostra de avaliação fez um total de 30 indivíduos equitativamente distribuídos entre os sexos feminino e masculino; a idade dos participantes variou entre 17 a 19 anos, e todos são nascidos e residentes em Salvador. A partir dos contextos propostos textualmente e evocados por meio de imagens, os alunos foram orientados a escolher a variante mais adequada. Buscou-se identificar, assim, a existência de uma regra pragmático-discursiva de aplicação do imperativo. A autora analisou as variáveis Gradação semântica (intenção comunicativa do comando) e a Relação com o interlocutor (hierarquia e intimidade do emissor com o interlocutor), já analisadas nos dados de fala da Tese, mas sem apresentar resultados significativos. Nessa análise subjetiva, entretanto, os resultados indicam que as formas do indicativo são menos aplicadas à medida que a força do comando eleva-se; o contrário acontece entre as formas do subjuntivo, as quais têm seu uso elevado em situações mais marcadas do ponto de vista da ênfase do comando (comando enfático). Sobre a relação entre interlocutores, a reação subjetiva dos indivíduos submetidos ao teste de adequação aponta para uma associação das formas subjuntivas às situações em que os interlocutores inspiravam uma relação hierarquicamente inferior em relação ao falante; nas situações em que o interlocutor apresentou uma relação hierarquicamente superior, a forma do subjuntivo foi menos selecionada. Dessa forma, Santos (2016) considera que as variantes imperativas do indicativo são avaliadas como mais adequadas a situações comunicativas mais brandas, carregando, na avaliação dos falantes, um traço pragmático-discursivo de polidez e atenuação do comando, contrariando a hipótese proposta por Faraco (1986); as formas indicativas também

seriam associadas a valores de respeito em relação ao interlocutor e a subalternidade em relação ao falante.

Ainda que não seja o foco desta pesquisa, é interessante apontar que a variação das formas imperativas também se apresenta na escrita, como se pode observar nas pesquisas realizadas por Reis (2003), Cardoso (2004), Borges (2005), Andrade, Melo e Scherre (2007) e Alves (2008).

O trabalho de Reis (2003) apresenta resultados que serão especialmente úteis nas análises dos presentes dados, uma vez que nesta pesquisa discutem-se os contextos comunicativos e relações sociopessoais. A autora analisou o uso das formas imperativas no romance *Vinhas da Ira*, publicado em 1939 e traduzido por Hebert Caro e Ernesto Vinhaes em 1940. Para Reis (2003), o imperativo apresenta uma força manipulativa, pois são as únicas formas que sempre levam o ouvinte à realização de uma ação, ou seja, os atos de fala manipulativos são atos verbais através dos quais o falante tenta fazer o ouvinte agir. Seus resultados apresentaram uma escalari- dade que se deu na seguinte proporção: quanto maior a força manipulativa dos atos de comando, maior foi o uso da variante indicativa e, quanto menor, maior o uso do subjuntivo. Além disso, a autora verificou correlação entre as disposições sociopessoais dos personagens envolvidos nas situações interlocutivas e as variantes imperativas: comandos dirigidos a personagem-suposto- manipulado de papel sociopessoal de maior autoridade, com tratamento respeitoso, foram mais recorrentes na variante subjuntiva, como, por exemplo, de filhos/mãe, fiéis/reverendo. Já coman- dos dirigidos a personagem-suposto-manipulado de papel sociopessoal de maior proximidade e de relação de maior intimidade, como entre iguais (irmãos, marido/mulher, amigos), foram mais frequentes na variante indicativa. Importante salientar que as intuições de Scherre (2004) vão de encontro aos resultados pontuados por Reis (2003). Considerando que os dados coletados nessa pesquisa não são de contextos reais de fala, e sim de uma obra literária, seus resultados instigam a análise em uma amostra de fala e relativamente mais espontânea.

Cardoso (2004) analisou o uso do imperativo em textos do escritor goiano José J. Veiga, como o objetivo de investigar a noção da marcação nos paradigmas verbais em orações imperativas. Após a codificação, foram coletados ao todo 790 dados das formas imperativas, dos quais 76% apresentavam a morfologia subjuntiva e 24% apresentavam morfologia de indicativo. Ao observar a marcação do paradigma verbal, observou-se que verbos regulares de primeira conjugação desfavorecem o uso do imperativo associado à forma indicativa com peso relativo de 0.37, enquanto os demais verbos (de segunda e terceira conjugações de paradigma regular e irregular) favorecem a associação à forma indicativa. Esses resultados, se comparados aos dos trabalhos de Sampaio (2001), Jesus (2006), Lacerda (2015) e Oliveira (2017), refletem uma incongruência, já que essas pesquisas revelam justamente o oposto: formas menos marcadas favorecem o indicativo. Entretanto, como a noção de marcação é dependente do contexto, e nos textos de Veiga as formas subjuntivas são mais frequentes, logo menos marcadas, Cardoso

(2004) comenta que se justifica, nesse contexto, que os verbos regulares de primeira conjugação não favoreçam o uso das formas indicativas, consideradas, pois, mais marcadas. A autora indica ainda que a inclinação das obras literárias de Veiga para o uso das formas subjuntivas pode estar relacionada ao fato de o autor possuir uma formação tradicional e erudita, mas destaca que esse caso de variação é bastante importante, já que esses resultados apresentam indícios, na escrita, de um processo de mudança que está em curso na língua falada.

Com o intuito de discutir a variável em textos escritos que tivessem um registro de fala próximo ao da linguagem cotidiana, por possuir teor dialógico, [Borges \(2005\)](#) analisou tirinhas publicadas nos jornais paulistas Folha de São Paulo e o Estado de São Paulo. A partir da coleta de 399 dados, seus resultados mostraram a predominância das formas imperativas associadas ao indicativo (58,6%) em relação às formas associadas ao subjuntivo (41,4%), mais especificamente, observou-se que o uso do imperativo plural é categórico para as formas associadas ao subjuntivo, como também na presença de clíticos *me* e *se*, quando o pronome vem posposto ao verbo, pois caso a forma indicativa fosse usada, haveria possibilidade de preenchimento da posição de sujeito, com interpretação de uma estrutura reflexiva, em vez de uma estrutura imperativa.

[Andrade, Melo e Scherre \(2007\)](#) também analisaram o uso do imperativo em histórias em quadrinhos. Para pesquisa, utilizaram 172 revistas da Turma da Mônica publicadas num intervalo de 35 anos, da década de 1970 à de 2000. Analisaram um total de 3.632 dados variáveis no singular, em que verificaram, no contexto de uso do pronome *você*, o aumento progressivo do imperativo associado à forma indicativa: 7% na década de 1970; 51% na década de 1980; 57% na década de 1990; e 72% na década de 2000. Nesse estudo, as autoras buscam marcas históricas que possam ter determinado ou estar relacionadas ao fenômeno da variação do imperativo; dentre elas, citam que a ditadura militar pode ter influenciado o aumento do uso do indicativo, uma vez que nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, a forma do imperativo associado ao subjuntivo provoca nos ouvintes uma sensação de maior autoritarismo, enquanto a forma imperativa associada ao indicativo passa a sensação de maior proximidade e solidariedade.

Outro estudo baseado em histórias em quadrinhos foi produzido por [Alves \(2008\)](#). Nele foi analisada a expressão variável do imperativo singular em histórias em quadrinhos baianas. A história *Fala Menino!*, do autor soteropolitano Luís Augusto Gouveia, representa a capital Salvador; e a história *Xaxado*, do autor jacobinense Antônio Luiz Ramos Cedraz, representa o interior da Bahia – a cidade de Jacobina. Os resultados para as histórias em quadrinhos *Fala Menino!* são opostos aos apresentados por [Andrade, Melo e Scherre \(2007\)](#): observou-se que é predominante a morfologia de subjuntivo, com proporção de 76%. Já nas revistas em quadrinhos *Xaxado*, o uso do imperativo se dá predominantemente pela forma do indicativo, com o percentual de 71%. Nota-se, assim, que a variável diatópica foi relevante para variação das formas imperativas, uma vez que na cidade interiorana de Jacobina o imperativo se manifestou

com proporções mais altas no uso do indicativo. Esses resultados são paralelos àqueles de Santos (2016) em amostras de fala, com predomínio da forma indicativa em amostras do interior da Bahia.

Esses estudos, além de descrever como ocorre a variação no uso imperativo no português, despertaram o interesse em realizar essa pesquisa para contribuir para o mapeamento do uso do imperativo gramatical no Brasil, uma vez que não há trabalhos comparativos entre cidades do interior das regiões Nordeste e Sudeste, como Campinas e Feira de Santana. Além disso é possível observar nessa literatura quais variáveis previsoras, linguísticas e sociais, são condicionadores para o uso das formas imperativas. Alguns desses fatores, com base nos objetivos propostos nesta pesquisa, também são aqui controlados e analisados.

## 2.2 Método

Com o intuito de descrever a variação do imperativo nas cidades de Feira de Santana e Campinas, considerando a língua falada, realizou-se uma análise de produção, em tempo aparente, a partir da presença de dados no imperativo em suas formas variacionais (indicativo ~ subjuntivo). Para coleta de dados, como fenômenos morfossintáticos nem sempre são facilmente capturados em gravações de entrevistas sociolinguísticas, esta pesquisa se inspira no método proposto por Cardoso (2009) em sua tese de doutorado. No experimento, a autora mostrava aos seus participantes imagens de histórias em quadrinhos que ilustravam um diálogo entre duas pessoas. A partir da imagem, Cardoso fazia perguntas que estimulavam respostas imperativas.

Para esta pesquisa, a proposta metodológica é mais controlada, já que as imagens utilizadas foram construídas especialmente para captura de formas imperativas (ver Anexo A). As cenas<sup>1</sup> foram criadas para contemplar as variáveis linguísticas que se deseja analisar nesse trabalho, apresentadas no Quadro 2.1.

**Quadro 2.1** Variáveis linguísticas

Situação Comunicativa	Tipo de Relação	Saliência do Verbo
Ordem	Simétrica	+ Saliente
Pedido/Convite	Assimétrica	± Saliente
Instrução		– Saliente

Sabe-se que o imperativo como ato diretivo é utilizado para imprimir, através de diferentes intenções, uma força ilocutória para que um destinatário realize determinada ação.

<sup>1</sup> As cenas utilizadas no experimento de produção foram produzidas pela desenhista Lais Prazeres a quem agradeço pelo excelente trabalho realizado.

Como já se discutiu no Capítulo 1, autores como Cunha e Cintra (2007) consideram que essas intenções podem ser reforçadas e atenuadas pelo uso de diferentes recursos linguísticos. Scherre (2004) sinaliza que os falantes que usam maciçamente formas indicativas atribuem o uso da forma imperativa associada ao subjuntivo como reforço de ordem. Ao testar essa hipótese, Santos (2016) observou que as formas subjuntivas são mais utilizadas em situações de ordem enfática, enquanto as formas indicativas, em situações de pedido.

Esses posicionamentos divergem da hipótese proposta por Faraco (1986). Sendo assim, com o intuito de investigar se as situações de ordem, pedido/convite e instrução têm influência sobre o uso variável das formas do imperativo, foram criadas cenas que expressam essas situações. Cabe notar que essas três situações não são as únicas possíveis para a aplicação de formas imperativas: há, também, súplica, conselho, sugestão, prescrição; no entanto as três situações escolhidas são bastante frequentes nos discursos. É muito comum no dia a dia encontrar na fala das pessoas expressões imperativas de ordem (ação de comandar/determinar que algo seja feito, obedecido); pedido/convite (solicitação de um favor, um pedido de ajuda ou de comparecimento a um lugar) ou de instrução (ensinar/orientar a fazer algo), como exemplificam respectivamente as situações em (1).

- (1) a. Pedro, começa/comece a fazer a atividade, senão não vai para o recreio!
- b. Mãe, lê/leia uma história para mim!
- c. Para o arroz ficar ainda mais gostoso, coloca/coloque dois dentes de alho picado.

Já que normalmente adequamos nosso discurso à pessoa com quem falamos, é possível que as expressões imperativas sejam empregadas de forma diferente, ao serem utilizadas em situações em que os falantes possuem *status* social semelhante ou diferente, sobretudo quando se trata de situações de ordem, pedido ou instrução. Alguns autores já analisaram a influência das relações simétricas ou assimétricas para o uso das formas imperativas. Enquanto Scherre (2004) não encontrou indícios de tal influência, Faraco (1986), Reis (2003) e Cardoso (2012) consideram que o uso das formas imperativas sofre influência das relações sociopessoais, mas tais autores apresentam divergências em suas hipóteses. Para Faraco (1986), as formas imperativas associadas ao indicativo possuem uma função pragmática diferenciada, materializando uma ordem rude em situações em que o interlocutor tenha uma condição inferior.

Reis (2003), por sua vez, defende que as formas imperativas se comportam de forma escalar, ou seja, quanto maior o grau de manipulação, maior o uso da variante indicativa, e quanto menor o grau de manipulação, maior o uso da variante subjuntiva. Isso significa dizer que o imperativo associado ao indicativo seria usado em relações assimétricas de superior para inferior, mas nas relações assimétricas de inferior para superior, seriam as formas subjuntivas aquelas consideradas mais brandas, que seriam as favoritas. Foi isso que Reis (2003) verificou,

ao observar as relações dos personagens no romance *Vinhas da Ira*, de John Steinbeck: nos diálogos em que os personagens estão em uma relação assimétrica de superior para inferior, as proporções mostram o uso de 93% das formas indicativas; numa relação em que os personagens estão numa mesma simetria, há um equilíbrio no uso das formas imperativas (indicativo 48%; subjuntivo 52%); já numa relação assimétrica de inferior para superior, nota-se o favorecimento das formas subjuntivas (85%).

Cardoso (2012) tomou como base a hipótese apresentada por Reis (2003), mas essa variável não foi significativa em sua pesquisa. Para ele, a não significância estatística dessa variável aproxima o resultado da hipótese proposta por Scherre (2004): as formas imperativas associadas ao indicativo ou subjuntivo não estão relacionadas aos tipos de relação. Scherre (2004), em suas análises, não encontrou esses nuances funcionais, por isso defende que as relações não predeterminam o uso das formas imperativas. Para a autora, o reforço ou atenuação dos atos de fala são marcados por outros recursos linguísticos como, por exemplo, a presença de modalizadores ou entoação do ato de fala. Além disso, como já pontuado acima, a autora comenta que há indícios de que são formas subjuntivas que são consideradas reforço de ordem nos atos diretivos.

Para que a variável Tipo de Relação pudesse ser analisada nesta pesquisa, foram produzidos quadrinhos que abarcassem diferentes simetrias (por exemplo, assimétrico: filho x pai; professora x aluno; simétrico: duas amigas; dois colegas de trabalho etc.). Diferentemente dos trabalhos de Reis (2003) e Cardoso (2012), nos contextos assimétricos desta pesquisa não se controlou quem era o falante, apenas se as relações eram simétricas ou assimétricas.

O princípio da saliência fônica também tem sido analisado em diversas pesquisas sociolinguísticas, como as realizadas por Naro (1981) e Scherre (1988b) sobre a concordância verbal e nominal no português brasileiro. Tais autores explicam que o princípio da saliência consiste na tendência de que as formas mais salientes, ou seja, mais perceptíveis, como em (2-b), sejam mais marcadas do que as menos salientes, como em (2-a).

- (2) a. Eles comem/come demais.
- b. As coisas estão/está muito caras.

Muitas pesquisas sobre uso das formas imperativas apresentam a discussão sobre a variável Saliência fônica com o intuito de saber se tal princípio é um condicionador interno para o uso de uma ou outra variante imperativa; dentre elas podem-se citar os trabalhos de Sampaio (2001), Jesus (2006) e Oliveira (2017). As formas imperativas menos marcadas são as que apresentam menor diferenciação interna entre as formas subjuntivas/indicativas (*cante/canta*), enquanto as mais marcadas, e por isso mais perceptíveis, as que apresentam maior diferenciação interna (*cubral/cobre*). Tais trabalhos mostraram a atuação do princípio da Saliência fônica para as formas do imperativo, cujos verbos menos salientes favorecem o uso das formas indicativas,

enquanto os mais salientes favorecem o uso das formas subjuntivas, por isso essa variável também é controlada nesta pesquisa. Foram definidos três graus de saliência (+ saliente,  $\pm$  saliente, – saliente) (Quadro 2.2).

**Quadro 2.2** Saliência Fônica dos Verbos

<b>Verbos – salientes</b>	<b>Verbos <math>\pm</math> salientes</b>		<b>Verbos + salientes</b>
Verbos com a mesma sílaba tônica, diferindo apenas pela última vogal.	Verbos com a mesma sílaba tônica e com uma vogal a mais ou verbos com mudança ou inserção de consoante.	Verbos com uma sílaba a mais, mantendo a mesma sílaba tônica.	Verbos com mudança de vogal tônica e na vogal final.
Abraça/abraçe	Sai/saia	Diz/diga	Bebe/beba
Bate/bata	Vai/vá	Faz/faça	Cobre/cubra
Canta/cante	Ouve/ouça	Lê/leia	Segue/siga

A partir do cruzamento entre as variáveis do Quadro 2.1, foram elaboradas 18 cenas (ver Tabela 2.1), a fim de controlar seus efeitos.

**Tabela 2.1** Variáveis para construção dos quadrinhos

Nº	SITUAÇÃO	RELAÇÃO	INTER-LOCUTORES	SALIÊNCIA DO VERBO	VERBOS	CENAS
1	Ordem	Simétrica	Duas meninas	+ saliente	Descer	Uma criança embaixo de uma casa da árvore, mandando a outra criança que está em cima descer. (Desça/desce da árvore)
2			Dois homens	± saliente	Trazer	Um homem, com cara de bravo, olhando para um eletrônico sobre o qual se derramou água. Outro homem com cara de “desculpas”. O primeiro homem está apontando para uma toalha ou pano que está afastado. (Traz/traga aquela toalha!)
3			Dois meninos	- saliente	Falar	Uma pessoa falando baixinho (que pode ser representado por um balão com “nononon” com uma fonte bem pequena) e a outra com a mão em forma de concha no ouvido. (Fala/fale mais alto)
4			Mãe x filho	+ saliente	Beber	Uma mãe segurando um copo com água na direção do filho. (Beba/bebe a água)
5		Assimétrica	Mulher x cachorro	± saliente	Sair	Mulher irritada apontando para a porta, ordenando que o cachorro saia. (Saia/sai daqui!)
6			Mulher x empregada	- saliente	Varrer/ Limpar	Uma mulher no quintal de casa cheio de árvores e folhas espalhadas pelo chão, fala para empregada da casa varrer. (Varra/varre o quintal ou Limpa/limpe o quintal)
...						

Nº	SITUAÇÃO	RELAÇÃO	INTER-LOCUTORES	SALIÊNCIA DO VERBO	VERBOS	CENAS
7		Simétrica	Dois amigos	+ saliente	Subir	Um homem segurando a escada, pedindo para outro homem subir e pegar o gato no telhado. (Suba/sobe na escada).
8	Pedido/Convite		Dois amigos	± saliente	Ouvir	Um deles está com mp3 e oferece o fone de ouvido para o outro ouvir a música (colocar notas de música no de-senho para ficar claro que ele está ouvindo música) (Ouça/ouve a música).
9			Duas meninas	- saliente	Assoprar	Uma menina com algo no olho pede a outra menina para assoprar o seu olho. (Assopra/assopre o olho)
10		Assimétrica	Mãe x bebê	+ saliente	Dormir	Mãe com bebê no colo, com cara de cansada. Um relógio na parede marca 3 horas da manhã. (Durma/dorme logo)
11			Menino x cachorro	± saliente	Ir	Menino brincando de jogar o osso para o cachorro. (Vá/vai pegar)
12			Homem x mulher	- saliente	Beijar	Uma menina de olhos fechados, com o corpo inclinado na direção de um menino fazendo biquinho, pedindo um beijo. (Me beija/me beije)
...						

Nº	SITUAÇÃO	RELAÇÃO	INTER-LOCUTORES	SALIÊNCIA DO VERBO	VERBOS	CENAS
13	Instrução	Simétrica	Duas mulheres	+ saliente	Seguir	Duas mulheres na calçada; uma está perguntando onde fica o banco. A outra está com o braço estendido e apontando para uma direção, indicando para seguir em frente. (Siga/segue em frente)
14			Dois homens	± saliente	Ler	Dois homens sobre uma mesa de trabalho cheia de peças. Um deles está com cara confusa, não sabendo o que fazer com as peças. O outro homem está com um manual na mão. (Leia/lê o manual/as instruções)
15			Dois policiais	- saliente	Atirar	Dois policiais estão treinando tiro em um clube de tiros e um dos policiais aponta para onde o outro tem que atirar (Atire/atira no alvo vermelho)
16			Professora x aluna	+ saliente	Cobrir	Em um curso de culinária, a professora ensina uma mulher a confeitir bolos. Ela começa ensinando a cobrir. Na cena, a professora está com um vaso cheio de cobertura de chocolate e uma espátula na mão, passando o chocolate no bolo. (Cubra/cobre o bolo)
17		Assimétrica	Fotógrafo e modelo	± saliente	Fazer	Fotógrafo com modelo dentro de um estúdio fotográfico. No balão do fotógrafo, uma imagem da modelo fazendo uma pose sexy. (Faça/Faz uma pose sensual)
18			Mãe x filha	- saliente	Dobrar	Mãe e filha estão segurando vestidos; ao lado, há várias roupas dobradas em cima de uma mesa. A mãe, olhando para filha, dobra o vestido ensinando como faz. (Dobra/-dobre o vestido)

A elas foram acrescentadas mais 18 cenas distratoras, que não envolvem expressão imperativa (ver Quadro 2.3). Vale mencionar que, em algumas cenas distratoras, os falantes utilizaram formas imperativas. Nesses casos, os dados foram incluídos na análise.

**Quadro 2.3** Cenas distratoras

01	Um homem em um confessionário, com a expressão de que fez algo errado, conversando com o padre (Padre, eu pequei!)
02	Uma mulher em um carro com o rosto para fora da janela oferecendo carona para outra mulher (Quer carona?)
03	Uma criança recebendo a prova da professora e fazendo cara de espanto/choro (Eu tirei nota baixa!)
04	Uma criança com expressão de raiva correndo atrás de outra criança com expressão de medo (Socorro!)
05	Um homem olhando para uma mulher com expressão apaixonada (Eu te amo!)
06	Um homem ajoelhado pedindo uma mulher em casamento. (Quer casar comigo?)
07	Dois crianças olhando pela janela de vidro, com expressão triste, pois está chovendo e elas querem brincar. (Poxa, hoje não tem brincadeira)
08	Um homem está sentado no sofá, a esposa aparece na sala com o rosto apreensivo, segurando a barriga e com uma poça de água no chão. (A bolsa estourou!)
09	Dois homens em um ringue de luta. Um deles com a expressão de raiva. (Vou te derrubar)
10	Uma mulher em uma barraca de feira livre perguntando o preço das frutas. (Quanto é a maçã?)
11	Uma mulher se admirando no espelho. (Sou linda)
12	Dois crianças dando risada e apontando para uma terceira. (Por que estão rindo?)
13	Dois homens malhando e um deles pega um halter muito pesado. (Está muito pesado)
14	Uma mãe, na frente da escola, levando a filha no seu primeiro dia de aula. (Vai ser legal, filha)
15	Dois crianças estão em um parque na pracinha e uma delas caiu e está chorando. (Você se machucou?)
16	Uma moça recebendo um buquê do namorado. (As flores são lindas)
17	Dois amigas sentadas observando a lua que está cheia. (A lua está linda)
18	Dois amigos felizes brindando. (Um brinde!)

### 2.2.1 Coleta

Os estímulos foram apresentados ao participante em um *notebook*, em ordem randômica, utilizando o programa PsychoPy (PEIRCE, 2018). Todas as cenas ilustram um diálogo entre dois interlocutores. Em um primeiro momento, foram apresentadas duas das cenas distratoras para instruir o participante de sua tarefa: foi pedido ao participante que a descrevesse, a fim de se certificar de que a interpretou da forma intencionada. Após a descrição, foi feita a seguinte pergunta: Se fosse você nessa situação, o que você falaria? A pergunta foi feita para cada uma das situações, do modo mais similar possível, para que produzisse condições iguais para todos os participantes.

Utilizou-se o critério da amostragem aleatória para a escolha dos participantes, a fim de garantir a representatividade da amostra em relação à população e evitar o enviesamento dos dados (GUY; ZILLES, 2007). Para uma amostra representativa, foram selecionados três informantes para cada célula estruturada a partir das variáveis Faixa Etária (18-34; 35-59; acima de 60), Sexo/Gênero (feminino; masculino), Escolaridade (até Ensino Médio; Ensino Superior), e Localidade (Campinas; Feira de Santana), totalizando 72 participantes (36 por localidade). É importante salientar que os participantes do experimento de produção foram os mesmos do experimento de percepção, uma vez que se almeja comparar os resultados encontrados em ambos os experimentos.

### 2.2.2 Variáveis analisadas

A partir da análise da variável Faixa Etária foi possível verificar se o imperativo está passando por um processo de mudança em tempo aparente (NARO, 2004). Como foi visto na Seção 2.1, estudos com amostras de diferentes períodos têm mostrado o aumento da forma indicativa da expressão do imperativo. Verifica-se na pesquisa realizada por Sampaio (2001) a atuação da Faixa Etária na escolha das variantes, uma vez que, no Rio de Janeiro, os resultados referentes à faixa etária mais jovem são categóricos, pois apresentaram um percentual de 100% de uso da forma indicativa. Na fala da primeira faixa etária em Salvador-BA, registrou-se um percentual de 42% para o uso da forma indicativa, o que leva a inferir mudança em curso, numa fase inicial. O mesmo se observa na pesquisa realizada por Figueiredo e Souza (2017) ao apontar que em Feira de Santana são os mais jovens (32%) que favorecem o uso das formas indicativas em relação aos mais velhos (17%).

A variável Sexo/Gênero, por sua vez, vem apresentando resultados diferenciados nas pesquisas sociolinguísticas. Há trabalhos, como o realizado por Oushiro (2015b) em São Paulo para a variável /e/ nasal ditongada, que apresentam as mulheres como iniciadoras das mudanças, enquanto outros estudos, como o realizado por Mollica e Paiva (1989) no Rio de Janeiro sobre a supressão da vibrante em grupos consonantais (*problemal/poblema*), que mostram as mulheres como mais conservadoras, ao favorecerem o uso das formas consideradas padrão.

Segundo Labov (2001), para entender essa variável social, é necessário compreender o paradoxo do gênero através de dois princípios básicos: (i) quando as mudanças são vindas de cima, as mulheres tendem a usar mais as formas de prestígio do que os homens; (ii) quando são mudanças vindas de baixo, as mulheres tendem a ser mais inovadoras. Nota-se, assim, que as mulheres tendem a ser mais conservadoras com normas abertamente prescritas, uma vez que são mudanças passíveis de avaliação social; mas, por outro lado, são mais inovadoras quando as normas não são abertamente prescritas, quando ocorrem abaixo do nível de consciência dos falantes.

Em muitos estudos sobre imperativo, essa variável foi testada, mas não apresentou correlação (EVANGELISTA, 2010; FIGUEREIDO; SOUZA, 2017; LACERDA, 2015; OLIVEIRA, 2017; SAMPAIO, 2001). Nesta pesquisa, ainda que não se tenha expectativa específica quanto à variável, o Sexo/Gênero dos falantes foi controlado, pois é relativamente fácil balancear a amostra de acordo com essa variável social, o que permite fazer comparações com as pesquisas supracitadas e buscar generalizações quanto aos tipos de variáveis sociolinguísticas suscetíveis à sua influência.

A Escolaridade é uma importante variável para esta pesquisa, pois intencionou-se testar se informantes mais escolarizados tendem a usar as formas determinadas pela Gramática Tradicional (VOTRE, 2004), ou se, à semelhança do que verificaram Sampaio (2001), Alves (2009), Evangelista (2010) e Cardoso (2012), haveria novas evidências de que o uso variável do imperativo independe das prescrições escolares. Em seus trabalhos, enquanto Sampaio (2001) e Alves (2009) revelam que em Salvador-BA são os mais escolarizados que utilizam as formas indicativas, indo de encontro às prescrições gramaticais, Evangelista (2010) e Cardoso (2012) explicam a não correlação com a variável Escolaridade por considerarem o imperativo como variável com baixa saliência social.

Evangelista (2010) considera que a escola pode não interferir no uso do imperativo porque a forma associada ao indicativo, embora diferente do registro da norma padrão, não sofre estigma. Nessa mesma linha de pensamento, Cardoso (2012), em suas hipóteses, não esperava uma forte estratificação por escolaridade na frequência de uso das formas imperativas por não considerar o imperativo uma variável avaliada socialmente. Sabe-se que as pressões escolares são mais influenciadoras em relação aos usos quando os fenômenos sofrem pressão normatizadora, como, por exemplo, concordância verbal e nominal, assim, o controle dessa variável ajudará a entender se as prescrições escolares influenciam ou não o uso das formas imperativas nas comunidades analisadas.

Foi analisada ainda a localidade, já que essa pesquisa está pautada na comparação entre as cidades de Feira de Santana e Campinas, pertencentes às regiões Nordeste e Sudeste respectivamente, que, como se discutiu na Seção 2.1, utilizam morfologias de imperativo diferentes: enquanto nas cidades do Sudeste os falantes usam predominantemente formas indicati-

vas (EVANGELISTA, 2010; SAMPAIO, 2001), em cidades do Nordeste há o predomínio das formas subjuntivas (ALVES, 2009; OLIVEIRA, 2017). Ainda que, de forma geral, haja uma variação diatópica entre o Nordeste e o Sudeste, a pesquisa realizada por Santos (2016) revela um comportamento diferente para os falantes de algumas cidades interioranas; dessa forma, os resultados para Feira de Santana, ao serem comparados aos de Santos (2016), ajudam a mais bem entender os usos do imperativo no interior do estado.

Todas as interações conversacionais foram gravadas e posteriormente transcritas no programa ELAN (HELLWIG; GEERTS, 2013). As ocorrências então foram extraídas e codificadas de acordo com as seguintes variáveis:

- Variável resposta: Morfologia do imperativo (indicativo; subjuntivo)
- Variáveis previsoras:
  - Situação Comunicativa (ordem; pedido/convite; instrução)
  - Tipo de Relação (simétrica; assimétrica)
  - Saliência do Verbo (+ saliente;  $\pm$  saliente; – saliente)
  - Sexo/Gênero do Participante (masculino; feminino)
  - Faixa Etária do Participante (18-34; 35-59; acima de 60)
  - Escolaridade do Participante (até Ensino Médio; Superior)
  - Localidade do Participante (Campinas; Feira de Santana)
  - Verbo (efeito aleatório)
  - Participante (efeito aleatório)

### 2.2.3 Hipóteses

A expectativa, em relação à variável resposta, é que o uso da morfologia de imperativo associado ao indicativo seja relativamente mais frequente em Campinas em relação a Feira de Santana, seguindo os mesmos resultados já encontrados em trabalhos sobre as capitais nas regiões Sudeste e Nordeste (ALVES, 2009; EVANGELISTA, 2010; OLIVEIRA, 2017; SAMPAIO, 2001).

Para a variável Situação Comunicativa, aventa-se que a situação que mais favorece a forma imperativa com morfologia de indicativo é pedido. Vale salientar que esta pesquisa não tem a intenção de se aprofundar no tratamento pragmático dos graus de força manipulativa das formas imperativas, pois o trabalho não tem como foco uma análise funcionalista, mas sim, apenas avaliar se os contextos comunicativos distintos influenciam o uso de uma ou outra forma. Como se considera nesta pesquisa que formas subjuntivas são utilizadas como reforço de ordem (FIGUEREIDO; SOUZA, 2017; SANTOS, 2016; SCHERRE, 2004), enquanto as formas

imperativas associadas ao indicativo são mais brandas e exprimem força expressiva menor do que as formas imperativas associadas ao subjuntivo, a expectativa por trás dessa hipótese é que os falantes utilizariam o indicativo em situações de pedido para soarem menos impositivos, por considerá-lo menos ríspido e mais polido, enquanto usariam as formas subjuntivas em contextos de ordem, impondo uma força manipulativa maior.

Para a variável Tipo de Relação, a hipótese segue a mesma linha da variável Situação Comunicativa; pautando-se na ideia de reforço de ordem apontada por [Scherre \(2004\)](#), as relações assimétricas favoreceriam o uso do imperativo associado ao subjuntivo, como reforço de ordem, enquanto as formas indicativas seriam usadas em relações simétricas por serem consideradas mais brandas, ou seja, os falantes, em contextos assimétricos, sentiriam a necessidade de impor uma força manipulativa maior no discurso e por isso usariam a forma subjuntiva, considerando-a mais impositiva, força essa desnecessária em relações simétricas.

Já em relação à Saliência do Verbo, com base nos trabalhos de [Sampaio \(2001\)](#), [Jesus \(2006\)](#), [Oliveira \(2017\)](#), assume-se como hipótese para essa variável que verbos com oposição menos marcada tendem a favorecer o imperativo associado ao indicativo e verbos com oposição mais marcada tendem a favorecer o uso de imperativo associado ao subjuntivo, uma vez que são mais resistentes à mudança. Vale salientar que vários aspectos estão imbricados na Saliência fônica, como o paradigma verbal, a natureza da vogal precedente e o número de sílabas do verbos. Os trabalhos aqui citados analisaram a saliência relacionando esses fatores; para esta pesquisa, os verbos foram classificados em graus de saliência, como se mostrou no [Quadro 2.2](#).

Quanto ao Sexo/Gênero dos participantes, como já foi explicitado acima na justificativa para as variáveis sociais, essa variável não foi significativa em estudos anteriores sobre o uso das formas imperativas ([EVANGELISTA, 2010](#); [FIGUEREIDO; SOUZA, 2017](#); [LACERDA, 2015](#); [OLIVEIRA, 2017](#); [SAMPAIO, 2001](#)). Nesses estudos, as autoras atribuem a não correlação ao fato das formas imperativas não sofrerem estigma social e por isso as consideram pouco salientes socialmente. Nesta pesquisa, ela foi controlada apenas a título de comparação para possíveis generalizações sobre os fatores condicionantes para realização de uma ou outra forma imperativa. Mas observando-se os resultados dos trabalhos supracitados, imaginou-se inicialmente que a variável Sexo/Gênero também não apresentaria correlação com o uso das formas imperativas.

Para a variável Faixa Etária, a expectativa inicial era que os mais jovens favorecessem as formas indicativas, já que há evidências de mudança em progresso nos estudos realizados nas capitais brasileiras. Os trabalhos realizados por [Sampaio \(2001\)](#), [Alves \(2009\)](#), [Lacerda \(2015\)](#), [Figuereido e Souza \(2017\)](#) mostram que nas regiões Sudeste e Nordeste são os mais jovens que favorecem o uso das formas indicativas, enquanto os mais velhos as desfavorecem. Esses estudos mostram que nas capitais da região Sudeste, a mudança se revela em estágio mais

avanzado em relação às capitais do Nordeste, uma vez que em trabalhos como os de Sampaio (2001) os resultados são categóricos para o uso do indicativo para primeira faixa etária.

Por fim, para a variável Escolaridade, corroborando Evangelista (2010) e Cardoso (2012), a expectativa inicial foi que os padrões normatizadores impostos pela escola não influenciariam o uso das formas imperativas, uma vez que essa variável apresenta baixa saliência social, não sendo, pois, estigmatizada. Importante dizer que independentemente de se ter ou não correlação, analisar a variável Escolaridade, comparando-a em duas comunidades de fala, permitiu ampliar sua discussão para além das generalizações comumente feitas em pesquisas sociolinguísticas sobre a relação entre norma-padrão e variante de prestígio, uma vez que em comunidades distintas, com normas comunicativas distintas, a avaliação das variáveis não se resume à influência escolar, mas está também relacionada à vida social dos falantes e possivelmente a outros significados sociais.

Após a codificação, com o intuito de saber quais fatores condicionam o uso do imperativo com morfologia de indicativo, os dados de produção linguística foram analisados estatisticamente através da plataforma R (R CORE TEAM, 2020). Inicialmente, foram feitos testes de qui-quadrado, cuja função é verificar se há correlação entre duas variáveis nominais/qualitativas, a saber, variável resposta (Morfologia de Imperativo) e as variáveis predictoras linguísticas (Situação Comunicativa, Tipo de Relação, Saliência do Verbo) e predictoras sociais (Escolaridade, Faixa Etária, Sexo/Gênero, Localidade). No segundo momento, para uma análise mais refinada dos dados, foram aplicados modelos de regressão logística de efeitos mistos<sup>2</sup> (BAAYEN, 2008; LEVSHINA, 2015; OUSHIRO, no prelo), incluindo as variáveis verbo e participante como efeito aleatório.

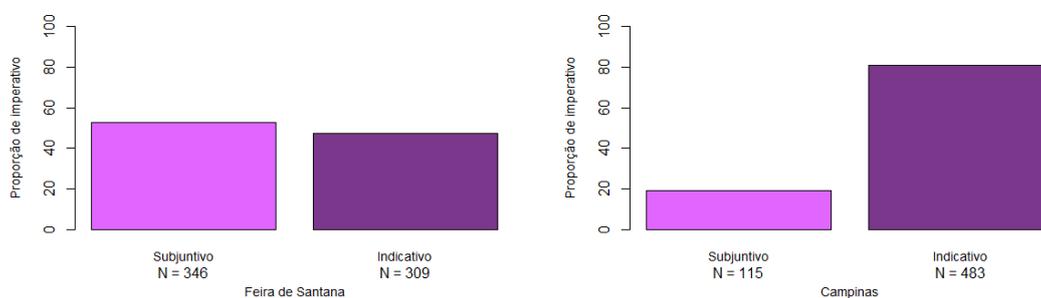
### 2.3 Análise dos dados

Foram extraídos 1.253 dados das formas imperativas associadas ao indicativo e subjuntivo na fala dos 72 participantes. Como na literatura há evidências de mudança em progresso na direção das formas imperativas com morfologia de indicativo e há o interesse de saber quais fatores estariam correlacionados ao uso dessa variante, para os resultados reportados nesta pesquisa, assume-se como valor de aplicação as formas com morfologia de indicativo. A distribuição geral dos dados revela que, na cidade de Feira de Santana, as formas indicativas são menos utilizadas (47%); por outro lado, na cidade de Campinas, os falantes utilizam predominantemente as formas imperativas associadas ao indicativo (81%), como se pode observar na Figura 2.1. Essa distribuição de formas imperativas se assemelha à de outros trabalhos realizados no Brasil (AL-

---

<sup>2</sup> Ao controlar efeitos aleatórios em modelos de efeitos mistos, é possível observar se as correlações são consequências das variáveis fixas ou se são por efeito de certos indivíduos ou itens lexicais que se comportam de maneira distinta da população analisada (LEVSHINA, 2015; OUSHIRO, 2015b).

**Figura 2.1** Proporções e números de dados do imperativo com morfologia de indicativo e subjuntivo em Feira de Santana-BA e Campinas-SP



VES, 2009; CARDOSO, 2009; EVANGELISTA, 2010; OLIVEIRA, 2017; SAMPAIO, 2001), em que o Nordeste se apresenta como uma região de maior retenção das formas subjuntivas, enquanto outras regiões do Brasil estão mais avançadas no estágio de propagação das formas imperativas indicativas.

Os resultados para Feira de Santana diferem, entretanto, dos apresentados por Santos (2016) para o português popular da Bahia (comunidades como Helvécia, Sapé, Santo Antônio de Jesus e Poções). A autora defende que as formas indicativas são as primeiras formas utilizadas por essas comunidades, apresentando como possibilidades para isso a fixação da forma associada ao indicativo (*canta*) a partir do modelo apreendido das situações comunicativas entre colonos e escravizados; ou a fixação da forma menos flexionada, indicativa, em função da redução da morfologia flexional que afeta as línguas erigidas a partir de situações de transmissão linguística irregular. Feira de Santana, entretanto, não segue esses mesmos padrões para o uso do imperativo, se aproximando mais dos resultados nas pesquisas realizadas sobre as capitais do Nordeste. Vale ressaltar ainda que os participantes das pesquisas de Santos (2016) são analfabetos ou semialfabetizados, diferentemente dos participantes desta pesquisa, que possuem ensino médio e superior. Feira de Santana também, ainda que seja uma cidade interiorana, apresenta aspectos socio-culturais que a aproxima mais dos grandes centros urbanos do que de cidades menos desenvolvidas, como as estudadas por Santos (2016). Essas características podem explicar a divergência de resultados entre Feira de Santana e outras localidades do interior da Bahia.

A diferença quanto às formas verbais imperativas detectadas na amostra geral é significativa ( $\chi^2 = 150,15(1), p < 0,001$ ), havendo, pois, a necessidade de compreender se esses índices estão relacionados à diferença de normas linguísticas nas duas cidades investigadas e quais fatores sociais e linguísticos influenciam os diferentes usos nessas comunidades.

A distribuição das variantes em Feira de Santana é semelhante às apresentadas em outras pesquisas realizadas sobre o uso das formas imperativas no Nordeste. Ao observar o

resultado da pesquisa comparativa realizada por Sampaio (2001) nas cidades do Rio de Janeiro e Salvador, nota-se que na década de 1990, das ocorrências analisadas na cidade de Salvador, 72% foram associadas ao subjuntivo. Alves (2009), também em um trabalho sobre a capital da Bahia realizado em 2009, apontou que, das 153 ocorrências analisadas, 72% foram da forma imperativa associada ao subjuntivo.

A distribuição das variantes em Campinas, diferentemente dos resultados de Feira de Santana, sinaliza, de forma geral, que os campineiros usam de forma expressiva as formas imperativas com morfologia de indicativo (81%). As proporções aqui expostas coadunam com as apresentadas em trabalhos anteriores sobre o uso das formas imperativas na região Sudeste. Além do trabalho comparativo de Sampaio (2001), que mostra uma diferença diatópica entre Salvador (6%) e Rio de Janeiro (94%) em relação ao uso das formas imperativas associadas ao indicativo, a pesquisa realizada por Evangelista (2010) em Vitória também indica que os capixabas utilizam 97% das formas de imperativo associadas à morfologia de indicativo. Em Campinas há indícios de que a mudança está mais avançada do que em Feira de Santana; por outro lado, se comparada aos trabalhos nas capitais do Sudeste, se encontra em estágio menos avançado. Nota-se que os campineiros, ainda que utilizem o indicativo de forma expressiva, apresentam proporções mais baixas para o seu uso, o que sugere uma mudança iniciada em centros urbanos e que vai no sentido capital - interior no caso da região Sudeste.

A fim de avaliar o papel de cada uma das variáveis predictoras sobre a expressão variável do imperativo, apresentam-se os resultados de modelos de regressão logística multivariada e as interações entre pares de variáveis. Diversos modelos estatísticos de regressão logística de efeitos mistos foram feitos, incluindo diferentes interações entre variáveis predictoras, mas um modelo com muitas variáveis e todas as interações reunidas seria muito complexo. Por isso optou-se por fazer modelos estatísticos incluindo-se variáveis linguísticas e sociais e apenas uma interação por vez. Para isso empregou-se a função lrm (*logistic regression model*), que apresenta a medida estatística chamada de Índice de Concordância (C), cuja função é dizer quão bem o modelo é capaz de explicar a variação encontrada nos dados.

Segundo Hosmer e Lemeshow (2000, apud OUSHIRO no prelo), o Índice de Concordância é considerado com pouco poder de discriminação de resultado se tiver um valor  $C = 0,5$ ; com um poder aceitável de discriminação de resultado se o índice de concordância for  $0.7 < C < 0.8$ ; com um poder excelente de discriminação de resultado se o índice de concordância for  $0.8 < C < 0.9$ ; e um poder notório de discriminação de resultado se o índice de concordância for  $C > 0.9$ .

Para os dados de Feira de Santana, o primeiro modelo reunia todas as variáveis linguísticas e sociais, juntamente com a interação entre as variáveis Sexo/Gênero e Situação Comunicativa, e apresentou índice  $C = 0.71$ . O segundo modelo, com todas as variáveis e a interação entre Situação Comunicativa e Faixa Etária, apresentou índice  $C = 0.72$ . O terceiro

e último modelo congregava todas as variáveis e a interação entre Faixa Etária e Escolaridade; este foi o modelo com melhor índice  $C = 0.75$ , por isso foi o escolhido para reportar os resultados aqui expostos. Os resultados das análises da regressão logística das variáveis linguísticas e sociais acerca do uso do imperativo associado ao indicativo mostram que Faixa Etária, Escolaridade, Saliência do Verbo, Situação Comunicativa são significativamente correlacionadas com o uso variável de morfologia de imperativo nessa localidade (Tabela 2.2)<sup>3</sup>.

Para os dados de Campinas também foram feitos modelos distintos com o intuito de selecionar o que apresentasse o melhor índice de concordância (C). O primeiro modelo apresentava todas as variáveis linguísticas e sociais, juntamente com a interação entre as variáveis Situação e Escolaridade. O índice de concordância para este teste foi  $C = 0.78$ , poder aceitável de discriminação de resultado. O segundo modelo com as variáveis linguísticas, sociais e a interação entre Faixa Etária e Escolaridade, por sua vez, apresentou um poder excelente de discriminação de resultado, com valor  $C = 0.84$ , sendo, portanto, o melhor modelo para reportar os resultados nesta análise, dispostos na Tabela 2.3.

Os resultados das análises da regressão logística em modelos de efeitos mistos das variáveis linguísticas e sociais acerca do uso do imperativo associado ao indicativo em Campinas mostram que Situação Comunicativa e Faixa Etária são significativas. As variáveis aqui selecionadas diferem dos resultados apresentados para os dados de Feira de Santana, já que as variáveis Saliência do Verbo e Escolaridade não se mostraram significativas para os dados de Campinas.

---

<sup>3</sup> Em tabelas de regressão logística, a primeira coluna indica os níveis da variável previsora fixa. O *intercept* corresponde ao nível de referência, cujo valor é estabelecido pelo pesquisador. A segunda coluna apresenta as estimativas em *logodds*, medida estatística com ponto neutro em zero, em que valores positivos indicam o favorecimento de determinada variante em relação ao valor de referência, enquanto valores negativos indicam desfavorecimento. A terceira coluna se refere ao *erro padrão*, medida que mostra a precisão da estimativa. A quarta coluna apresenta o *valor-z* que se logra a partir da razão estimativa/erro padrão, através do qual se estabelece o *valor-p* na quinta coluna (OUSHIRO, no prelo)

**Tabela 2.2** Resultado da análise de regressão logística em modelos de efeitos mistos para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em Feira de Santana-BA (N = 655)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p		Apl./N
<i>(Intercept)</i>	0,99	0,60	1,66	<0,0001	***	
<b>Faixa Etária</b>						
F1 (ref.)					.	146/233 (63%)
F2	-2,20	0,61	-3,61	<0,001	***	98/209 (47%)
F3	-2,61	0,62	-4,37	<0,001	***	65/213 (31%)
<b>Sexo/ Gênero</b>						
Feminino (ref.)						168/338 (50%)
Maculino	0,11	0,35	0,33	0,73	+	141/317 (44%)
<b>Escolaridade</b>						
Médio (ref.)						184/346 (53%)
Superior	-2,23	0,61	-3,61	<0,001	***	125/309 (40%)
<b>Situação Comunicativa</b>						
Instrução (ref.)						67/162 (41%)
Ordem	0,19	0,28	0,70	0,48	+	87/226 (38%)
Pedido	1,13	0,27	4,12	<0,001	***	155/267 (58%)
<b>Saliência do Verbo</b>						
Mais (Ref.)						190/655 (41%)
Menos	-0,63	0,20	-3,08	0,002	**	190/655 (52%)
<b>Tipo de Relação</b>						
Assimétrica (ref.)						143/292 (45%)
Simétrica	0,21	0,24	0,87	0,37	+	166/363 (49%)
<b>F2: EscolaridadeSuperior</b>	2,80	0,85	3,29	<0,001	***	
<b>F3: EscolaridadeSuperior</b>	1,94	0,86	2,24	0,02	*	

Modelo: glmer (morfologia.verbo ~ faixa.etaria \* escolaridade + sexo.genero + situacao.comunicativa + saliencia.verbo + tipo.relacao + (1|FALANTE) + (1|VERBO), data = dados, family = binomial)

**Tabela 2.3** Resultado da análise de regressão logística em modelos de efeitos mistos para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em Campinas-SP (N = 598)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p		Apl./N
<i>(Intercept)</i>	3,91	1,10	3,54	<0,0001	***	
<b>Faixa Etária</b>						
F1 (ref.)					.	182/194 (94%)
F2	-0,69	0,84	-0,81	0,41	+	190/227 (83%)
F3	-3,68	0,85	-4,29	<0,0001	***	111/177 (61%)
<b>Sexo/ Gênero</b>						
Feminino (ref.)						226/266 (85%)
Maculino	0,10	0,46	0,23	0,81	+	257/332 (77%)
<b>Escolaridade</b>						
Médio (ref.)						218/587 (76%)
Superior	0,10	0,90	-0,12	<0,90	+	265/311 (85%)
<b>Situação Comunicativa</b>						
Instrução (ref.)						115/157 (73%)
Ordem	0,32	0,50	0,63	0,52	+	137/177 (77%)
Pedido	1,20	0,47	2,50	0,01	*	231/264 (87%)
<b>Saliência do Verbo</b>						
Mais (Ref.)						200/251 (80%)
Menos	-0,11	0,28	0,38	0,69	+	283/347 (81%)
<b>Tipo de Relação</b>						
Assimétrica (ref.)						233/291 (80%)
Simétrica	0,45	0,43	1,05	0,29	+	250/307 (81%)
<b>F2: EscolaridadeSuperior</b>	-0,31	1,17	-0,26	0,78	+	
<b>F3: EscolaridadeSuperior</b>	2,31	1,16	1,98	0,04	*	

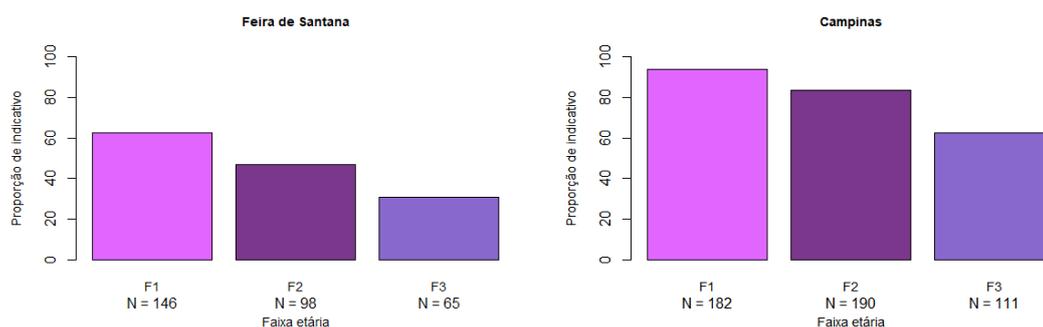
Modelo: glmer (morfologia.verbo ~ faixa.etaria \* escolaridade + sexo.genero + situacao.comunicativa + saliencia.verbo + tipo.relacao + (1|FALANTE) + (1|VERBO), data = dados, family = binomial)

Em Feira de Santana (Tabela 2.2), as estimativas negativas em *logodds* de F2 (-2.20) e F3 (-2.61) indicam que, em relação ao *intercept* F1, essas duas faixas etárias desfavorecem o uso do imperativo com morfologia de indicativo. Comparando ainda os valores de *intercept* de F2 e F3 em relação ao valor de referência F1, a F3 é a que mais desfavorece uso das formas associadas ao indicativo e F1 a que mais favorece, o que indica uma mudança em progresso na direção da forma de morfologia do indicativo. Para melhor visualizar o resultado do uso do

imperativo com morfologia de indicativo quanto à Faixa Etária, pode-se observar as proporções na Figura 2.2 à esquerda, em que a distribuição dos dados indica maior uso da forma indicativa por parte dos falantes mais jovens (63%), em relação aos falantes de segunda (47%) e de terceira faixa etária (31%).

Em relação à variável social Faixa Etária em Campinas (Tabela 2.3), nota-se que F3 (acima de 60) possui valor negativo em *logodds* (-3.68), desfavorecendo o uso da forma imperativa associada ao indicativo em relação ao *intercept* (F1). Nota-se ainda que não há diferença significativa de F2 (35-59) em relação ao *intercept* (F1), ou seja, em Campinas, notam-se diferenças entre os mais jovens e os mais velhos; a ausência de diferença entre a primeira faixa etária (94%) e segunda faixa etária (83%) indica que a mudança está desacelerando, como pode-se observar na Figura 2.2 à direita. Esses resultados sugerem, assim como os dados de Feira de Santana, mudança em progresso, mas, em Campinas, a mudança está mais avançada, não havendo mais diferença significativa entre as duas faixas etárias mais jovens.

**Figura 2.2** Proporções e números de dados do imperativo com morfologia de indicativo por Faixa Etária em Feira de Santana-BA e Campinas-SP



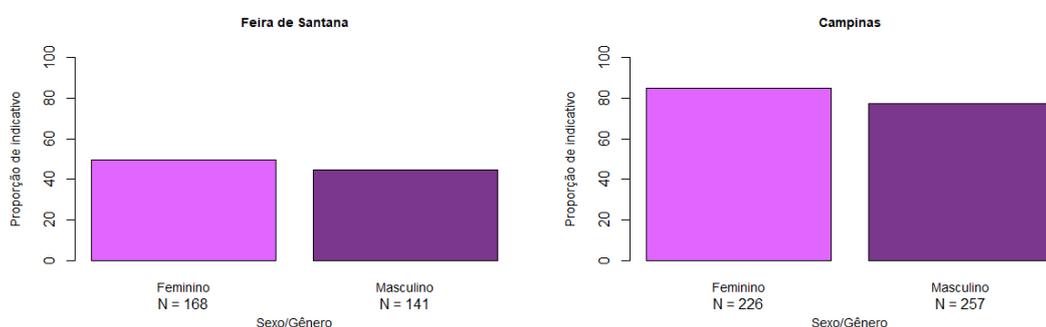
Conforme Paiva e Duarte (2003), para se estabelecer indício de uma mudança linguística é importante analisar pelo menos duas gerações sucessivas de falantes que possuam características sociais compatíveis e representem estágios diferentes do estado da língua na mesma comunidade de fala. O condicionamento da variável Faixa Etária em relação ao uso das formas imperativas tem sido analisado com bastante frequência em trabalhos sociolinguísticos e mostram justamente comportamentos diferentes para o uso das formas imperativas entre os mais jovens e mais velhos. Nos resultados aqui apresentados, o condicionamento das formas imperativas também segue as tendências já observadas em outros trabalhos sobre o imperativo, uma vez que os falantes mais jovens favorecem o uso das formas imperativas associadas ao indicativo, enquanto os mais velhos favorecem o uso das formas imperativas associadas ao subjuntivo.

Essas tendências foram constatadas por Sampaio (2001) em Salvador, mostrando o favorecimento do uso das formas indicativas entre os mais jovens (P.R. .61) em relação aos mais

velhos (P.R. .43). [Figuereido e Souza \(2017\)](#) também relataram o favorecimento das formas indicativas em Feira de Santana pelos mais jovens (33%) em relação aos mais velhos (17%). Os resultados para Campinas são semelhantes aos resultados observados por [Sampaio \(2001\)](#) no Rio de Janeiro, em que a primeira faixa etária apresentou valor categórico para uso das formas indicativas (100%), enquanto para terceira esse uso é um pouco menos frequente (94%). Pode-se afirmar, então, que em ambas as cidades analisadas nesta pesquisa as diferenças de proporção entre os usos das formas indicativas e subjuntivas deve-se a uma provável mudança em progresso, observada através da variável Faixa Etária, estatisticamente significativa tanto para Feira de Santana quanto para Campinas.

Para a variável Sexo/Gênero não havia grandes expectativas, uma vez que em estudos prévios essa variável não mostrou correlação, sendo testada nesta pesquisa apenas a título de comparação para possíveis generalizações sobre o uso do imperativo. Como esperado, essa variável não se mostrou significativa, apresentando proporções muito próximas em Feira de Santana (mulheres 49% e homens 44%) e em Campinas (mulheres 85% e homens 74%), como se observa na Figura 2.3.

**Figura 2.3** Proporções e números de dados do imperativo com morfologia de indicativo por Sexo/Gênero em Feira de Santana-BA e Campinas-SP



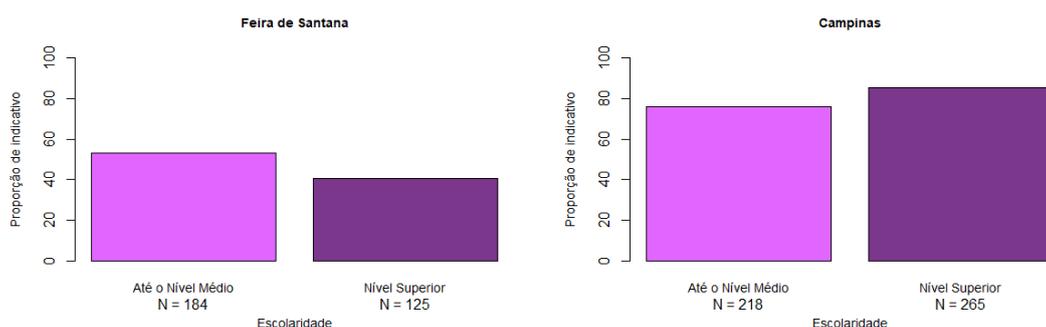
Nas análises dos trabalhos de [Sampaio \(2001\)](#), [Evangelista \(2010\)](#), [Oliveira \(2017\)](#), assim como em Feira de Santana e Campinas, a não correlação dessa variável com as formas imperativas foi explicada pelo fato de o imperativo não ser uma variável estigmatizada. A esse respeito, [Paiva \(2004\)](#) afirma que em muitos processos de mudança não há uma polarização evidente entre as variantes concorrentes, haja vista que há variantes que não se sujeitam a uma avaliação social explícita. Dessa forma, aqui se entende a falta de correlação entre o imperativo e a variável Sexo/Gênero pela ausência de coerção social e de avaliações que negativassem uma de suas variantes ([SCHERRE, 2007](#)).

Quanto à variável Escolaridade, a expectativa era que os padrões de escolarização não influenciassem o uso das formas imperativas. Segundo [Votre \(2004\)](#), quando o assunto é a variável Escolaridade, deve-se observar as distintas dinâmicas sociais que as variantes expres-

sam: forma de prestígio, forma estigmatizada e forma neutra (não marcada); assim, por considerar o imperativo uma forma neutra (CARDOSO, 2012; EVANGELISTA, 2010; SCHERRE, 2007), a variável não seria suscetível à ação normatizadora imposta pela escola.

Diferentemente do que se esperava, a variável Escolaridade se mostrou significativa em relação ao uso das formas imperativas em Feira de Santana. Analisando essa variável, nota-se que a estimativa negativa da variante nível superior (-2.23), em relação ao *intercept* (até nível médio), indica que os falantes mais escolarizados desfavorecem o imperativo associado ao indicativo em comparação aos que são menos escolarizados. Em Campinas, por outro lado, essa variável não apresentou correlação com o uso das formas imperativas. Os gráficos apresentados na Figura 2.4 mostram as proporções de indicativo para os falantes feirenses menos escolarizados (53%) e mais escolarizados (40%) e campineiros menos escolarizados (76%) e mais escolarizados (85%).

**Figura 2.4** Proporções e números de dados do imperativo com morfologia de indicativo por Escolaridade em Feira de Santana-BA e Campinas-SP



Os resultados de Feira de Santana divergem dos apresentados por Sampaio (2001) e por Alves (2009) para cidade de Salvador, uma vez que nesses trabalhos são os mais escolarizados que favorecem as formas indicativas; corroboram, entretanto, os resultados expostos por Oliveira (2017) nas capitais do Nordeste e Figueredo e Souza (2017) em Feira de Santana, em que são os menos escolarizados que favorecem as formas indicativas. Vale salientar ainda que a Escolaridade não foi significativa em diversos trabalhos, como, por exemplo, nos estudos de Evangelista (2010) em Vitória, de Cardoso (2012) em Florianópolis e Lages, como também nos dados de Campinas desta pesquisa. Observa-se, assim, que não há congruência nos resultados para variável Escolaridade, o que leva a questionar qual é o efetivo papel dessa variável nas correlações observadas. Outros fatores provavelmente estão em jogo aqui, uma vez que os resultados expostos apresentam uma diferença entre grupos sociais, não necessariamente da Escolaridade em si.

Apesar de a língua, de forma geral, ser vista como uma expressão de identidade histórico-cultural, mais especificamente, os falantes podem compartilhar normas linguísticas

diferentes que os levam a padrões de variação e comportamentos avaliativos distintos (LABOV, 2008 [1972]), fazendo com que falantes de uma mesma língua pertençam a *comunidades de fala* distintas. Os resultados expostos para a variável Escolaridade mostram que Feira de Santana e Campinas apresentam padrões de variação diferentes, uma vez que o encaixamento social do imperativo não é o mesmo nessas comunidades: enquanto em Feira de Santana falantes menos escolarizados fazem maior uso das formas indicativas, em Campinas, ainda que essa variável não se apresente como significativa, as proporções revelaram os falantes mais escolarizados com maior taxa de uso das formas indicativas.

Como se discutiu na Seção 1.2, para Hymes (1991 [1979]), a competência comunicativa é elemento essencial para definição de *comunidades de fala*, pois uma comunidade é composta pelo conjunto de falantes que exploram adequadamente os recursos identificados como pertencentes às regras de práticas comunicativas. Dessa forma, a competência comunicativa não está somente relacionada ao âmbito das normas gramaticais, mas também aos contextos comunicativos. Ou seja, para além dos padrões normatizadores da gramática, ao analisar uma variável, deve-se considerar as suas regras e uso em uma comunidade, uma vez que a normatização escolar pode ser insuficiente para construção de enunciados apropriados e aceitáveis nos contextos específicos em que acontecem. É importante entender que uma sentença pode apresentar uma variável gramaticalmente correta, mas inadequada, possível de ser realizada, mas com baixo nível de aceitabilidade.

Isso leva à reflexão de que relações óbvias, como atribuir à escolarização o grau de prestígio/estigma da variantes linguísticas, ou seja, quanto mais escolarizado, mais o sujeito procura usar formas de maior prestígio social, nem sempre funciona quando a variável não sofre estigma – o imperativo é um bom exemplo disso. Segundo Milroy (2001), essa relação é assumida frequentemente nos trabalhos sociolinguísticos. Entretanto, embora seja verdade em determinados casos que a variante padrão é idêntica à variante de maior prestígio, resultados como os apresentados para a variável Escolaridade em Campinas mostram que uma variante não padrão pode ser a forma de maior status social, uma vez que o prestígio atribuído às variedades linguísticas (por metonímia) é indexador e está envolvido na vida social dos falantes. Nesse sentido, pode-se inferir, de forma geral, que tanto em Feira de Santana quanto em Campinas, o imperativo provavelmente não sofre influência normatizadora. O que parece é que essas comunidades têm regras variáveis distintas relacionadas às normas de comunicação.

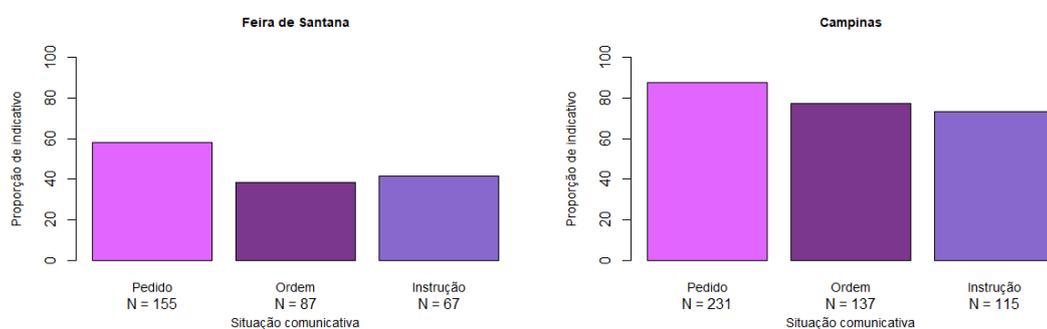
Sendo assim, é importante entender as normas de comunicação vigentes nas comunidades que podem determinar quais formas são mais ou menos adequadas para serem usadas, já que é a competência comunicativa de uso de uma língua que possibilita transmitir, interpretar mensagens e negociar os sentidos dentro dos contextos sociais. Para comunidades aqui analisadas, essas normas comunicativas podem estar associadas a um traço pragmático-discursivo de polidez e atenuação do comando, uma vez que, no teste de avaliação realizado por Santos

(2016), as variantes imperativas do indicativo foram avaliadas como mais adequadas a situações comunicativas mais brandas e polidas, enquanto as formas subjuntivas foram avaliadas como mais enfáticas, adequadas a situações de ordem. Além disso, como se discutiu na Seção 2.1, há indícios de que falantes que usam maciçamente formas indicativas associam as formas subjuntivas a reforço de ordem (SCHERRE, 2004). A questão da avaliação de formas indicativas e subjuntivas será discutida na Seção 3.2.

Controlou-se também a variável Situação Comunicativa com o intuito de saber se os diferentes contextos influenciam as escolhas das formas variantes, com a hipótese de que os contextos de pedido favoreceriam o uso das formas indicativas, por serem mais polidas e com força ilocucionária menor, enquanto os contextos de ordem, por estarem atrelados à ideia de reforço de ordem, desfavoreceriam-no. O valor positivo em *logodds* para situação de pedido (1.13) indica o favorecimento do uso do imperativo com morfologia de indicativo por falantes feirenses em relação ao *intercept* (situação de instrução). Nota-se ainda que não há diferença significativa entre ordem e instrução. Por outro lado, como na distribuição geral dos dados a situação de ordem tem a menor proporção de uso de indicativo (38%) (ver Figura 2.5), esperava-se aqui uma estimativa negativa de *logodds*, ou seja, uma tendência ao desfavorecimento da forma indicativa em comparação com a situação de instrução, e não uma estimativa positiva (0.19). Isso sinaliza uma possível interação entre Situação Comunicativa e outra variável, cuja discussão será feita mais adiante.

Em Campinas, observa-se que o valor positivo em *logodds* (1.20) para o contexto comunicativo de pedido revela também o favorecimento da forma imperativa com morfologia de indicativo por falantes campineiros nesse contexto, em relação ao *intercept* (situação de instrução), e que não há diferença significativa entre a situação de ordem (0.32) em relação ao *intercept* (3.91).

**Figura 2.5** Proporções e números de dados do imperativo com morfologia de indicativo por Situação Comunicativa em Feira de Santana-BA e Campinas-SP



Os gráficos da Figura 2.5 mostram as proporções em Feira de Santana para o contexto de pedido (58%), seguido das situações de instrução (41%) e ordem (38%). Os exemplos

em (3)–(5) exemplificam essas situações respectivamente:

- (3) *Me dá um beijo* (FSA\_M1M\_EdsonC)<sup>4</sup>
- (4) *Filha dobra a roupa assim* (FSA\_F2S\_FabiaS)
- (5) *Arruma essa bagunça* (FSA\_M2M\_MarciaS)

Em Campinas, assim como em Feira de Santana, a Situação Comunicativa de pedido (87%) é favorecedora das formas indicativas, entretanto, não é o contexto de ordem (77%) que mais desfavorece as formas indicativas e sim instrução (73%). Seguem exemplos em (6)–(8), respectivamente, dessas situações:

- (6) *Amiga assopra meu olho* (CPS\_F2M\_MaraA)
- (7) *Desce já aqui* (CPS\_F2S\_MunizeS)
- (8) *Fica um pouco mais perto pra mim focar melhor* (CPS\_M3M\_TulioR)

Os resultados apresentados aqui corroboram os trabalhos de Santos (2016) e Figueredo e Souza (2017), uma vez que apresentam as formas indicativas como mais polidas e brandas, utilizadas em Situação Comunicativa que exige menor força manipulativa, e também reforçam as intuições de Scherre (2004) ao dizer que os falantes associam as formas subjuntivas aos contextos de ordem. Nota-se, entretanto, que não são apenas os falantes campineiros que usam maciçamente as formas indicativas que seguem essa tendência, uma vez que em Feira de Santana, cidade que ainda apresenta proporções mais elevadas de uso das formas imperativas associadas ao subjuntivo, os falantes também preferem as formas indicativas em contextos de pedido.

Em relação à variável Saliência do Verbo, espera-se que verbos menos salientes, com oposição menos marcada, favoreçam as formas imperativas associadas ao indicativo ((9)), enquanto verbos com oposição mais marcada, por isso mais salientes ((10)), favoreçam as formas subjuntivas.

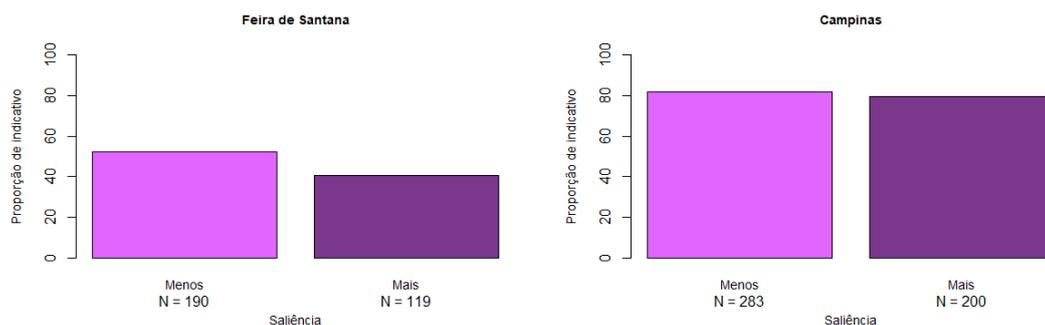
- (9) *Fala alto não estou ouvindo* (CPS\_M1S\_RodolfoG)
- (10) *Faça uma pose* (FSA\_F1S\_KarlaS)

Nota-se que o valor positivo em *logodds* (0.63) para verbos menos salientes revela o favorecimento do imperativo associado ao indicativo por falantes feirenses em relação ao

<sup>4</sup> Nos exemplos, o participante é identificado pelo seu perfil social: localidade (FSA - Feira de Santana; CPS - Campinas); Sexo (F - feminino; M - masculino); faixa etária (1 - 18-34 anos; 2 - 35-59 anos; 3 - acima de 60 anos); escolaridade (M - até Ensino Médio; S - Ensino Superior) e por seu pseudônimo.

*intercept* (verbos mais salientes). Em Campinas, entretanto, as formas imperativas com verbos menos salientes (82%) e mais salientes (80%) apresentam proporções muito parecidas, o que explica a não correlação com o uso das formas imperativas. Observam-se as proporções mais claramente na Figura 2.6.<sup>5</sup>

**Figura 2.6** Proporções e números de dados do imperativo com morfologia de indicativo por Saliência do Verbo em Feira de Santana-BA e Campinas-SP

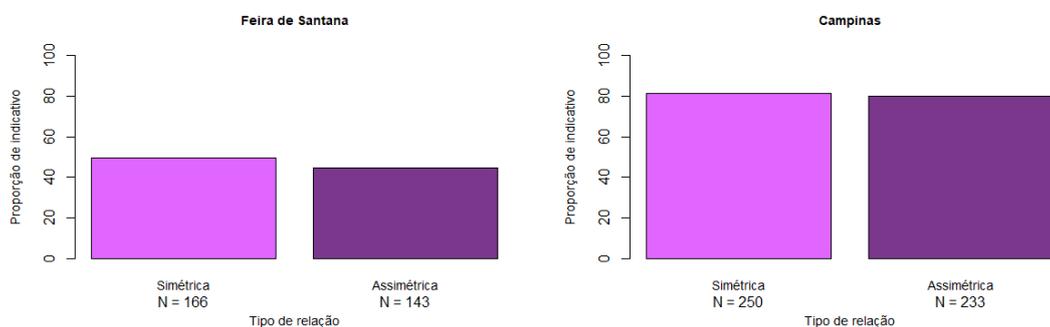


Os resultados de Feira de Santana corroboram os apresentados nas pesquisas de Sampaio (2001), Jesus (2006), Lacerda (2015), Oliveira (2017), uma vez que os verbos menos salientes também favorecem as formas indicativas. Para Campinas, todos os verbos, sejam eles salientes ou não, apresentam proporções altas para o uso das formas indicativas. Como a mudança em Campinas está em um estágio mais avançado, a não correlação com a Saliência do Verbo pode indicar a perda da força da influência de variáveis linguísticas, e também indica padrões diferentes nas duas comunidades.

Assim como para a variável Situação Comunicativa, imagina-se que, para Tipo de Relação entre interlocutores, os falantes usariam formas associadas ao indicativo nas relações simétricas, por serem brandas, e os falantes imporiam uma força manipulativa maior nas relações assimétricas, usando formas associadas aos subjuntivo. No entanto, como se pode observar na Figura 2.7, as proporções em Feira de Santana são muito próximas para relações simétricas (49%) e assimétricas (50%) e o mesmo se observa em Campinas: relações simétricas (81%) e assimétricas (80%).

<sup>5</sup> Inicialmente, a variável Saliência do Verbo foi organizada em três variantes — mais, mais ou menos e menos saliente — ver Seção 2.2, mas, como não era possível controlar totalmente os verbos que seriam ditos pelos participantes, ao analisar as formas ditas por eles, percebeu-se que havia mais verbos menos salientes, de modo que se decidiu amalgamar os dados de verbos mais salientes (*cobre/cubra*) e mais ou menos salientes (*faz/faça*) em uma mesma categoria.

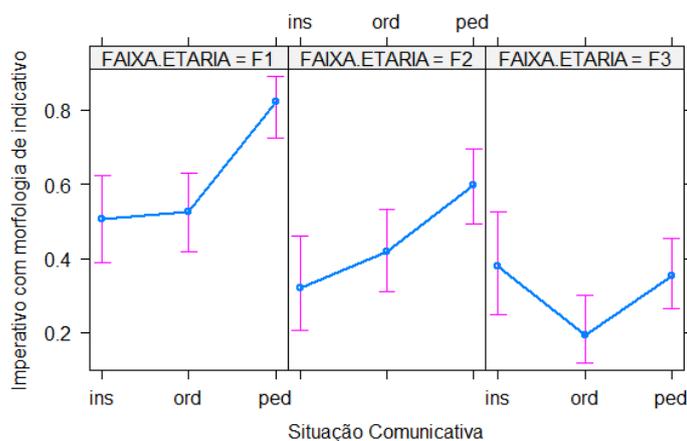
**Figura 2.7** Proporções e números de dados do imperativo com morfologia de indicativo por Tipo de Relação em Feira de Santana-BA e Campinas-SP



Nota-se, assim, que a variável Tipo de Relação entre interlocutores não se correlaciona ao uso do imperativo em Feira de Santana e Campinas nos modelos de regressão. Os resultados aqui expostos, dessa forma, se aproximam dos apresentados por Scherre (2004) e por Cardoso (2012). Em ambas as pesquisas, essa variável foi analisada, mas não se mostrou significativa.

Os modelos de regressão logística indicaram ainda haver interação entre Situação Comunicativa e Faixa Etária, Situação Comunicativa e Sexo/Gênero, e Escolaridade e Faixa Etária em Feira de Santana. Outras interações foram testadas (Situação Comunicativa \* Tipo de Relação, Tipo de Relação \* Faixa Etária, Tipo de Relação \* Sexo/Gênero), mas aqui só se reportam as que apresentaram correlação. As interações ajudarão mais bem entender os resultados encontrados em Feira de Santana.

**Figura 2.8** Interação entre as variáveis Situação Comunicativa e Faixa Etária para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em Feira de Santana-BA



A Figura 2.8 compara a aplicação do imperativo com morfologia de indicativo pelos informantes mais jovens (F1, à esquerda), de faixa etária intermediária (F2, centro) e mais

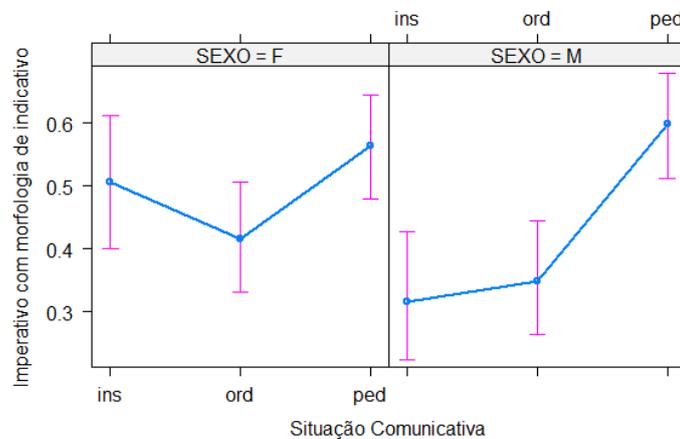
velhos (F3, à direita), quando a intenção comunicativa é de instruir, ordenar e pedir, respectivamente. No gráfico de F1 (18-34), observa-se uma progressão ascendente: a situação de pedido se diferencia claramente das situações de ordem e instrução, com favorecimento do uso do indicativo. No gráfico de F2 (35-59), há também uma progressão ascendente, mas não há uma diferença significativa entre ordem e pedido, embora haja entre pedido e instrução. Já no gráfico de F3 (acima de 60), não há diferença significativa entre os níveis de situação.

Os resultados apresentados nos gráficos de primeira faixa etária (18-34) e de terceira faixa etária (acima de 60) mostram comportamentos diferentes para essas duas gerações em relação ao uso das formas imperativas em Feira de Santana. Os mais jovens, ao utilizarem mais as formas indicativas em contextos de pedido, reforçam a ideia de que a funcionalidade das formas indicativas e subjuntivas provavelmente são diferentes, uma vez que, como já foi dito acima, há indícios de que os falantes que hoje fazem maior uso das formas indicativas consideram as formas subjuntivas reforço de ordem (SCHERRE, 2004). Por outro lado, os falantes mais velhos tendem a utilizar as formas imperativas associadas ao subjuntivo nos três contextos, sem diferenciação.

Esses resultados fazem supor que para os mais velhos não há essa diferença de funcionalidade entre formas indicativas e subjuntivas. Além disso indica uma mudança nas normas comunicativas da comunidade de Feira de Santana, uma vez que os falantes mais novos estão preferindo, em contextos que exigem uma comunicação mais branda e polida, utilizar formas indicativas. Esses resultados indicam uma possível mudança nos significados sociais das formas imperativas, algo que será mais bem explorado no Capítulo 3, sobre percepções.

Apesar de a variável Sexo/Gênero não ser significativa, o indício de desfavorecimento da forma indicativa da Situação Comunicativa de ordem despertou o interesse em saber se havia interação entre essas variáveis. Os resultados surpreendem ao indicar que homens favorecem o uso do indicativo em contextos comunicativos de pedido, diferença que não se verifica entre as mulheres.

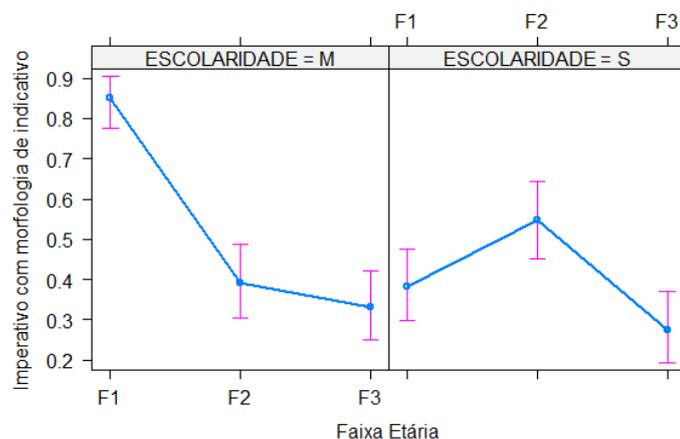
**Figura 2.9** Interação entre as variáveis Sexo/Gênero e Situação Comunicativa para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em Feira de Santana-BA



A Figura 2.9 compara a aplicação do imperativo com morfologia de indicativo por pessoas do sexo feminino (à esquerda) e masculino (à direita), quando a intenção comunicativa é de instruir, ordenar e pedir, respectivamente. No gráfico do sexo feminino, nota-se que não há uma diferença significativa entre os níveis de situação (instrução, ordem e pedido). Já no gráfico do sexo masculino, observa-se uma progressão ascendente, em que a situação de pedido favorece o indicativo em relação às situações de ordem e instrução. Isso sinaliza que são os homens, não as mulheres, que lideram o favorecimento das formas imperativas associadas ao indicativo no contexto de pedido, verificado para a amostra baiana geral.

Nota-se ainda uma interação entre as variáveis sociais Faixa Etária e Escolaridade em Feira de Santana (Figura 2.10).

**Figura 2.10** Interação entre as variáveis Faixa Etária e Escolaridade para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em Feira de Santana-BA



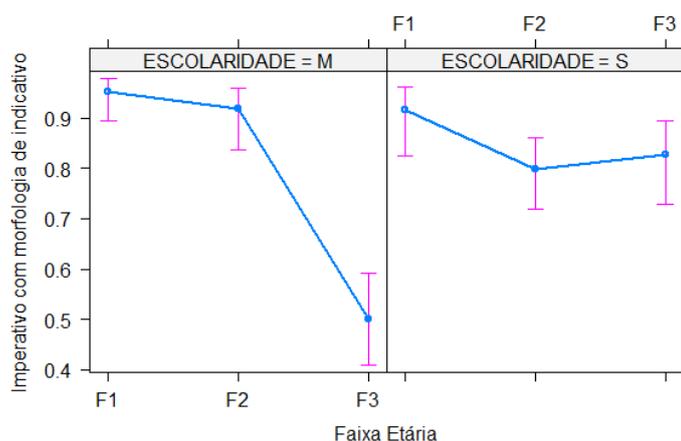
Para os dados de Feira de Santana, no gráfico em que a Escolaridade é até nível

médio (à esquerda), há uma progressão descendente: os falantes de F1 utilizam mais as formas imperativas com morfologia de indicativo, enquanto os falantes de F2 e F3 utilizam menos o imperativo associado ao indicativo — a tendência de mudança em progresso verificada na comunidade, que tem sido liderada, então, mais propriamente por esses falantes menos escolarizados.

No gráfico do nível superior (à direita), vemos um comportamento diferente do de nível médio, já que não há uma diferença significativa entre as faixas etárias. Fica evidente que os falantes de F1 que têm até nível médio agem diferentemente dos falantes de F1 que têm nível superior, o que sugere não só diferentes padrões de uso da forma imperativa, mas também que os significados sociais associados a cada variante não são os mesmos para esses grupos.

Assim como para o conjunto de dados de Feira de Santana, diversas interações foram testadas para os dados de Campinas (Situação Comunicativa \* Tipo de Relação, Tipo de Relação \* Faixa Etária, Tipo de Relação \* Sexo/Gênero), mas elas ocorrem apenas entre Faixa Etária e Escolaridade, e Situação Comunicativa e Escolaridade.

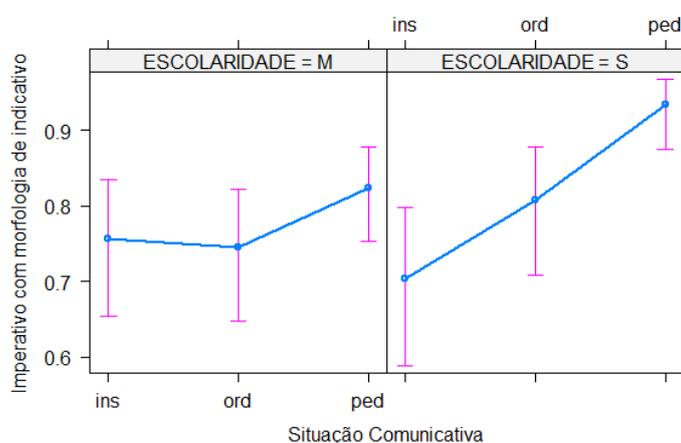
**Figura 2.11** Interação entre as variáveis Faixa Etária e Escolaridade para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em Campinas-SP



Para os dados em Campinas, a Figura 2.11 compara a aplicação do imperativo com morfologia de indicativo no nível médio (à esquerda) e superior (à direita) por informantes de F1 (18-34), F2 (35-59) e F3 (acima de 60). No gráfico em que a escolaridade é até nível médio, observa-se uma progressão descendente: os falantes de F1 e F2 utilizam mais as formas imperativas com morfologia de indicativo, enquanto os falantes de F3 utilizam bem menos o imperativo associado ao indicativo. Já no gráfico de nível superior não há diferença significativa entre F1, F2 e F3. Isso indica que a mudança tenha iniciado dentre os falantes com nível mais alto de escolaridade, grupo em que a variação já se encontra estável, e que a mudança tem continuidade, agora, entre falantes menos escolarizados.

Outra interação observada através dos modelos de regressão logística em Campinas foi entre as variáveis Situação Comunicativa e Escolaridade.

**Figura 2.12** Interação entre as variáveis Situação Comunicativa e Escolaridade para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em Campinas-SP



A Figura 2.12 compara a aplicação do imperativo com morfologia de indicativo até o nível médio (à esquerda) e superior (à direita) quando o contexto comunicativo é de instruir, ordenar e pedir, respectivamente. Nela se observa que, entre os falantes que possuem até o nível médio, não há diferença significativa entre as intenções de instruir, ordenar e pedir, mas entre os de escolaridade de nível superior, os resultados se apresentam de forma diferente. Observa-se uma progressão ascendente, evidenciando uma diferença significativa entre as situações de instrução e pedido: as situação de pedido favorecem as formas imperativas associadas ao indicativo.

Como foi descrito na Metodologia, os ouvintes do experimento de percepção foram os mesmos falantes do experimento de produção. A escolha pelos mesmos participantes vem do desejo de comparar os resultados encontrados nos experimentos, uma vez que, apesar de a relação entre produção e percepção não ser direta, percepções linguísticas podem influenciar o uso de uma ou outra variante linguística. No entanto os desenhos metodológicos apresentam diferenças quanto às variáveis controladas, já que, no teste de percepção, a variável Situação Comunicativa não foi incluída, havendo apenas situações de pedido.

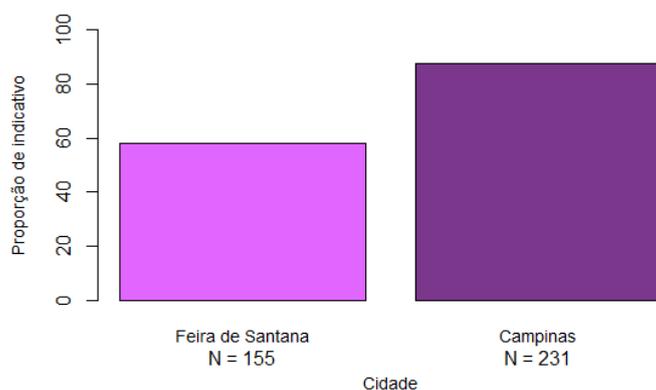
Dessa forma, para que seja possível fazer uma relação entre os dados de produção e percepção, realizou-se nova análise somente com os dados de pedido coletados para o experimento de produção, com vistas a discutir os condicionadores internos, entender os padrões de Sexo/Gênero, Escolaridade, Faixa Etária e compará-los com os resultados do experimento de percepção.

### 2.3.1 Análise do subconjunto de dados de pedido

A análise de Situação Comunicativa de pedido conta com 531 dados das formas imperativas associadas ao indicativo e subjuntivo. Como já visto na Seção 2.3, nessa situação comunicativa,

o indicativo foi empregado em 58% dos casos em Feira de Santana e em 87% em Campinas (ver Figura 2.13).

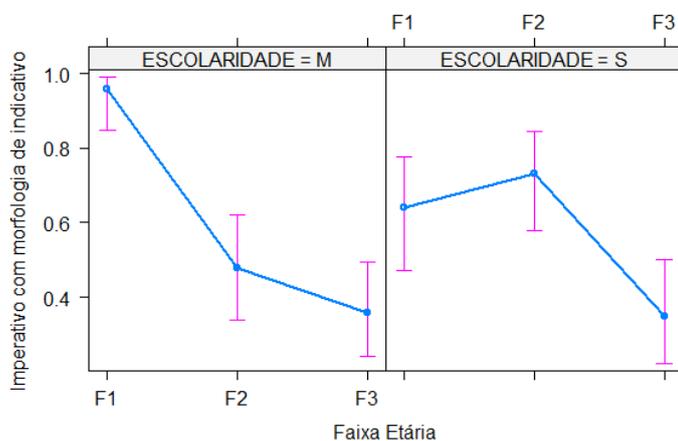
**Figura 2.13** Proporções e números de dados do imperativo com morfologia de indicativo em Situação Comunicativa de Pedido por Cidade



A Tabela 2.4 apresenta o resultado do modelo de regressão logística no subconjunto de dados de Feira de Santana.

Para os dados de pedido em Feira de Santana, os resultados das análises de regressão logística de efeitos mistos, reunindo todas as variáveis linguísticas e sociais, juntamente com a interação entre as variáveis Faixa Etária e Escolaridade, mostram que apenas as variáveis Faixa Etária e Escolaridade, assim como a interação entre elas, se correlacionam com o uso variável de morfologia de imperativo. Como não houve outras interações, esse foi o modelo escolhido para ser reportado. Este modelo apresenta um índice de discriminação aceitável ( $C = 0,75$ ). A Figura 2.14 mostra essa interação.

**Figura 2.14** Interação entre as variáveis Faixa etária e Escolaridade para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em situação de pedido em Feira de Santana-BA



**Tabela 2.4** Resultado da análise de regressão logística em modelos de efeitos mistos para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em Situação Comunicativa de pedido em Feira de Santana-BA (N = 267)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p		Apl./N
<i>(Intercept)</i>	2,82	0,95	2,94	0,003	**	
<b>Faixa etária</b>						
F1 (ref.)					.	69/84 (82%)
F2	-3,98	1,06	-3,72	<0,001	***	52/87 (60%)
F3	-4,41	1,06	-4,16	<0,001	***	34/96 (35%)
<b>Sexo/ Gênero</b>						
Feminino (ref.)						76/135 (56%)
Maculino	0,55	0,47	1,16	0,24	+	79/132 (60%)
<b>Escolaridade</b>						
Médio (ref.)						87/147 (59%)
Superior	-3,00	1,06	-2,81	0,004	**	68/120 (57%)
<b>Saliência</b>						
Mais (ref.)						56/110 (51%)
Menos	0,69	0,36	1,92	0,054	+	99/157 (63%)
<b>Tipo de Relação</b>						
Assimétrica						70/125 (56%)
Simétrica	0,51	0,52	0,97	0,32	+	85/142 (60%)
<b>F2: EscolaridadeSuperior</b>	4,28	1,32	3,24	0,001	**	
<b>F3: EscolaridadeSuperior</b>	2,73	1,28	2,12	0,033	*	

Modelo: glmer (morfologia.verbo ~ faixa.etaria \* escolaridade + sexo.genero + saliencia.verbo + tipo.relacao + (1|FALANTE) + (1|VERBO), data = dados, family = binomial)

Os dados de pedido em Feira de Santana revelam uma progressão ascendente no gráfico em que a escolaridade é até o nível médio (à esquerda): os falantes de primeira faixa etária (18-34) utilizam progressivamente as formas imperativas associadas ao indicativo, enquanto os falantes da segunda (35-59) e terceira (acima de 60) faixas etárias utilizam menos as formas imperativas associadas ao indicativo, refletindo uma mudança em progresso. No gráfico do nível superior (à direita), entretanto, o comportamento é diferente, uma vez que não há diferença significativa entre as faixas etárias. Nota-se, assim, uma diferença clara nos padrões de uso, já que os falantes de primeira faixa etária que estudaram até o nível médio apresentam comportamento diferente dos falantes de primeira faixa etária que possuem nível superior.

Para os dados em situação de pedido em Campinas, os resultados das análises da regressão logística em modelo de efeitos mistos das variáveis linguísticas e sociais acerca do uso do imperativo associado ao indicativo mostram que apenas a variável Faixa Etária é significativa. Esse modelo não apresenta interação significativa entre variáveis e seu índice de discriminação é aceitável ( $C = 0,79$ ).

**Tabela 2.5** Resultado da análise de regressão logística em modelos de efeitos mistos para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em Situação Comunicativa de pedido em Campinas-SP (N = 264)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	<i>p</i>		Apl./N
<i>(Intercept)</i>	4.32	1.28	3,36	<0,0001	***	
<b>Faixa Etária</b>						
F1 (ref.)					.	86/88 (98%)
F2	-1,64	1,04	-1,57	0,11	+	87/ 95 (92%)
F3	-3,45	1,06	-3,22	0,001	**	58/81 (72%)
<b>Sexo/ Gênero</b>						
Feminino (ref.)						100/111 (90%)
Maculino	0,08	0,69	0,12	0,90	+	131/153 (86%)
<b>Escolaridade</b>						
Médio (ref.)						100/124 (81%)
Superior	1,27	0,69	1,84	0,06	+	131/140 (94%)
<b>Saliência do Verbo</b>						
Mais (ref.)						94/106 (89%)
Menos	-0,39	0,55	-0,71	0,47	+	137/158 (87%)
<b>Tipo de Relação</b>						
Assimétrica (ref.)						114/132 (86%)
Simétrica	0,18	0,83	0,21	0,82	+	117/132 (89%)

Modelo: `glmer(morfologia.verbo ~ faixa.etaria + escolaridade + sexo.genero + saliencia.verbo + tipo.relacao + (1|FALANTE) + (1|VERBO), data = dados, family = binomial)`

Ao observar a variável Faixa Etária, nota-se que o valor em *logodds* para a terceira faixa etária (acima de 60) é negativo (-3,45), revelando desfavorecimento da forma imperativa associada ao indicativo por falantes campineiros em relação ao *intercept* (primeira faixa etária). Diferentemente dos resultados em Situação de pedido para Feira de Santana, aqui, a segunda

faixa etária não se comporta de modo significativamente distinto em relação à primeira. Esse resultados indicam, mais uma vez, que em Campinas a mudança está mais acelerada, uma vez que só os mais velhos desfavorecem o uso das formas indicativas.

De forma geral, os resultados para o subconjunto de pedidos é similar aos resultados gerais para Feira de Santana e Campinas. Ambas as cidades apresentam mudança em progresso para o conjunto de dados de pedido. Entretanto, diferentemente dos resultados gerais, em Feira de Santana, a correlação com a variação Saliência Fônica deixa de existir, possivelmente devido ao número menor de dados, como também, em Campinas, a interação entre as variáveis Faixa Etária e Escolaridade deixa de aparecer.

## **2.4 Síntese dos resultados de produção**

Os resultados revelam, de forma geral, que a norma linguística para o uso das formas imperativas em Feira de Santana e Campinas é diferente, atribuindo-se, pois, os usos das variantes às normas de comunicação vigentes em cada comunidade.

Ao observar mais detalhadamente as análises para Feira de Santana, ainda que os falantes utilizem predominantemente as formas imperativas associadas ao subjuntivo, observa-se mudança em progresso, visto que os falantes de primeira faixa etária (18-34) favorecem as formas indicativas, enquanto os falantes da terceira faixa etária (acima de 60) as desfavorecem. A mudança é liderada por falantes menos escolarizados, mas infere-se que os padrões gramaticais normativos pouco influenciam os usos, uma vez que essa variável não sofre coerção social. Das variáveis previsoras linguísticas, nota-se que as formas indicativas são mais utilizadas em contexto de pedido, e menos utilizadas em contextos de ordem, como também verbos menos salientes (menos marcados) são mais empregados com morfologia de indicativo. Os modelos de regressão logística mostraram ainda interação entre Situação Comunicativa e Faixa Etária, revelando que, em Feira de Santana, enquanto os mais jovens utilizam mais as formas imperativas associadas ao indicativo em contextos de pedido, os mais velhos utilizam, sem diferenciação, as formas associadas ao subjuntivo nos três contextos comunicativos. Esses resultados são indicadores de uma mudança na norma comunicativa de Feira de Santana, uma vez que os falantes de F1, em contextos mais brandos, preferem a morfologia de indicativo. Surpreendentemente, a interação Situação Comunicativa e Sexo/Gênero revela que são os homens que favorecem o uso das formas indicativas em contextos comunicativos de pedido e, para interação entre Escolaridade e Faixa Etária, observou-se que falantes de F1 com até nível médio utilizam mais as formas imperativas associadas ao indicativo, enquanto os falantes do nível superior têm um comportamento diferente, uma vez que não há diferenças significativas entre as três faixas etárias para o uso das formas imperativas, ou seja, os padrões de encaixamento da forma imperativa não são os mesmos para os falantes de até nível médio e superior.

Para Campinas, nota-se uma mudança em progresso mais avançada, uma vez que

---

a proporção de uso das formas imperativas associadas ao indicativo pelos campineiros é mais alta do que pelos feirenses. Assim como em Feira de Santana, os contextos de pedido favorecem as formas indicativas; por outro lado, possivelmente devido ao estágio mais avançado de mudança, a Saliência do Verbo não se mostrou significativamente correlacionada ao imperativo. As interações entre Faixa Etária e Escolaridade revelaram ainda que os falantes de F1 e F2 que estudaram até o nível médio utilizam mais as formas imperativas associadas ao indicativo, ao passo que para os falantes que têm nível superior não se observa diferença significativa entre as três faixas etárias, ou seja, entre os falantes de nível mais alto de escolarização, a variação já se encontra estável. Na interação entre Situação Comunicativa e Escolaridade, para os falantes de até nível médio não se observa diferença significativa quanto às diferentes intenções comunicativas, mas para os falantes de nível superior nota-se um comportamento diferente, já que a situação comunicativa de pedido favorece as formas imperativas com morfologia de indicativo.

Os resultados para análise do subconjunto de dados de pedido revelam padrões de variação semelhantes aos dos dados gerais tanto para Feira quanto para Campinas. Mais especificamente, em Feira de Santana, o contexto de pedido também indica mudança em progresso com os falantes de primeira faixa etária (18-34) e menos escolarizados iniciando a mudança. Em Campinas, apenas a variável Faixa Etária é significativa para o uso das formas imperativas em contexto comunicativo de pedido, indicando mudança em progresso com a primeira (18-34) e segunda (35-59) faixas etárias favorecendo as formas indicativas e uma mudança mais avançada do que em Feira de Santana.

Os resultados aqui apresentados mostram normas linguísticas diferentes para Feira de Santana e Campinas, o que desperta o interesse em entender quais significados sociais estão associados aos usos das formas variantes do imperativo, uma vez que diferentes normas utilizadas por grupos sociais podem estar associadas a diferentes significados, que serão discutidos no capítulo a seguir.

## Capítulo 3

# Análises de avaliação e percepção sociolinguística

O presente capítulo tem como objetivo discutir como os falantes percebem e avaliam as variantes das formas imperativas nas cidades de Feira de Santana e Campinas, juntamente aos significados sociais atrelados às formas. Para isso, inicia-se o capítulo examinando estudos de percepção que buscam acessar os significados sociais de diversas variantes linguísticas; em seguida, apresentam-se as avaliações que os ouvintes feirenses e campineiros fazem das formas imperativas como o intuito de relacioná-las a hipóteses definidas no experimento de percepção; apresentam-se então os aspectos metodológicos para construção e realização do experimento de percepção, desenvolvido com base na técnica de estímulos pareados (LAMBERT et al., 1960; OUSHIRO, 2015b), e por fim discutem-se os resultados encontrados, apresentando as percepções e significados sociais associados às variantes do modo imperativo.

### 3.1 Os estudos de percepção sociolinguística

Os estudos sociolinguísticos, por muito tempo, têm mantido o foco sobre padrões de variação e sobre os fatores linguísticos e sociais que influenciam os processos de variação e mudança. Entende-se a importância dada pelos sociolinguistas em apreender como a língua muda ao longo do tempo e como varia no espaço geográfico e social; entretanto tais pesquisas normalmente se baseiam em macrocategorias sociais – Sexo/Gênero, Classe Social, Idade – que por vezes podem passar a se confundir com identidades dos falantes, sem levar em conta sua relevância para os próprios indivíduos em seu cotidiano (ECKERT, 2012; MENDES, 2019; OUSHIRO, 2019b).

Para mais bem compreender processos de variação e mudança, é necessário observar os contextos sociais de uso da língua (ECKERT, 2012), assim como é necessário entender não apenas com as pessoas falam, mas também como elas ouvem e percebem a variação linguística (CAMPBELL-KIBLER, 2010). Oushiro (2015b) afirma que, ainda que as inferências feitas pelos ouvintes a respeito de determinados falantes possam ser equivocadas, é provável que tais impressões influenciem o modo como os membros de uma comunidade se relacionam e se comunicam entre si.

É nesse contexto que os testes de percepção tornam-se de grande valia. Segundo Campbell-Kibler (2010), é importante que fique claro qual senso de percepção se destina aos estudos sociolinguísticos. De forma mais geral, o termo *percepção* é usado para se referir a crenças e ideologias que as pessoas têm sobre determinado assunto. Em estudos sociolinguísticos, interessam os processos envolvidos quando as pessoas estão expostas a estímulos externos (linguísticos) para que se possa obter informações a partir deles.

Aqui se define *percepção* como as inferências, conscientes ou não, que os usuários de uma língua fazem ao ouvir outro falante. Como as percepções podem ser inconscientes, podem não ser objeto de comentário metalinguístico, tendo em vista ainda que as reações e comentários feitos por um falante a uma variante podem não coincidir com seus usos reais (OUSHIRO, 2015b,c).

Tal área, se comparada aos trabalhos de produção, ainda é sub-explorada pela sociolinguística, mas alguns trabalhos já revelam importantes contribuições dos estudos de atitudes e percepção para as preocupações variacionistas (CAMPBELL-KIBLER, 2009; CANEVER, 2017; CORRÊA, 2019; HAY; DRAGER, 2010; LABOV, 2006 [1966]; LAMBERT et al., 1960; MENDES, 2018; OUSHIRO, 2019a, 2015b; SANTOS, 2020; SORIANO, 2016; SORIANO; MENDES, 2016).

Os estudos de percepção se consolidaram com o trabalho produzido por Lambert et al. (1960), que desenvolveram importante ferramenta metodológica para estudos de percepção: a técnica de estímulos pareados (*matched-guise*). Nessa pesquisa, os autores tinham como objetivo acessar os julgamentos feitos pelos ouvintes acerca da língua inglesa e francesa na cidade de Montreal, Canadá. Para isso, gravaram quatro falantes bilíngues lendo um mesmo texto de natureza filosófica em inglês e francês. A essas oito gravações, foram adicionadas mais duas como distratoras. Essas 10 gravações foram ouvidas por 130 alunos francófonos e anglófonos de duas universidades da cidade de Montreal. A partir dos textos ouvidos, os alunos deveriam classificar as vozes quanto a diferentes características do falante, como, por exemplo, altura, aparência, inteligência, caráter, bondade, humor. É importante salientar que os ouvintes julgavam estar ouvindo falantes diferentes, de modo que acreditavam estar julgando o falante; contudo, ao comparar as notas atribuídas a um mesmo falante, ora em “disfarce inglês”, ora em “disfarce francês”, Lambert et al. (1960) puderam depreender associações feitas pelos ouvintes

com as *línguas*, e não com indivíduos.

Os resultados apresentados pelos autores revelam que a comunidade canadense atribuiu julgamentos diferentes às duas línguas. Tanto os ouvintes francófonos quanto anglófonos julgaram mais positivamente os falantes quando ouviram os estímulos em inglês para as escalas de altura, boa aparência, inteligência, confiança, bondade, ambição e caráter; os estímulos em francês só foram mais bem avaliados do que o inglês quanto ao senso de humor, revelando que os estereótipos associados às línguas têm impacto nas avaliações sociais dos falantes de uma comunidade.

Labov (2006 [1966]) também se interessou pelos significados sociais das variantes linguísticas. Inspirado no trabalho de Lambert et al. (1960), após analisar a diferenciação de cinco variáveis fonológicas na cidade de Nova Iorque, o autor buscou desvendar as reações subjetivas dos falantes em relação às variantes, já que, para ele, a variação linguística se estrutura pelo estilo (grau de formalidade) e classe social dos falantes. Para a realização do experimento, cinco mulheres nova-iorquinas foram gravadas lendo um pequeno texto que continha as variáveis (oh), (æh), (r), (th) e (dh). Após a gravação, Labov selecionou as frases que continham as variantes que desejava analisar e elas foram apresentadas para 112 ouvintes nova-iorquinos que, colocando-se no papel de gerentes de empresas fazendo entrevistas de emprego, deveriam, após ouvir os estímulos, preencher um questionário que apresentava diferentes possibilidades vocacionais: personalidade televisiva, secretária executiva, recepcionista, operadora de telefone, vendedora, operária de fábrica ou nenhuma das anteriores. Os ouvintes deveriam relacionar cada voz ouvida a uma das funções apresentadas.

Os resultados apresentados por Labov mostraram que as variantes utilizadas pelas classes sociais mais altas e de maior prestígio tendiam a receber julgamentos mais altos nas escalas de adequação ocupacional em comparação às variantes de menor prestígio, utilizadas por falantes de classes sociais mais baixas. Dessa forma, o autor concluiu que as reações subjetivas referentes às variáveis analisadas estão tão enraizadas que são facilmente reconhecidas pela comunidade de fala nova-iorquina.

A técnica de estímulos pareados também foi utilizada por Campbell-Kibler (2009), à qual agregou inovações metodológicas, como a utilização de conversas naturais em vez de leituras e entrevistas abertas antes da aplicação de questionários. Com o intuito de depreender os significados sociais das variantes velar e alveolar da variável (ING) — como em *talking*, *talkin'* ‘falando’, ela investigou seu impacto sobre as percepções a respeito de oito falantes, estratificados por sexo/gênero e região de origem (Califórnia e Sul dos Estados Unidos), a partir de trechos de gravações. Seus resultados revelam que os falantes tendem a ser considerados menos inteligentes quando usam a variante não padrão /in/, mas isso só acontecia quando também eram percebidos como da classe trabalhadora ou como não nativos do sul dos EUA. A autora concluiu que as percepções não são uniformes para todos os falantes e para todos os estímulos,

já que outros fatores, como o fato de uma variante ser comum em determinada região, podem influenciar o julgamento que é feito pelos ouvintes.

Outro importante trabalho sobre percepção foi feito por [Hay e Drager \(2010\)](#) com o intuito de explorar a ideia de que as percepções podem ser afetadas pela presença de objetos, como brinquedos, mesmo que os ouvintes não tivessem qualquer razão para associar tal gatilho à voz. Segundo as autoras, os ouvintes usam filtros que são afetados por suas crenças em relação aos falantes. Para a realização do experimento, Hay e Drager gravaram um homem neozelandês lendo frases elaboradas para a própria pesquisa, 20 das quais incluíam uma palavra-alvo que continha a vogal /ɪ/ (como em *hit*), marca dialetal comumente pronunciada por australianos e neozelandeses, e mais outras 20 sentenças incluídas como distratoras, 10 com a vogal-alvo /ɛ/ e 10 com a vogal-alvo /æ/. As sentenças foram apresentadas aos ouvintes em uma folha de resposta em que as palavras-alvo estavam sublinhadas, solicitando-lhes que avaliassem a adequação das vozes, associando a pronúncia da vogal na palavra sublinhada a uma *continuum* de seis etapas da vogal. Após a preparação do experimento, foram selecionados 24 ouvintes neozelandeses (12 homens e 12 mulheres). Eles foram separados em dois grupos, os quais foram organizados a partir de duas condições; a única diferença entre elas foi o tipo de animal apresentado: a condição Austrália envolvia cangurus e coalas de pelúcia e a condição Nova Zelândia envolvia o pássaro kiwi. Os animais eram apresentados casualmente para os participantes; eles ficavam dentro de um armário que era aberto propositalmente pelos pesquisadores para pegar a folha de resposta da pesquisa.

Os resultados encontrados ao final do experimento revelaram que os ouvintes avaliaram o falante como mais australiano quando ouviram a vogal /ɪ/ na condição Austrália e como menos australiano quando ouviram a vogal /ɪ/ na condição Nova Zelândia, demonstrando que as mudanças nas percepções não estão relacionadas apenas às crenças dos ouvintes sobre os falantes, mas também à ativação do conceito “australiano” através dos cangurus e coalas de pelúcia.

No Brasil ainda há poucos trabalhos de percepção linguística na construção de identidades sociais, alguns deles preocupados com a relação entre produção e percepção. A pesquisa de [Oushiro \(2019a, 2015b\)](#) é uma das poucas que se dedica tanto à produção quanto à percepção de diferentes fenômenos de variação. Entre eles, a autora se debruça sobre as percepções dos habitantes de São Paulo a respeito das duas variantes mais produtivas de /r/ em coda silábica (como em *porta*) nessa comunidade: o tepe e o retroflexo.

Com base na metodologia utilizada por [Campbell-Kibler \(2009\)](#), [Oushiro \(2019a, 2015b\)](#), com o intuito de identificar quais identidades sociais mais fortemente se associam ao emprego das variantes, gravou quatro informantes paulistanos, dois homens e duas mulheres, todos com cerca de 30 anos, nível superior completo e residentes na Zona Oeste da cidade de São Paulo. Esses falantes foram recontatados para que novas gravações fossem feitas, com o

objetivo de obter produções controladas das instâncias das variantes de (r) em coda silábica. Das novas gravações, foram selecionadas duas que mais se aproximassem da gravação original em termo de duração, altura e *pitch*. As produções controladas foram substituídas nas gravações originais com auxílio do programa Praat (BOERSMA; WEENINK, 2014), para criação de oito estímulos controlados, um par para cada falante. Na etapa seguinte, perguntas foram feitas a 30 ouvintes, que escutaram as gravações para que fosse possível captar quais percepções eles teriam sobre as variantes do (r). Essas percepções gerais foram utilizadas para a elaboração de um questionário que continha variáveis quantitativas e qualitativas, como, por exemplo, velocidade da fala, escolarização, inteligência, paulistanidade, classe social e zona onde mora. Tal questionário foi aplicado a 185 ouvintes residentes na cidade de São Paulo. Conforme Oushiro (2019a, 2015b), as impressões foram bastante ricas, já que os ouvintes perceberam os falantes como pessoas reais, dotadas de histórias e personalidade própria. Dessa pesquisa, depreende-se que a pronúncia retroflexa ou tepe de /r/ em coda afeta a percepção dos ouvintes sobre a classe social e região de residência dos falantes. Os resultados obtidos revelam que os ouvintes associam a forma retroflexa a falantes de classe baixa e moradores de regiões periféricas, enquanto o tepe é associado a falantes de classes mais altas e moradores de regiões centrais.

Para além de analisar quais significados sociais estão associados ao /r/, Oushiro (2019a, 2015b) buscou entender como os significados estão inter-relacionados, já que as variantes de uma variável interagem com uma rede de significados ideologicamente relacionados entre si. Para isso a autora propõe a aplicação do método de “árvore de distâncias mínimas”, com o objetivo de modelar as relações de aproximação e distanciamento entre os significados associados a variantes do /r/. Para construção do modelo, Oushiro (2019a, 2015b) dialogou com o conceito de campos indexicais apresentado por Eckert (2008, p. 454), que concebe os significados das variáveis como não precisos ou fixos, mas sim como um “campo de significados potenciais – *um campo indexical* ou constelação de significados ideologicamente relacionados”; e com o conceito de ordem indexical proposto por Silverstein (2003), que defende a ideia de que certos significados sociais são mais centrais do que outros, ou seja, enquanto certos significados são mais diretamente relacionados a uma variante, outros o são indiretamente.

Com a modelagem de campos indexicais através das árvores de distâncias mínimas – representações gráficas de múltiplas correlações, em que uma forte correlação entre dois elementos é representada por uma distância menor em um plano bidimensional entre duas variáveis (GOWER; ROSS, 1969) –, Oushiro (2019a, 2015b) computou as ocorrências e inter-relações de múltiplas variáveis. A variante tepe aparece mais aproximadamente associada às noções de paulistanidade, residente de bairro central, classe alta, maior escolarização, inteligência, e uma pessoa articulada e branca; por outro lado, a variante retroflexa aparece mais aproximadamente associada às noções de sotaque, ser caipira, simples, trabalhador e de classe baixa. Observa-se, assim, que através da modelagem de campos indexicais é possível ter uma interpretação mais

objetiva e confiável de quais significados estão correlacionados às variantes estudadas.

Soriano (2016) e Soriano e Mendes (2016) também pesquisaram as percepções e os significados sociais atrelados à realização do /r/ em São Paulo com o intuito de analisar, a partir dos resultados de Oushiro (2015b), se as diferenças no detalhe fonético entre cinco variantes de /r/ em coda (vibrante com três batidas, vibrante com duas batidas, tepe, aproximante alveolar, aproximante retroflexa) seriam percebidas pelos ouvintes e se a elas seriam atribuídos diferentes significados sociais. Para realização do experimento, os autores apresentaram aos ouvintes diferentes pares formados por um mesmo item lexical, nos quais a única diferença era o segmento rótico (p.ex., a palavra *verdade* com vibrante com três batidas ou com tepe). Ao ouvir cada par, o ouvinte deveria dizer o quão parecido ou diferente as pronúncias lhes soavam, utilizando um *slider* cuja escala ia dos extremos “igual” a “muito diferente”, visível para os participantes, e de 0 a 100, acessível apenas aos pesquisadores. Preocupados em manter os estímulos controlados, evitando quaisquer características que pudessem desviar a atenção dos ouvintes das pronúncias do /r/, os pesquisadores optaram por usar uma única voz para o experimento, um homem de 40 anos, linguista e residente em São Paulo há mais de 20 anos. Após a construção do experimento, o teste foi disponibilizado *online*, com o intuito de atingir pessoas de diferentes grupos sociais. No total, 109 moradores da capital realizaram o teste, o qual mostrou que o modo como os ouvintes percebem as variantes depende do seu repertório sociolinguístico, ou seja, as respostas dos ouvintes variam de acordo com seu sexo, região de nascimento, local de residência e a variante que reconhece na própria fala.

Os participantes que nasceram em regiões que usam a variante fricativa (Nordeste, Rio de Janeiro, Brasília e Minas Gerais) atribuíram maior diferença ao contraste entre vibrante com três batidas e o tepe; por outro lado, os participantes que nasceram em regiões que usam a variante retroflexa foram os que menos diferenciaram as aproximantes alveolar e retroflexa. Os autores observaram ainda quais variantes os ouvintes reconhecem em sua própria fala, mas por ter forte correlação com a região de nascimento, avaliaram apenas as respostas dos ouvintes paulistanos. Os ouvintes que reconheceram apenas aproximantes em sua fala não diferenciaram o número de batidas nos alvéolos nem a retroflexão das variantes; já os que reconheceram tanto aproximantes quanto vibrantes foram os que atribuíram menores diferenças entre esses dois tipos de variantes. Isso confirma que fatores sociais, como região de nascimento e local de residência, influenciam a percepção fonética.

Outra pesquisa que se dedicou à relação entre produção e percepção foi realizada por Canever (2017). Em seu estudo sobre o emprego variável da flexão do infinitivo no português brasileiro (como em *eles têm a vantagem de conhecer(em) bem e as disciplinas precisam ser(em) abertas*), analisou se o uso forma flexionada (INFflex) está aumentando nos contextos opcionais originais, assim como se valores positivos, tais como o prestígio geralmente associado à concordância verbal no português brasileiro, também estaria sendo associado a INFflex.

Para a análise de percepção, também inspirada na técnica de estímulos pareados de Lambert et al. (1960), a autora utilizou a plataforma *online* Qualtrics, na qual inseriu 32 áudios com os estímulos auditivos, juntamente com o questionário que os ouvintes deveriam responder. O *link* de acesso à pesquisa foi distribuído por e-mails e redes sociais, totalizando 411 respondentes. Os ouvintes, ao escutarem os estímulos que se diferenciavam apenas em relação à presença ou não do INFflex, deveriam julgar os falantes como mais ou menos inteligentes, mais ou menos escolarizados e mais ou menos formais.

Os resultados para o teste de percepção revelaram que em contextos em que o INFflex é considerado opcional, não houve diferença significativa na forma como os ouvintes julgaram os falantes; entretanto, em contextos sintáticos nos quais as flexões são vistas como erros gramaticais, com base nas gramáticas prescritivas, os ouvintes consideraram os falantes como menos inteligentes, menos escolarizados e menos formais.

Corrêa (2019) também se dedicou aos estudos de produção e percepção ao analisar a variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural (*eles falam, eles fala*) em comunidades rurais e urbanas do estado do Rio de Janeiro. A autora tinha como objetivo descrever e explicar como a percepção e a avaliação subjetiva se relacionam com a variável e verificar, em especial, se populações diferenciadas pelo grau de urbanização — Cachoeiras de Macacu e Guapimirim representando a zona rural, Rio de Janeiro e Nova Iguaçu representando a urbana — produzem, percebem e avaliam diferentemente as variantes estudadas. Para análise de percepção, foram criados dois conjuntos de sentenças, de modo que quem ouvisse uma frase com a variante padrão, não ouviria a correspondente com a não-padrão. Ao ouvir as sentenças, os participantes deveriam julgar as profissões que cada falante poderia exercer dentro de um contexto escolar (Diretora, Coordenadora, Inspetora, Merendeira ou Faxineira).

Os resultados de percepção mostraram que, de modo geral, os ouvintes da zona rural, associaram a variante padrão a Diretora ou Inspetora e a variante não-padrão a Merendeira. Já os ouvintes da zona urbana não demonstraram diferenças de julgamentos das variantes em relação às profissões. Diferentemente do esperado, foi na zona rural que se verificou uma estratificação social que, a partir de associação entre as variantes e profissões, sugere principalmente uma avaliação negativa da ausência de marca de concordância.

Mendes (2018) também produziu um importante trabalho sobre percepções linguísticas, ao analisar os efeitos das variáveis concordância nominal e pronúncia de /e/ nasal (EN). Mendes, assim como os trabalhos supracitados, utilizou a técnica *matched-guise* para construção de quatro experimentos. O primeiro apresenta a análise do efeito das variantes de concordância nominal — que o autor chamou de CNp e CNØ — na percepção de como soam quatro rapazes, com o intuito de verificar se eles soariam menos masculinos ao realizarem sentenças que apresentem concordância nominal e mais masculinos diante de sentenças que não apresentem concordância. Para a construção dos experimentos, foram utilizadas as vozes de quatro

falantes paulistanos, cujos trechos, curtos, foram extraídos de entrevistas do Projeto SP2010 (MENDES; OUSHIRO, 2012). Selecionaram-se dois trechos das falas dos rapazes, que contivessem pelo menos três ocorrências de sintagmas nominais plurais (SNs), cujo núcleo forma plurais regulares (como *as pessoas, meus amigos*), todos com concordância padrão (CNp). Esses trechos com ocorrências de CNp foram manipulados no Praat (BOERSMA; WEENINK, 2014) para apagamento do morfema /s/, criando-se, assim, duas versões de cada trecho: uma com concordância padrão e outra sem. Esses estímulos foram então organizados em quatro conjuntos. Cada conjunto de estímulos foi ouvido por 25 participantes, individualmente, a maioria contactada no Aeroporto de Guarulhos. Para cada estímulo ouvido, os ouvintes preencheram o questionário em que deveriam classificar se os falantes eram mais ou menos escolarizados, amigáveis, efeminados, formais, inteligentes e qual sua classe social. Os resultados mostraram que todos os quatro falantes tendem a ser percebidos como homens que soam mais masculinos quando não realizam a concordância nominal padrão.

Em um segundo experimento, Mendes (2018) verifica se a concordância nominal continua a ter efeito na percepção de masculinidade de vozes masculinas quando contrapostas a falas femininas e se a concordância tem efeito na percepção de masculinidade/feminilidade também em vozes femininas. O desenho desse experimento é semelhante ao do anterior, tendo apenas como diferença a substituição de dois falantes do sexo masculino por duas falantes do sexo feminino, ambas também gravadas pelo Projeto SP2010. Assim como no experimento anterior, os participantes foram contactados pessoalmente. Cada conjunto de estímulos foi ouvido por 20 participantes (10 homens e 10 mulheres) —, totalizando 80 respostas. O questionário preenchido, entretanto, apresentou diferenças em relação ao primeiro, já que não seria adequado usar uma escala de efeminidade para analisar vozes femininas. Em vez disso, utilizaram-se uma escala de masculinidade e outra de feminilidade, de modo que tanto os falantes do sexo masculino quanto do sexo feminino pudessem ser avaliados em ambas as escalas.

Além das escalas de inteligência, amigabilidade, formalidade e escolaridade, incluíram-se as características extroversão, paulistanidade e região da cidade — esta última, a fim de testar se um falante é percebido como alguém que soa como um paulistano de regiões mais periféricas ou mais centrais da cidade. Como são experimentos diferentes, apresentam também resultados diferentes. A concordância nominal tem efeito na percepção de masculinidade/feminilidade para apenas um homem e uma mulher e não faz diferença para os outros dois.

No terceiro experimento, Mendes (2018) analisa os efeitos da pronúncia de (EN), em casos como *fazenda*, que pode ser realizada como ditongo [ẽj] ou monotongo [ẽ]. Para a construção do experimento, utilizaram-se as mesmas vozes do experimento anterior, em que os falantes pronunciavam sentenças com uma única ocorrência de (EN), as quais foram manipuladas no Praat (BOERSMA; WEENINK, 2014), produzindo sentenças idênticas que se diferenciavam apenas na realização monotongada ou ditongada das palavras-alvo. Assim como

nos experimentos anteriores, os participantes foram contactados pessoalmente, totalizando 44 respondentes (20 mulheres e 24 homens). Os ouvintes avaliaram os quatro falantes com base nas escalas de masculinidade/feminilidade, *gay*/lésbica, patricinha/mauricinho, além de inteligência, paulistanidade, amigabilidade, formalidade, escolaridade, extroversão e centralidade do bairro. Os resultados para o terceiro experimento revelam que a pronúncia ditongada de (EN) influencia a percepção de que uma das mulheres soe mais feminina e um dos homens soe menos masculino.

Como último experimento, Mendes (2018) analisou conjuntamente os efeitos de (CN) e (EN) em percepções de gênero e sexualidade com o intuito de testar se os efeitos dessas variáveis são independentes ou interagem entre si. Para a construção do experimento, o autor utilizou apenas as vozes feminina e masculina que variaram significativamente nos experimentos anteriores, utilizando sentenças que contivessem uma ocorrência de cada uma das variáveis. Essas sentenças foram manipuladas no Praat (BOERSMA; WEENINK, 2014), para a criação de novos estímulos, diferenciando-se, assim como nos experimentos anteriores, apenas na realização das palavras-alvo. Diferentemente dos experimentos anteriores, a aplicação deste foi feita *online*, na plataforma Experigen (BECKER; LEVINE, 2020). No total, 256 ouvintes participaram do experimento, mas apenas 208 preencheram integralmente o questionário. Como cada participante ouviu dois falantes, são 416 questionários integralmente preenchidos. As escalas utilizadas nesse experimento são as mesmas dos experimentos anteriores e seus resultados revelam que, para o homem, há um efeito de (CN) sobre a percepção de masculinidade; para a mulher, (EN) se correlaciona à percepção de feminilidade; e os efeitos dessas duas variáveis são independentes entre si.

Assim como Canever (2017) e Mendes (2018), o trabalho recentemente produzido por Santos (2020) amplia o ainda restrito conjunto de pesquisas que buscam acessar os significados sociais de variáveis gramaticais. Nessa pesquisa o autor investiga os efeitos da morfologia do subjuntivo e do indicativo (*Quer que eu venho/venha? Quer que eu trago/traga?*) na percepção de quão competentes, sérios, formais e antipáticos soam ludovicenses e paulistanos. Para estes últimos, interessa também verificar se a morfologia do modo subjuntivo tem efeito em quão paulistanos eles soam, de acordo com ouvintes tanto de São Luís quanto de São Paulo. Para a construção do experimento, Santos (2020) inspirou-se também na técnica de estímulos pareados de Lambert et al. (1960), gravando quatro estímulos, enunciados por dois ludovicenses e dois paulistanos. Os estímulos constituem-se de orações subordinadas no modo indicativo ou subjuntivo: adverbiais com *embora* ou *talvez* (*embora permanecessem/permaneciam com dúvidas* e *talvez estivessem/estavam todos os interessados*) e substantivas introduzidas por *querer* ou *acreditar* (*o chefe quer que a secretária permaneça/permanece* e *o candidato à vaga acredita que possam/podem chamá-lo*). Para diferenciar os dois falantes ludovicenses dos dois paulistanos, foi controlada, também, a pronúncia do /-r/ em coda (o /-r/ tepe foi usado para iden-

tificar os paulistanos, e o /-r/ aspirado para os ludovicenses). Criaram-se, assim, 32 estímulos controlados, 16 no subjuntivo e 16 no indicativo, organizados em oito conjuntos de dados, sendo oito estímulos por falante. Os dados foram coletados presencialmente pelo autor, totalizando 501 ouvintes (217 de São Luís e 284 de São Paulo).

Os resultados do experimento mostram que os falantes foram percebidos como mais competentes e antipáticos quando apresentados com formas subjuntivas, tanto por ouvintes paulistanos quanto ludovicenses. Além disso, observou-se que os falantes ludovicenses foram considerados mais sérios e formais do que os paulistanos. Em relação à paulistanidade, os falantes paulistanos foram ouvidos como mais paulistanos ao utilizarem formas no subjuntivo pelos ouvintes ludovicenses, mas esses mesmos falantes foram avaliados, pelos ouvintes paulistanos, como pessoas que soam mais paulistanas quando pronunciavam formas no indicativo, o que sugere que esses ouvintes se reconhecem no uso dessa morfologia verbal para expressão do subjuntivo.

Essas pesquisas revelam a importância das inferências feitas por ouvintes a partir de usos linguísticos, e aguçam o interesse em descobrir mais sobre a influência das percepções para a variação linguística, visto que, conforme os próprios autores dos trabalhos supracitados (MENDES, 2018; OUSHIRO, 2019a; SANTOS, 2020), os estudos sobre as percepções linguísticas ainda são incipientes nos estudos sociolinguísticos brasileiros, havendo, pois, o interesse nessa pesquisa de contribuir para o preenchimento de tal lacuna. Para isso, é importante também conhecer as avaliações dos ouvintes sobre as formas imperativas, uma vez que as avaliações, conseqüentemente, estão atrelada a metacomentários, os quais podem influenciar as percepções sobre as formas imperativas.

### **3.2 Avaliações dos falantes sobre as formas variantes do imperativo**

Como a avaliação faz parte das práticas sociais e a língua é um comportamento social, está sujeita a diversas avaliações, sejam elas positivas ou negativas. Dessa forma, Weinreich, Labov e Herzog (1968), buscando entender a estrutura linguística e seu processo de mudança, elencam a avaliação linguística como um dos problemas a ser discutido. Através das avaliações objetivas ou subjetivas, os falantes se posicionam linguisticamente e tais posicionamentos podem influenciar as mudanças linguísticas. Entende-se, então, que os comentários metalinguísticos dos falantes sobre as variantes linguísticas podem influenciar as mudanças na língua.

Tais comentários estão associados ao nível de consciência social que os falantes têm sobre as variáveis, uma vez que, conforme Freitag e Santos (2016), é o seu grau de saliência, seja linguístico, social ou ideológico, que fará com que uma variável seja sensível ou não à avaliação em uma comunidade. Quando essa sensibilidade se apresenta, certos falantes, ao ouvirem determinadas variantes, podem evocar preconceitos ou estereótipos linguísticos sobre ela.

Labov (2008 [1972]), entretanto, lembra que nem todas as mudanças linguísticas recebem avaliação social explícita ou sequer reconhecimento. Algumas ficam muito abaixo do nível das reações sociais explícitas. Entende-se, assim, que com base nos níveis de consciência dos falantes, as variáveis podem ser consideradas como indicadores – traços socialmente estratificados, com julgamentos sociais inconscientes; marcadores – traços que apresentam estratificação social, diferenciação estilística e são reconhecidos pelos falantes de uma língua; e estereótipos – traços que ascendem à consciência social explícita e são estigmatizados por não pertencerem à fala dos grupos sociais legitimados socialmente. Ou seja, os indicadores não são salientes, os marcadores são menos salientes e os estereótipos são salientes e alvos de metacomentários.

Segundo Cardoso (2015), os falantes a todo momento expressam julgamentos sobre variedades linguísticas, associando a elas valores que as hierarquizam. Uma variante pode ser vista como certa, bonita, enquanto outra pode ser considerada mais feia, desagradável e errada. Essa identificação, conforme Freitag (2018, p. 4), “depende da saliência social da forma, a capacidade de uma variável linguística evocar significado social, na estruturação da percepção dos ouvintes de distribuições sociolinguísticas quantitativas”.

Ghessi e Berlinck (2020), de modo semelhante, afirmam que a avaliação diz respeito à forma como um falante determina os valores que carrega consigo e associa tais valores à sua comunicação linguística e de seus interlocutores. Acrescentam ainda que algumas formas podem ter prestígio que varia de grupo para grupo, ou seja, sendo positivas para alguns e negativas para outros. Nesse sentido, as formas que apresentam uma força avaliativa maior são mais facilmente identificadas, fazendo com que os falantes passem a monitorar sua fala com o objetivo de não serem avaliados negativamente.

Dessa forma, para entender mais amplamente como se dá a variação e a mudança linguística de um fenômeno na língua, vale discutir não só a produção linguística, mas a avaliação e a percepção, uma vez que, enquanto nos estudos de percepção há uma preocupação em acessar os significados sociais de variáveis linguísticas, os estudos de avaliação são empregados para fazer referência ao discurso metalinguístico dos falantes sobre as variantes (OUSHIRO, 2015a), aspectos distintos de análise, que juntos podem oferecer pistas de como os falantes e ouvintes se comportam diante de um fenômeno linguístico e o porquê.

Nessa perspectiva, buscou-se compreender como as formas imperativas são avaliadas pelos ouvintes feirenses e campineiros, uma vez que tais avaliações podem influenciar os usos das formas imperativas e podem estar relacionadas às percepções linguísticas atribuídas por essas comunidades ao imperativo. Os resultados aqui apresentados serão norteadores da discussão das hipóteses que serão apresentadas nas análises de percepção, já que tais análises se complementam.

Em trabalhos de produção supracitados (CARDOSO, 2009; EVANGELISTA, 2010;

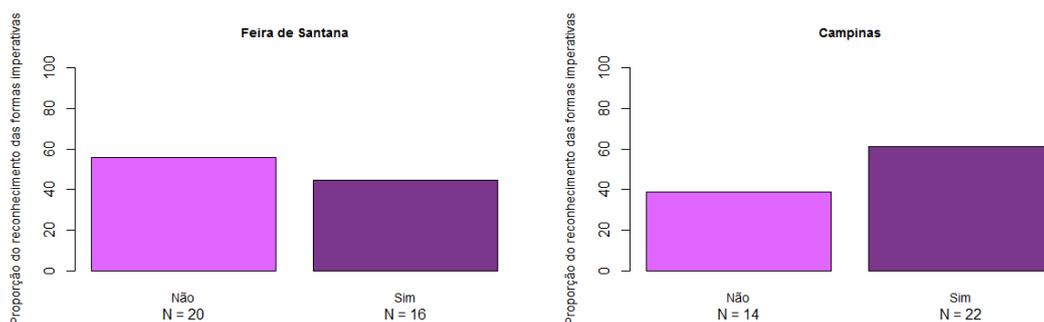
SCHERRE, 2007), as formas imperativas foram consideradas pouco salientes e imunes a pressões normatizadoras da escola. Entretanto outras avaliações expressas através de comentários metalinguísticos podem influenciar os usos das formas imperativas associadas ao subjuntivo e ao indicativo. Nesse contexto, ao final do experimento de percepção (ver Seções 3.3, 3.4), foram passados dois áudios exatamente idênticos, diferenciando-se apenas nas formas imperativas associadas ao indicativo e subjuntivo (1), e perguntou-se aos ouvintes se havia alguma diferença entre eles.

- (1) a. “Jô, como é mesmo aquela música? *Cante* um pouquinho pra mim.”  
 b. “Jô, como é mesmo aquela música? *Canta* um pouquinho pra mim.”

As respostas dos ouvintes foram sistematizadas para a realização de uma análise descritiva por meio de gráficos de frequência e proporção, através da plataforma R (R CORE TEAM, 2020). Como foram passados apenas dois áudios com o intuito de confrontar as variantes e saber se elas eram reconhecidas como diferentes, há poucos dados para a realização de análises estatísticas mais refinadas. A sistematização dos comentários, entretanto, permite fazer considerações pertinentes sobre a avaliação das formas imperativas pelos ouvintes.

No primeiro momento, ao serem perguntados se percebiam alguma diferença entre os áudios, os ouvintes de Feira de Santana e de Campinas dividiram-se igualmente no reconhecimento das variantes. A Figura 3.1 mostra que nem todos os feirenses e campineiros identificaram a variação na morfologia indicativa ou subjuntiva para a expressão do imperativo.

**Figura 3.1** Proporções e números do reconhecimento das formas imperativas em Feira de Santana-BA e Campinas-SP

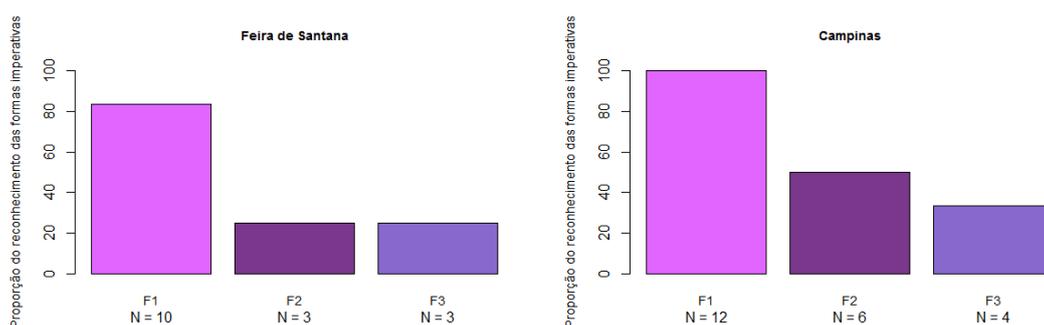


O mais interessante na Figura 3.1, entretanto, é a proporção de não reconhecimento do imperativo. Dos 36 ouvintes feirenses, 56% não reconhecem qualquer diferença entre as formas; em Campinas, 39% dos ouvintes não percebem diferença entre as variantes. Ou seja, em ambas as comunidades, para muitos ouvintes, é imperceptível a diferença entre a morfologia de subjuntivo (*cante*) e indicativo (*canta*), o que é indício de que a variação entre as formas está abaixo da consciência para muitos falantes nessas comunidades.

Para as variáveis Sexo/Gênero e Escolaridade, em Feira de Santana, dos 16 ouvintes, o mesmo número de homens e mulheres (N = 8) reconheceu as variantes do imperativo; em relação à escolaridade, são os mais escolarizados (N = 11) que mais reconheceram a diferença entre as variantes. Em Campinas, dos 22 ouvintes, são os homens (N = 12) e os mais escolarizados (N = 12) que mais percebem a diferença entre a morfologia de subjuntivo e indicativo. Entretanto, tanto em Feira de Santana quanto em Campinas, as diferenças para o reconhecimento das formas imperativas em relação ao Sexo/Gênero e à Escolaridade são pequenas, o que indica pouca atuação dessas variáveis nessas comunidades.

Vale destacar, entretanto, a distribuição por faixa etária. Nas análises de produção, verificou-se que são os mais jovens que impulsionam a mudança no uso das formas imperativas associadas ao indicativo. Nas avaliações, são os mais jovens que mais notam as diferenças entre as formas. A Figura 3.2 mostra que, tanto em Feira de Santana (83%) quanto em Campinas (100%), é a primeira faixa etária que mais reconhece as diferenças entre as formas imperativas.

**Figura 3.2** Proporções e números do reconhecimento da forma imperativa por Faixa Etária em Feira de Santana-BA e Campinas-SP

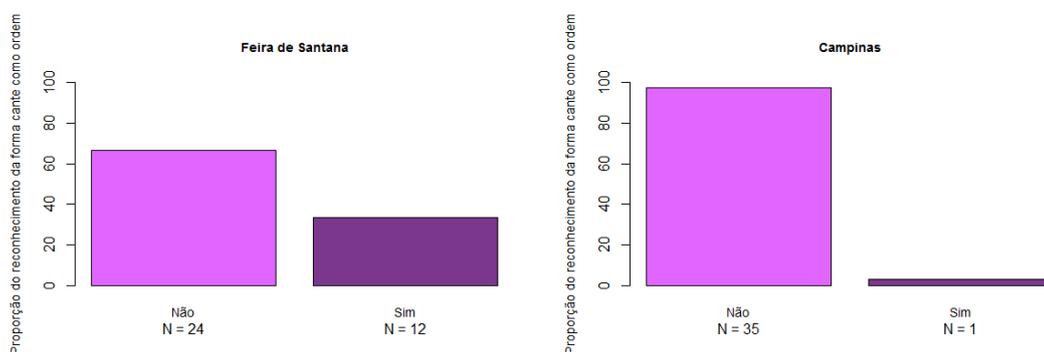


A partir dos resultados da Figura 3.2, infere-se que o imperativo está passando por uma mudança, assim como na produção, nas avaliações dos ouvintes, entretanto essa mudança parece recente, uma vez que a segunda e terceira faixas etárias pouco percebem a diferença entre as variantes e, quando percebem, não fazem metacomentários sobre elas.

Para os ouvintes que notaram diferenças entre as variantes, a Figura 3.3 mostra que a forma imperativa associada ao subjuntivo foi considerada mais mandona por 34% dos ouvintes feirenses. Em Campinas, por outro lado, essa mesma avaliação não foi feita, uma vez que apenas um ouvinte fez metacomentários em relação às formas imperativas, indicando a forma subjuntiva como mais “mandona” e a indicativa como mais “carinhosa”.

Essa distribuição dos dados indica que, em Feira de Santana, ainda que em pequena proporção, os ouvintes já avaliam as variantes do imperativo diferentemente, sendo a forma associada ao subjuntivo considerada mais mandona; em Campinas, essa distinção ainda não é atuante.

**Figura 3.3** Proporções e números do reconhecimento da forma *cante* como ordem em Feira de Santana-BA e Campinas-SP



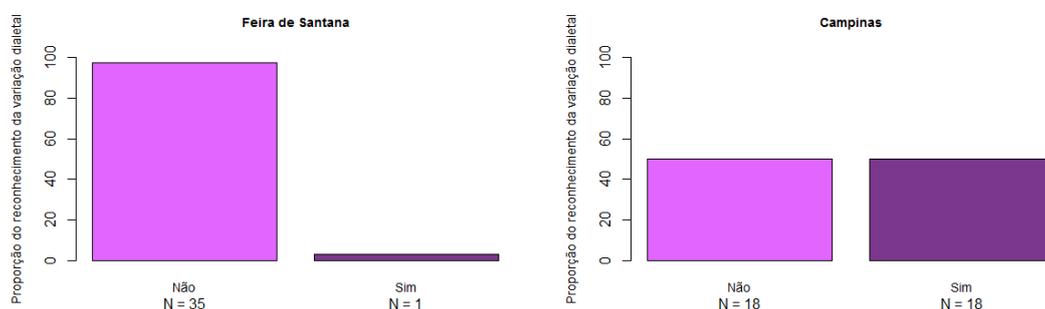
Vale ressaltar que principalmente os feirenses mais jovens fizeram metacomentários sobre as formas imperativas, como se observa em (2)–(5):

- (2) *percebi diferença entre “canta cante” acho “cante” mais mandão... mais para ordem* (FSA\_F1S\_LaisO)
- (3) *percebi a diferença “cante” indica mais firmeza enquanto “canta” parece mais normal... mais como se estivesse pedindo alguma coisa à pessoa... “cante” parece ter mais poder sobre a pessoa* (FSA\_F1M\_GessicaC)
- (4) *percebi a diferença o “cante” remete mais a uma ordem* (FSA\_M1M\_RomuloB)
- (5) *notei a diferença “cante” é um sentido mais de mandar “canta” é mais suave polida pedindo um favor* (FSA\_M1S\_ValdoO)

Esses comentários se alinham com os resultados de produção, uma vez que, ainda que a proporção de uso das formas associadas ao subjuntivo seja mais alta em Feira de Santana, há uma mudança em progresso sendo implementada na direção das formas imperativas associadas ao indicativo. Os comentários metalinguísticos apresentados apontam que os ouvintes feirenses, sobretudo os mais jovens, julgam as formas subjuntivas como mandonas, enquanto o imperativo associado ao indicativo é visto como uma forma mais polida. Essas avaliações, ainda que indiretamente, podem estar influenciando as escolhas de uso das formas imperativas feitas pelos mais jovens em Feira de Santana.

Outra avaliação que emerge do contraste explícito entre as as formas indicativa e subjuntiva diz respeito à variação dialetal. A Figura 3.4 mostra que apenas um feirense aponta o imperativo associado ao indicativo como uma forma utilizada por falantes do Sudeste; já em Campinas, 50% dos campineiros apontam a diferença dialetal, ou seja, associam às formas indicativas ao Sudeste e subjuntivas ao Nordeste.

**Figura 3.4** Proporções e números do reconhecimento da variação dialetal em Feira de Santana-BA e Campinas-SP



Esses resultados apontam diferenças entre os ouvintes feirenses e campineiros, indicando mais uma vez a existência de duas comunidades de fala. Enquanto os feirenses pouco fazem referência ao uso das formas subjuntivas pelos nordestinos e indicativas pelos sudestinos, os campineiros avaliam a forma (*cante*) como comum aos falantes do Nordeste.

Esse reconhecimento da forma imperativa associada ao subjuntivo como comum à região Nordeste aparece nos comentários feitos pelos ouvintes campineiros, como se observa em (6)–(9):

- (6) *percebo a diferença “cante” é regional (CPS\_M1S\_WilsonS)*
- (7) *percebo a diferença “cante” é mais usado no Nordeste (CPS\_M3M\_VitorA)*
- (8) *quando escuto “cante” sei que a pessoa não é do Sudeste (CPS\_F1S\_GalR)*
- (9) *a diferença é o sotaque... as pessoas do Nordeste falam “cante” (CPS\_F2S\_ElisH)*

Ainda que a saliência das formas imperativas seja baixa e que nem todos os ouvintes percebam as diferenças entre elas, as proporções apresentadas nas Figuras 3.1, 3.3 e 3.4 colocam o imperativo na posição de marcador, pois em ambas as comunidades ele apresenta reações subjetivas regulares. Ainda que os marcadores não tenham as mesmas avaliações que estereótipos, as avaliações feitas sobre eles podem influenciar as percepções e usos da língua. Através do experimento de percepções descrito a seguir, será possível determinar se as avaliações aqui apresentadas influenciam as percepções dos ouvintes em Feira de Santana e Campinas.

### 3.3 Método

Para o estudo de percepções, foi desenvolvido um teste com base na técnica de estímulos pareados de Lambert et al. (1960), incorporando-se as inovações metodológicas de Campbell-Kibler (2009) e Oushiro (2015b). Segundo Oushiro (2015b), ao se perguntar diretamente sobre fenômenos linguísticos, muitas reações abertas dos participantes podem não refletir suas opiniões pes-

soais, uma vez que a manifestação de preconceitos ou de atitudes negativas tende a ser cerceada nas relações sociais; a técnica de estímulos pareados “busca a eliciação de atitudes subjetivas e encobertas a respeito de diferentes variedades ou línguas” (OUSHIRO, 2015b, p. 267).

### 3.3.1 Preparação dos estímulos

Para a iniciação do experimento, foram selecionados quatro falantes, dois homens e duas mulheres de mesma faixa etária, moradores de Campinas e Feira de Santana (dois em cada localidade). Esses quatro falantes foram selecionados exclusivamente para produção dos estímulos que foram utilizados no experimento de percepção, que foi aplicado logo após o experimento de produção aos mesmos 72 participantes.

Com os quatro falantes, foram realizadas gravações com o intuito específico de colher ocorrências do imperativo que se aproximassem dos trechos de fala natural, produzindo oito novas cenas. As variáveis controladas no teste de percepção foram: Sexo/Gênero do Falante (feminino; masculino) e Localidade (Campinas; Feira de Santana). Para que as análises pudessem ser feitas de forma mais controlada, minimizando o efeito de outras variáveis que não foram testadas, todos os verbos utilizados pelos falantes foram menos salientes e todas as situações em contexto de pedido.

É sabido que a escolha por trechos de fala natural permite maior aproximação entre falantes e ouvintes, já que as falas não serão mecânicas, como seria caso se se utilizasse a leitura de textos. Como se apontou, estímulos produzidos com base em fala natural produzem percepções mais ricas e espontâneas nos ouvintes (OUSHIRO, 2015b). Entretanto, para esta pesquisa, os estímulos não são totalmente naturais, já que, como se disse na descrição do experimento de produção, as formas imperativas não são facilmente capturadas, havendo a necessidade de criar situações que induzam o uso da forma imperativa pelos falantes.

Ao iniciar as gravações, foram dadas instruções bem definidas aos falantes que produziram os estímulos. A pesquisadora apresentou as cenas e pediu que eles produzissem os estímulos, utilizando verbos específicos, já selecionados anteriormente. A pesquisadora explicou que a sentença alvo seria proferida nas duas formas imperativas (indicativo ~ subjuntivo). Ela pediu que os falantes se expressassem como se estivessem dialogando com uma pessoa, utilizando o discurso direto no momento em que profeririam a sentença alvo. Cada falante produziu sentenças referentes a duas cenas. A falante feirense do sexo feminino produziu sentenças com os verbos *passar e atender* (sentenças (13), (17)); o falante feirense do sexo masculino com os verbos *apagar e lavar* (sentenças (11), (14)); a falante campineira do sexo feminino proferiu sentenças com os verbos *cantar e esquentar* (sentenças (12), (15)); e o campineiro do sexo masculino com os verbos *arrumar e explicar* (sentenças (10), (16)). Abaixo, seguem a descrição das cenas e os estímulos que foram produzidos pelos falantes.

- (10) Cena 1 - Você quer jogar xadrez e pede para alguém arrumar as peças. (Verbo arrumar)

- Oh, Pedro, arruma/arrume as peças pra a gente jogar xadrez.  
(Gustavo\_Campinas)
- (11) Cena 2 - Você está deitado na cama para dormir e percebe que deixou a luz da varanda acesa. Neste momento, seu filho passa pela porta do quarto e você pede para ele desligar a luz. (Verbo apagar)  
– Oh, filho, apaga/apague a luz da varanda para mim que esqueci.  
(José\_Feira de Santana)
- (12) Cena 3 - Você não consegue lembrar a letra de uma música específica, então pede para alguém cantar um trecho para você. (Verbo cantar)  
– Jô, como é mesmo aquela música? Canta/cante um pouquinho para mim.  
(Nina\_Campinas)
- (13) Cena 4 - A comida está sem sal e você pede para passarem o sal para você. (Verbo passar)  
– Nossa, tá sem sal! Oh, amiga, passa/passe o sal pra mim.  
(Karla\_Feira de Santana)
- (14) Cena 5 - Você pede para seu irmão lavar o banheiro para você. (Verbo lavar)  
– João, lava/lave o banheiro para mim.  
(José\_Feira de Santana)
- (15) Cena 6 - Você está atrasada e pede para sua filha esquentar a comida para almoçarem. (Verbo esquentar)  
– Filha, tô atrasada, esquentar/esquente a comida pra gente.  
(Nina\_Campinas)
- (16) Cena 7 - Você não sabe mexer no WhatsApp e pede para seu filho te explicar. (Verbo explicar)  
– Filho, me explica/explice como usa o WhatsApp, não sei como mexe nisso.  
(Gustavo\_Campinas)
- (17) Cena 8 - Você está na sala vendo TV e o telefone toca. Você pede à sua filha para atender. (Verbo atender)  
– Filha, atende/atenda o telefone para mim.  
(Karla\_Feira de Santana)

Foi solicitado ainda que eles repetissem as frases quantas vezes fossem necessárias para que se obtivessem produções as mais naturais possíveis e que fossem claras em relação às variantes empregadas. Vale salientar que a rigorosidade e cuidado no experimento, solicitando que o falante repetisse as frases até atingir o maior grau de naturalidade, evitou que a fala fosse considerada mecânica pelos ouvintes.

As gravações foram realizadas de forma tranquila; José e Karla não sentiram qualquer estranhamento ao pronunciarem sentenças com formas imperativas associadas ao subjuntivo e indicativo. Nina e Gustavo, diferentemente de Karla e José, comentaram que se sentiram estranhos falando frases imperativas associadas ao subjuntivo, já que isso não era habitual para eles.

As produções controladas que expressaram maior naturalidade foram manipuladas no programa Praat (BOERSMA; WEENINK, 2014), para criação de 16 estímulos controlados, um par para cada cena, idênticos entre si em todos os aspectos, diferindo apenas quanto à variante do imperativo. A esses, foram adicionados oito estímulos distratores, um para cada sentença alvo, que não incluíam instâncias do uso do imperativo, evitando que o ouvinte percebesse qual era o fenômeno analisado. As sentenças distratoras foram produzidas por falantes diferentes das das sentenças alvo. Além dos quatro das sentenças alvo, outros oito falantes diferentes, duas mulheres (sentenças (23), (25)) e dois homens campineiros (sentenças (18) e (20)) e duas mulheres (sentenças (19) e (21)) e dois homens feirenses (sentenças (22) e (24)). Abaixo, seguem as sentenças distratoras reproduzidas pelos falantes.

- (18) – Ele poderia avisar antes de aparecer, né?!
- (19) – Amiga, gostou do meu cabelo?
- (20) – A comida tava boa?
- (21) – Que saco, eu já disse que não quero ir lá.
- (22) – Eu? Eu sou super irônico!
- (23) – Eu adoro ir pra praia com meus amigos.
- (24) – Entre sair e dormir, eu prefiro dormir.
- (25) – Sempre que vou ao shopping compro alguma coisa.

Os 16 estímulos, juntamente com os distratores, foram separados em dois grupos. Como os participantes ouviriam o mesmo falante duas vezes, as vozes foram organizadas para que não se repetissem uma tão próxima da outra. Além disso, optou-se por organizar os grupos mesclando falantes campineiros e feirenses para que os ouvintes não associassem as vozes apenas a uma região. Optou-se também por não randomizar as sentenças, já que havia a possibilidade de se repetir seguidamente uma mesma voz. Desta forma, minimizaram-se os riscos de os ouvintes reconhecerem as vozes dos falantes já ouvidos. O Quadro 3.1 apresenta a organização dos grupos.

**Quadro 3.1** Distribuição dos estímulos de imperativo

Falantes	Cenas	Grupo 1	Grupo 2
DISTRATOR			
Falante 1 (masculino Campinas)	Cena 1	Forma subjuntiva	Forma indicativa
DISTRATOR			
Falante 2 (masculino Feira)	Cena 2	Forma subjuntiva	Forma indicativa
DISTRATOR			
Falante 3 (feminino Campinas)	Cena 3	Forma indicativa	Forma subjuntiva
DISTRATOR			
Falante 4 (feminino Feira)	Cena 4	Forma indicativa	Forma subjuntiva
DISTRATOR			
Falante 1 (masculino Campinas)	Cena 7	Forma subjuntiva	Forma indicativa
DISTRATOR			
Falante 2 (masculino Feira)	Cena 5	Forma indicativa	Forma subjuntiva
DISTRATOR			
Falante 3 (feminino Campinas)	Cena 6	Forma indicativa	Forma subjuntiva
DISTRATOR			
Falante 4 (feminino Feira)	Cena 8	Forma subjuntiva	Forma indicativa

### 3.3.2 Realização de teste piloto

Após a construção do experimento, foi feito um teste piloto com o intuito de fazer um levantamento qualitativo das percepções que emergem de cada variante do imperativo. O piloto foi aplicado a 20 ouvintes, 10 campineiros e 10 feirenses. Nessa aplicação não foram controladas outras variáveis sociais. Aos ouvintes, foram feitas perguntas gerais e abertas sobre as percepções que tinham ao ouvir as vozes, como por exemplo: como imagina que seja essa pessoa? Quais seriam os traços de sua personalidade? O que na fala dessa pessoa causou essas impressões?

Com base nesses questionamentos, foi possível identificar quais significados sociais possivelmente estariam associados às formas de imperativo. As percepções mais recorrentes foram sistematizadas em um questionário de respostas fechadas para que fosse possível fazer análises quantitativas. Abaixo, seguem as questões dispostas no questionário, que incluem variáveis quantitativas e qualitativas.

#### Variáveis quantitativas<sup>1</sup>

##### Para você, essa pessoa parece...

	1	2	3	4	5	
Pouco gentil	<input type="checkbox"/>	Muito gentil				
Pouco educada	<input type="checkbox"/>	Muito educada				
Pouco ríspida	<input type="checkbox"/>	Muito ríspida				
Pouco amigável	<input type="checkbox"/>	Muito amigável				
Pouco inteligente	<input type="checkbox"/>	Muito inteligente				
Pouco mandona	<input type="checkbox"/>	Muito mandona				
Pouco séria	<input type="checkbox"/>	Muito séria				
Pouco escolarizada	<input type="checkbox"/>	Muito escolarizada				
Pouco antipática	<input type="checkbox"/>	Muito antipática				
Pouco formal	<input type="checkbox"/>	Muito formal				
Pouco grosseira	<input type="checkbox"/>	Muito grosseira				
Pouco preguiçosa	<input type="checkbox"/>	Muito preguiçosa				

#### Variáveis qualitativas

##### Você acha que essa pessoa estudou...

Até o Ensino Fundamental    Até o Ensino Médio    Até o Ensino Superior

<sup>1</sup> As variáveis analisadas são consideradas quantitativas pois os participantes da pesquisa, ao ouvirem os estímulos, deveriam classificá-los em uma escala numérica de cinco pontos.

**Você acha que essa pessoa pertence à...**

- Classe baixa    Classe média baixa    Classe média    Classe média alta    Classe alta

**Pelo que ouviu, você acha que essa pessoa é de que região do Brasil?**

- Centro-Oeste    Nordeste    Sul    Norte    Sudeste

**A qual faixa etária essa pessoa pertence?**

- Entre 15 a 20    Entre 21 a 30    Entre 31 a 40    Entre 41 a 50    Acima de 50

### 3.3.3 Hipóteses

Como visto na seção 2.1, os trabalhos demonstram, de forma geral, que as regiões Nordeste e Sudeste utilizam formas imperativas com morfologia de indicativo ou de subjuntivo em proporções diferentes (EVANGELISTA, 2010; OLIVEIRA, 2017; SAMPAIO, 2001; SCHERRE, 2007). Ao observar essa distinção não apenas em pesquisas anteriores, mas nos resultados de produção apresentados nesta pesquisa, e entendendo que a língua, em boa medida, reflete a organização de suas comunidades, as quais se particularizam, entre outras coisas, pelas variantes linguísticas utilizadas, esta análise de percepções parte da premissa de que as comunidades de Feira de Santana e de Campinas possuem normas linguísticas diferentes.

Ao analisar julgamentos e percepções linguísticas em regiões com normas linguísticas diferentes, deve-se levar em conta que os aspectos linguísticos são associados a outros fatores que influenciam a forma como as pessoas percebem a língua. Observa-se, neste sentido, que a influência de poder econômico e social que as regiões possuem interfere na forma como suas normas linguísticas são vistas, já que, segundo Lucchesi (2012), a eleição do que seria “padrão” em uma língua se dá por diversos critérios, raramente de ordem exclusivamente linguística.

Nota-se um estereótipo comumente difundido em relação às variantes da região Sudeste. Por ser economicamente mais desenvolvida, alcançou um *status* de superioridade, passando a simbolizar a região com maior nível de educação, instrução e desenvolvimento, em detrimento de outras regiões, como o Nordeste, que apresenta estereótipo oposto: região menos desenvolvida economicamente e com menor nível de instrução.

Esses estereótipos ficam evidentes ao se observar que apresentadores de jornais, programas de televisão e rádio regionais tendem a seguir o “padrão” linguístico adotado por apresentadores da região Sudeste, como um modelo geral da norma a ser seguida. Segundo Bagno (2009), ao seguir a norma da região Sudeste, considerada a mais industrializada e economicamente mais importante do país, características de uma fala mais regional são abandonadas,

em prol de uma pronúncia mais “neutra”, considerada mais correta.

Dessa forma, espera-se que as impressões dos participantes nas cidades de Campinas e Feira de Santana sejam diferentes em relação às variantes do imperativo. A expectativa era que o ouvinte campineiro considerasse o imperativo com morfologia de subjuntivo menos usual em Campinas, associado a falantes da região Nordeste, menos escolarizados, mais ríspidos e mandões, já que a forma subjuntiva, ainda que seja a forma prescrita nas gramáticas, é pouco utilizada por falantes das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

Por outro lado, para o ouvinte feirense, a expectativa inicial era que ele considerasse a forma indicativa menos usual e a associasse aos falantes da região Sul ou Sudeste e mais escolarizados. Entretanto, através da análise de avaliações (ver Seção 3.2), observou-se que feirenses da primeira faixa etária (18-34) disseram considerar as formas associadas ao subjuntivo mais mandonas, impositivas, enquanto as formas associadas ao indicativo foram descritas como menos impositivas, mais polidas, com característica de pedido.

Essas respostas promoveram novos questionamentos e novas hipóteses. A faixa etária mais nova atribui significados sociais diferentes às formas imperativas em comparação aos significados atribuídos pela faixa etária mais velha? Os mais jovens consideram as formas indicativas mais polidas? Com base nesses novos questionamentos, a expectativa é que os mais jovens, tanto em Feira de Santana quanto em Campinas, considerem a forma indicativa mais polida, menos impositiva e menos mandona.

### 3.3.4 Coleta

A fim de manter uma amostra balanceada, com o intuito de realizar possíveis comparações entre os resultados de produção e percepção, os estímulos foram tocados para os mesmos participantes da amostra de produção (72 ouvintes, 36 por comunidade). A comparação entre os experimentos de produção e percepção é vantajosa porque permite discutir como se configura a relação entre usos e significados sociais para a variável analisada, uma vez que nem sempre é possível fazer uma relação direta entre produção, avaliação e percepção. Esse tipo de comparação, entretanto, requer um controle metodológico maior para que o tempo de coleta junto ao participante não seja excessivo e desgastante, acarretando certas desvantagens, como, por exemplo, o número menor de variáveis linguísticas que se pode controlar. A pesquisadora, tendo em mãos um aparelho de reprodução sonora, fones de ouvido e uma prancheta com o questionário, pediu aos ouvintes que escutassem as gravações, uma por vez, e tentassem imaginar como era o falante. Após ouvir cada estímulo, eles deveriam responder o questionário com suas percepções.

Desse modo, foram coletadas 576 respostas para as variáveis quantitativas (Gentil, Educada, Ríspida, Amigável, Inteligente, Mandona, Séria, Escolarizada, Antipática, Formal, Grosseira, Preguiçosa) e variáveis qualitativas (Escolaridade do Falante, Classe Social do Falante, Região do Falante, Faixa Etária do Falante).

Com as respostas do questionário, foi feita a análise estatística das variáveis através da plataforma R (R CORE TEAM, 2020). Os dados de percepção linguística foram analisados por meio do teste Wilcoxon<sup>2</sup>, qui-quadrado, modelos de efeitos mistos de regressão logística e linear (BAAYEN, 2008; GRIES, 2013; OUSHIRO, 2015b, 2017) e Análise de Componentes Principais (LEVSHINA, 2015).

### 3.4 Análises para cidades de Feira de Santana-BA e Campinas-SP

Esta seção analisa os resultados de percepção, com base na técnica de estímulos pareados de Lambert et al. (1960), sobre as formas imperativas (indicativo ~ subjuntivo) nas cidades de Feira de Santana e Campinas, com o intuito de discutir quais percepções e significados sociais estão associados ao imperativo nessas cidades.

Discutem-se as respostas dos ouvintes atribuídas aos falantes em relação às características que foram acessadas por meio de escalas de cinco pontos, sobre as formas imperativas produzidas nos estímulos. Tais respostas são apresentadas abaixo através dos *boxplots*, nas Figuras 3.5, 3.6, 3.7 e 3.9, que ilustram a sua distribuição e dispersão nas escalas. Para melhor visualização das figuras, organizaram-se as características em dois blocos. O primeiro bloco contém características que podem ser vistas como qualidades e o segundo bloco contém características que podem ser vistas como defeitos. No primeiro bloco, são apresentados os *boxplots* para as características Gentil, Educada, Amigável, Inteligente e Escolarizada e, no segundo, as características Ríspida, Mandona, Antipática, Grosseira, Preguiçosa, Séria e Formal<sup>3</sup>.

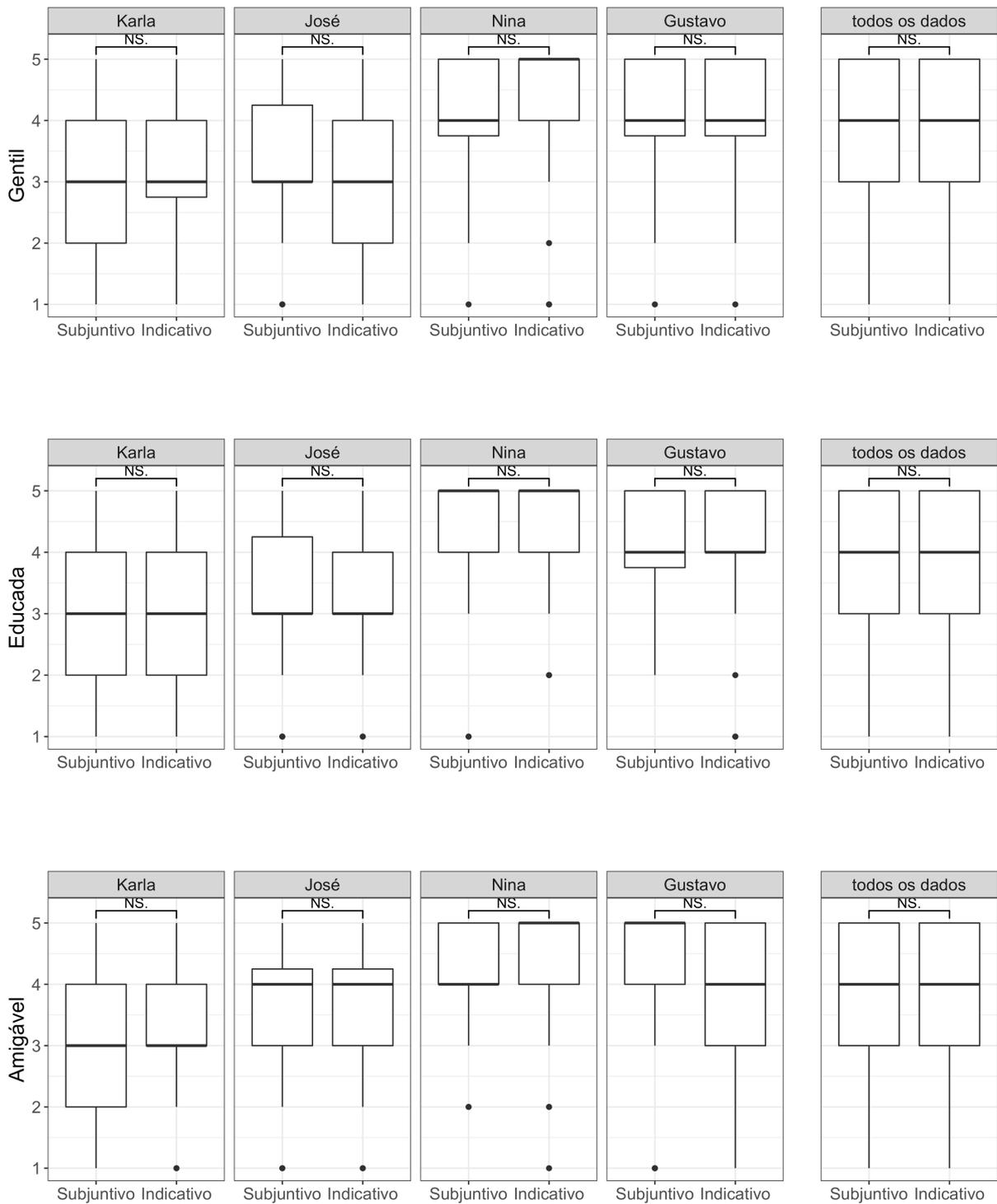
Neles se apresentam as distribuições das respostas atribuídas aos pares de variantes da amostra – subjuntivo e indicativo – por falantes à esquerda (identificados por pseudônimos) e para a amostra geral no último gráfico à direita, junto a valores de significância para cada variável analisada, obtidos através do teste de Wilcoxon (NS  $p > 0,05$ ; \* $p < 0,05$ ; \*\* $p < 0,01$ ; \*\*\* $p < 0,001$ ). Dentre os falantes, os dois à esquerda – Karla e José – são feirenses, e os dois à direita – Nina e Gustavo – são campineiros.

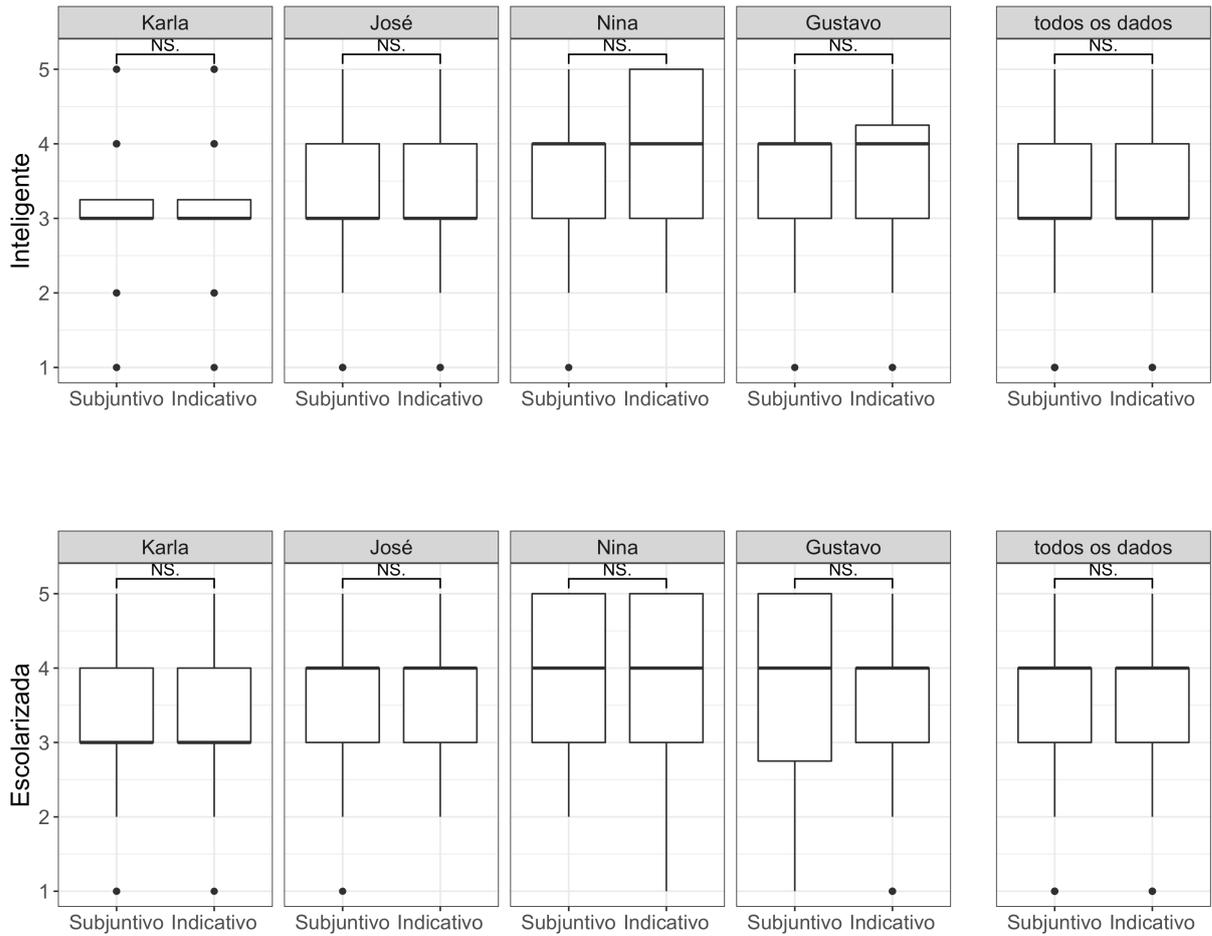
De forma geral, os *boxplots* para Feira de Santana e Campinas não indicaram diferenças significativas nas escalas entre as formas indicativas e subjuntivas para ambos os blocos: das características Gentil, Educada, Amigável, Inteligente e Escolarizada (ver Figuras 3.5 e 3.6), e das características Ríspida, Mandona, Antipática, Grosseira, Preguiçosa, Séria e Formal (ver Figuras 3.7 e 3.9). Através do teste de Wilcoxon, confirmou-se que não há correlação entre as percepções dos ouvintes e as formas imperativas.

<sup>2</sup> Como na amostra de percepção há dados numéricos que não apresentam distribuição normal, utilizou-se o teste de Wilcoxon, um teste não paramétrico mais adequado para esse tipo de distribuição.

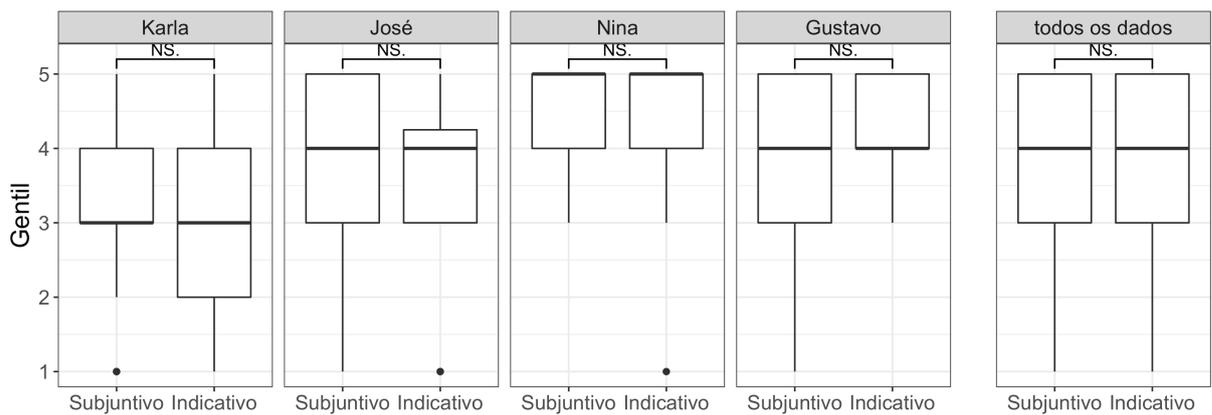
<sup>3</sup> Apesar da característica Formal não ser um defeito, no levantamento das percepções mais recorrentes para as variantes do imperativo no teste piloto, muitos ouvintes associaram tal característica a pessoas sérias e ríspidas, por isso essa característica está no bloco dos defeitos.

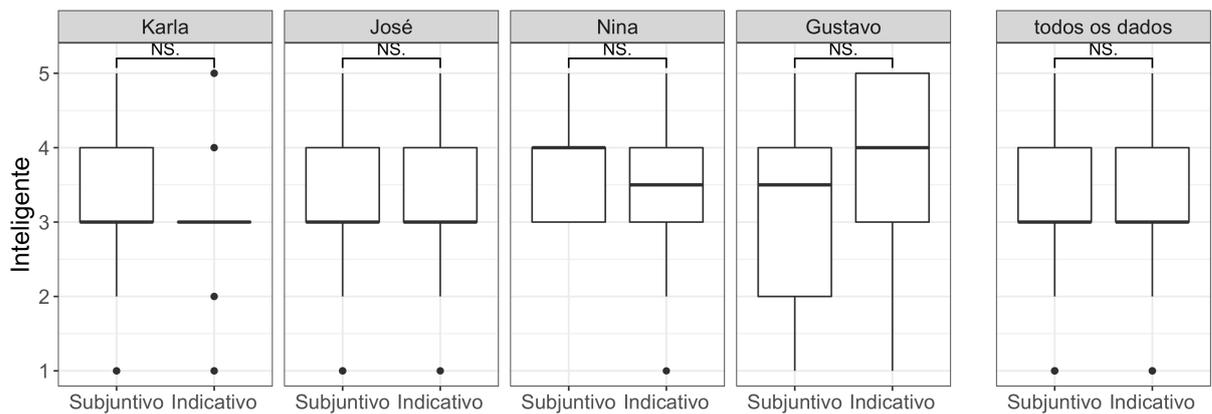
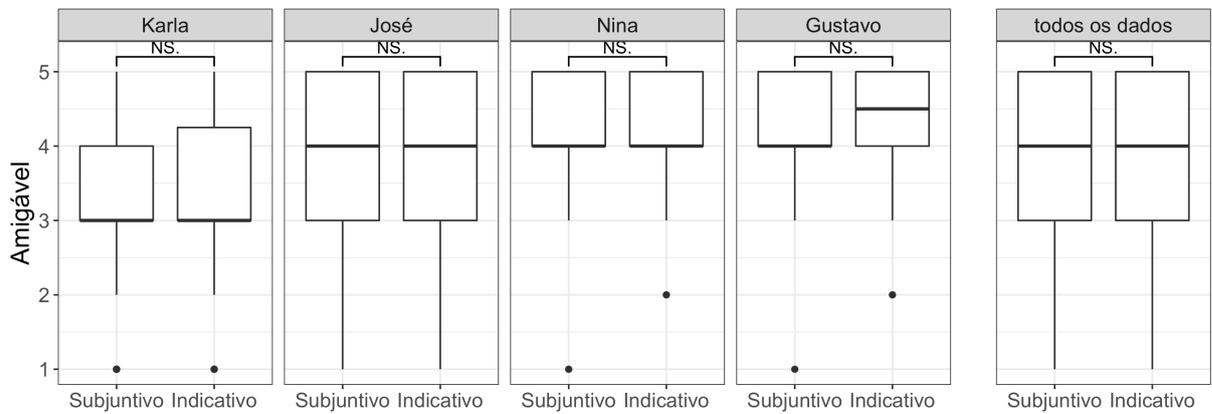
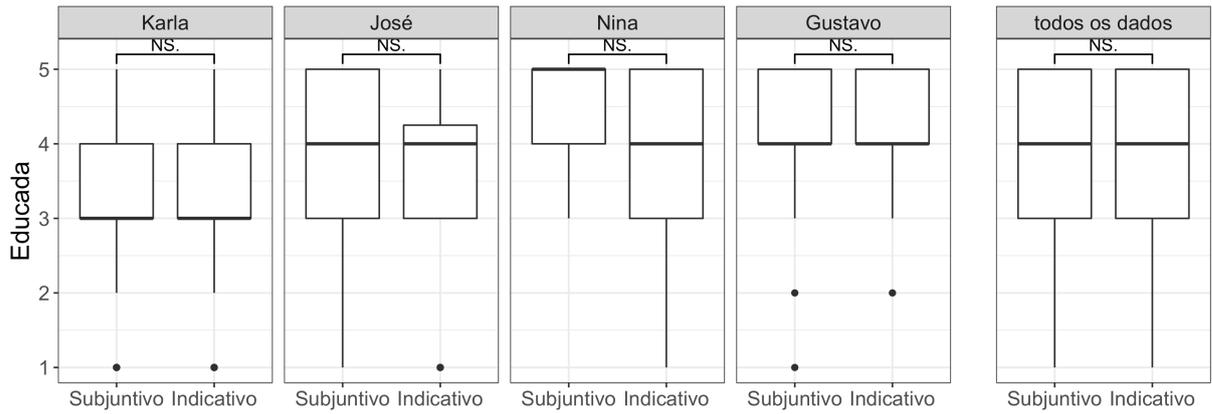
**Figura 3.5** Resultados das variáveis Gentil, Educada, Amigável, Inteligente e Escolarizada para percepções das formas imperativas em Feira de Santana-BA

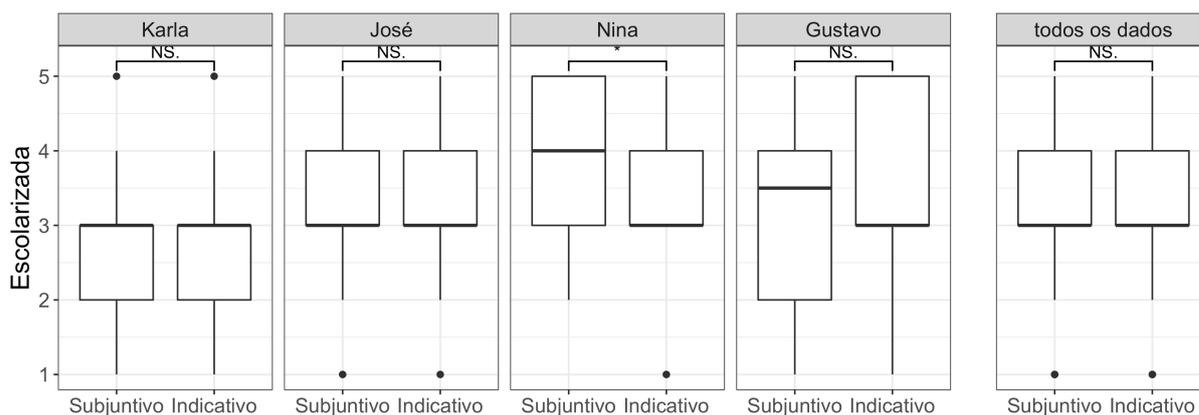




**Figura 3.6** Resultados das variáveis Gentil, Educada, Amigável, Inteligente e Escolarizada para percepções das formas imperativas em Campinas-SP







A falta de correlação pode ter ocorrido pelo pequeno número de dados, uma vez que se priorizou realizar o experimento de percepção com os mesmos 72 falantes do teste de produção. O número de ouvintes é pequeno, se comparado ao de outros estudos de percepção sobre variáveis morfossintáticas (CANEVER, 2017; MENDES, 2018; OUSHIRO, 2015b; SANTOS, 2020). Nesse sentido, as apresentações de aparentes diferenças, ainda que não tenham sido significativas, têm o intuito descritivo, já que indicam que em amostras maiores poderiam revelar diferenças. De todo modo, um ponto a se considerar, até mesmo pelos resultados apresentados na Seção 3.2, é que as formas imperativas não são tão salientes quanto outras variáveis morfosintáticas. Caso as diferenças fossem robustas, apareceriam mesmo em amostras pequenas.

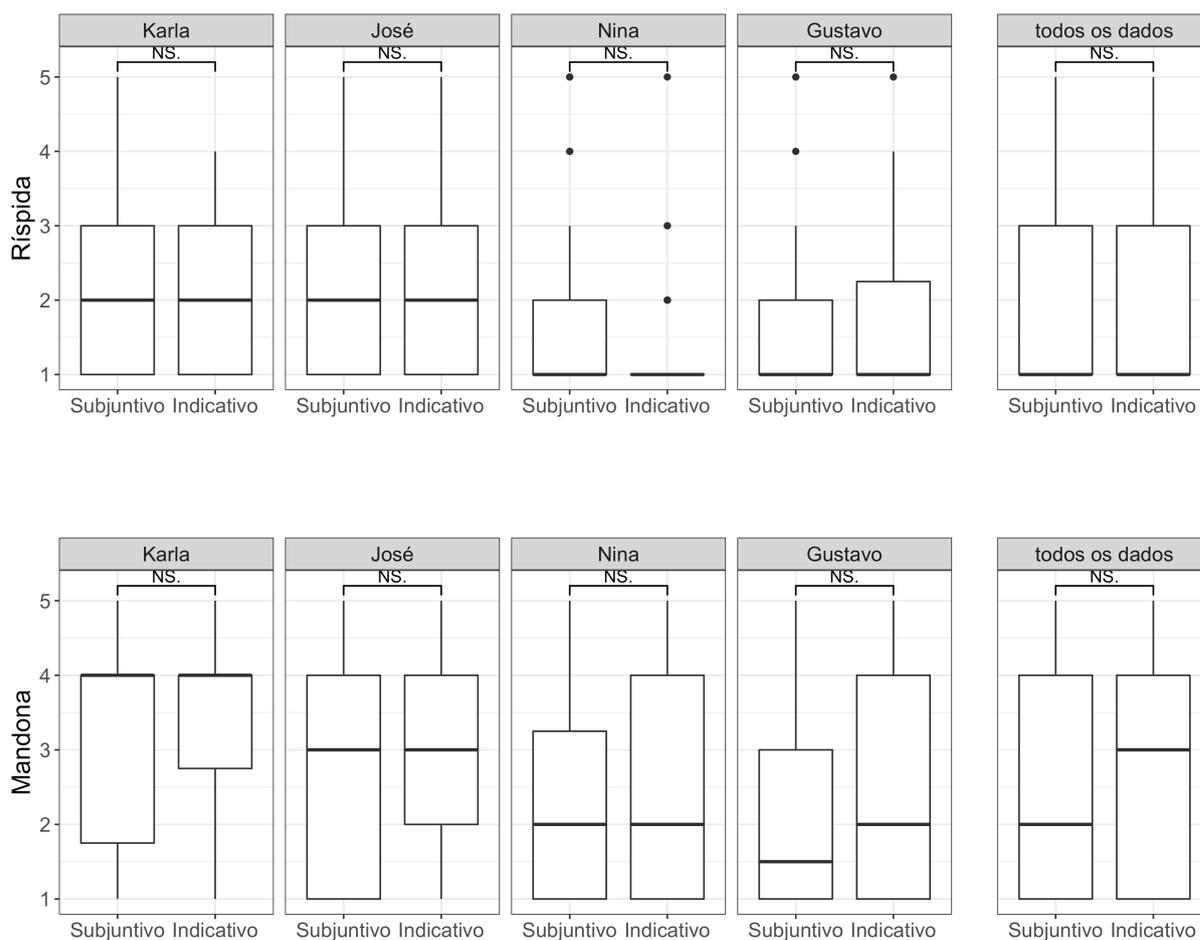
Os resultados de percepção para os ouvintes feirenses (Figura 3.5) revelam que as formas imperativas associadas ao subjuntivo e ao indicativo apresentam os mesmos padrões, ou seja, ter ouvido uma ou outra forma imperativa não se correlaciona com as características atribuídas aos falantes. Ao analisar as figuras por falantes à esquerda, observando se haveria percepções diferentes em relação aos falantes feirenses Karla e José e campineiros Nina e Gustavo, já que outros fatores podem influenciar a percepção de um ouvinte, como a voz, entoação e a sentença, nota-se que os padrões são semelhantes aos apresentados na amostra geral para as variáveis Gentil, Educada, Amigável, Inteligente e Escolarizada, havendo pequenas oscilações entre os pontos 4 e 5 de alguns falantes nas características Gentil e Amigável.

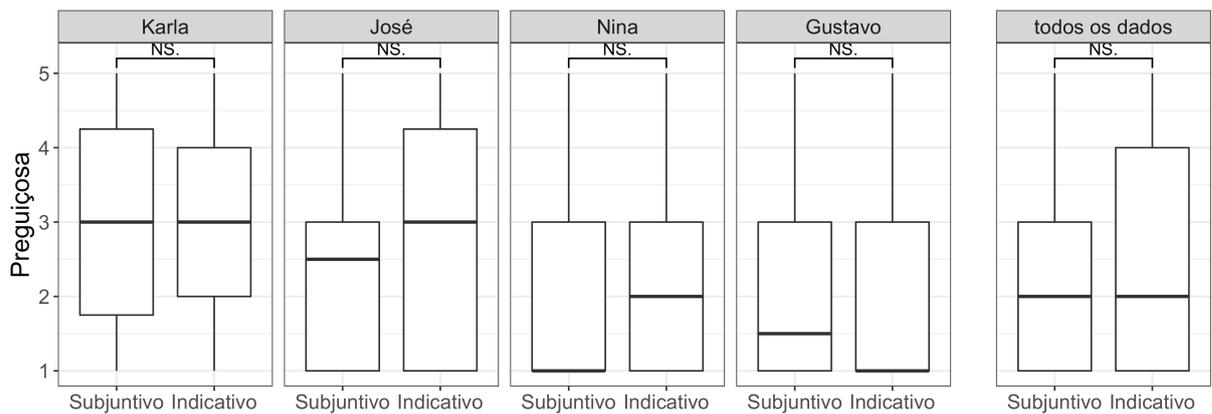
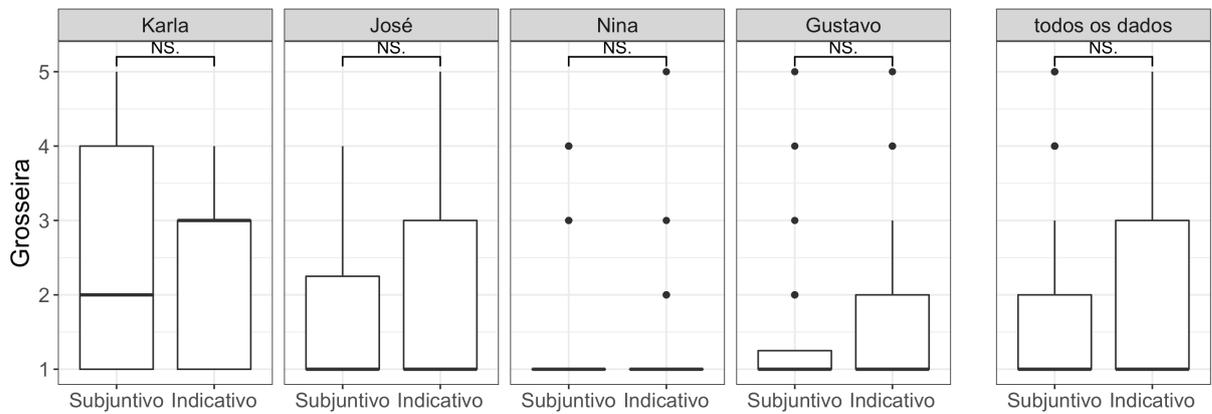
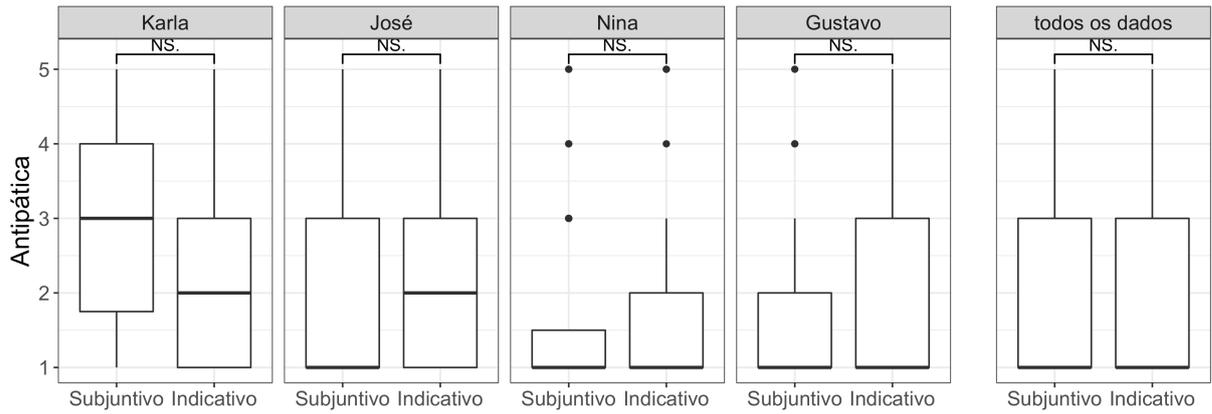
Os resultados de percepção em Campinas (Figura 3.6) são semelhantes aos de Feira de Santana para essas mesmas características. As figuras à direita, de forma geral, mostram que as formas imperativas associadas ao subjuntivo e ao indicativo apresentam os mesmos padrões. Observa-se, para as diferentes formas imperativas, que as escalas de julgamentos para as características Gentil, Educada e Amigável se concentram no ponto 4 e para as características Inteligente e Escolarizada no ponto médio 3, apresentando similaridade por partes dos ouvintes em relação às sentenças imperativas para essas características. Analisaram-se também as figuras por falantes feirenses Karla e José e por falantes campineiros Nina e Gustavo com o intuito de observar se haveria percepções diferentes. Nota-se, entretanto, que os padrões são similares

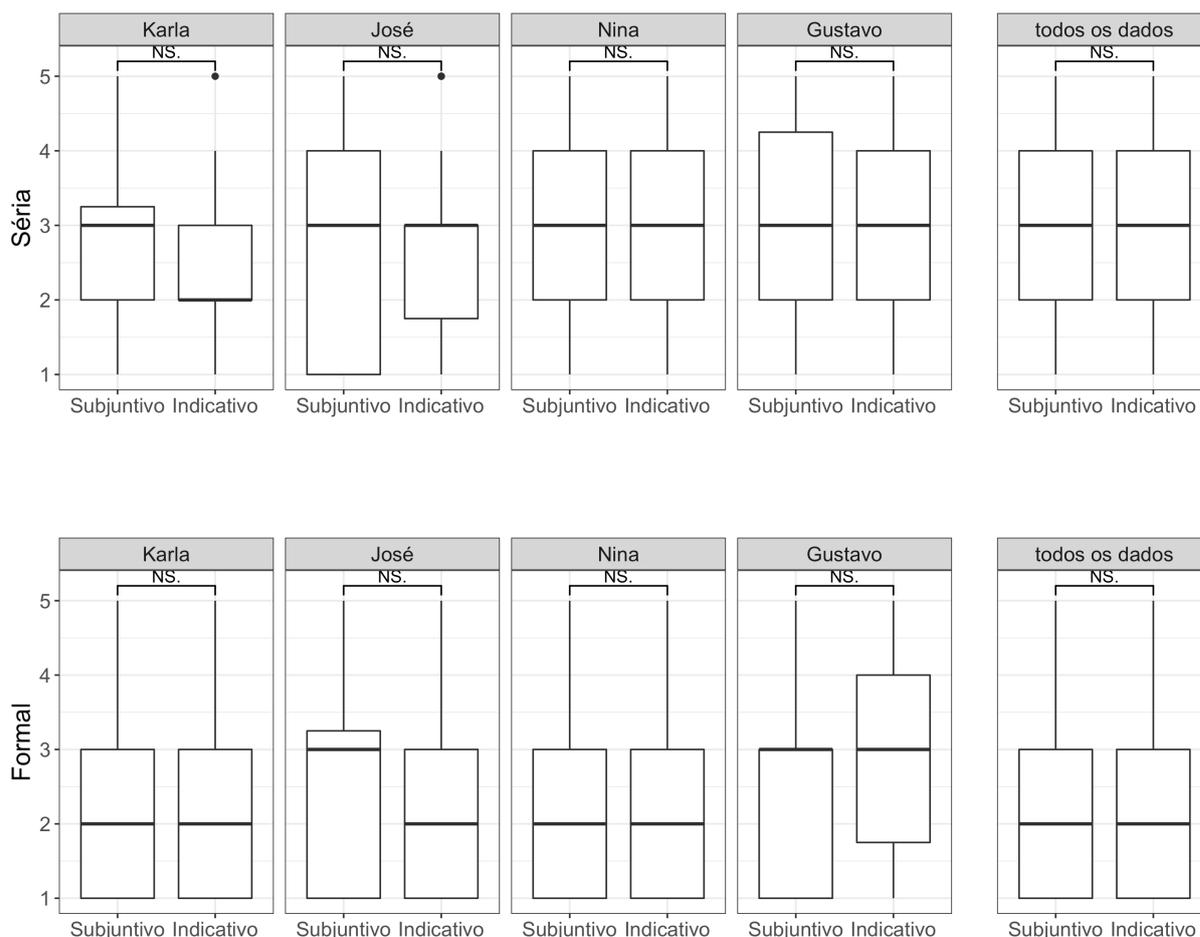
aos apresentados na amostra geral, havendo pequenas oscilações entre os pontos 4 e 5 de alguns falantes nas características Educada e Amigável e entre os pontos 3 e 4 para alguns falantes nas características Inteligente e Escolarizada.

Observa-se, nas Figuras 3.7 e 3.9, o segundo bloco com os boxplots das variáveis Ríspida, Mandona, Antipática, Grosseira, Preguiçosa, Séria e Formal nas cidades de Feira de Santana e Campinas, respectivamente.

**Figura 3.7** Resultado das variáveis Ríspida, Mandona, Antipática, Grosseira, Preguiçosa, Séria e Formal para percepções das formas imperativas em Feira de Santana-BA





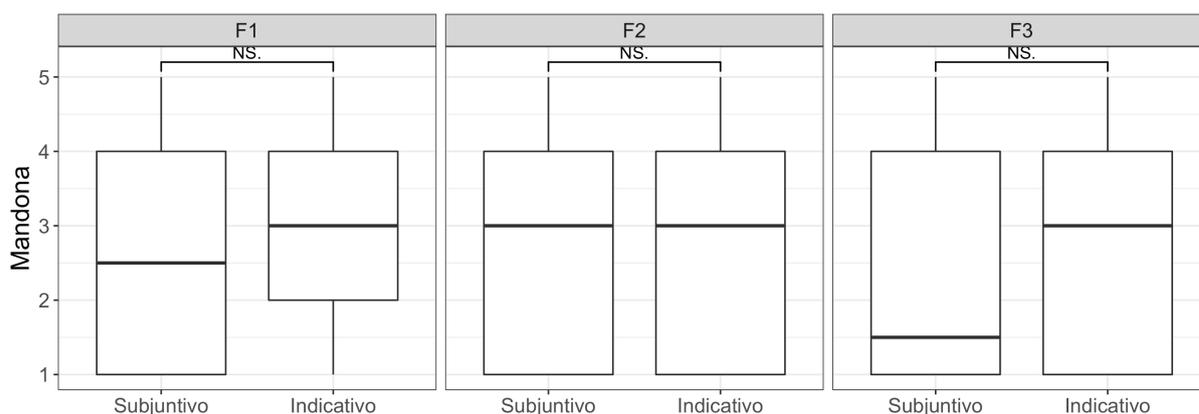


Ao observar os *boxplots* da amostra geral à direita, para a cidade de Feira de Santana, nota-se um mesmo padrão para os julgamentos das diferentes formas imperativas em relação às características Ríspida, Antipática, Grosseira, Preguiçosa, Séria e Formal. A única característica que apresenta padrões distintos em relação aos julgamentos das formas imperativas é Mandona. A maior parte dos ouvintes atribuiu o ponto 2 aos falantes quando pronunciaram formas associadas ao subjuntivo e o ponto 3 ao ouvirem falantes que pronunciaram formas imperativas associadas ao indicativo. Esperava-se que os ouvintes percebessem as formas subjuntivas como mais mandonas, mas vale salientar que este resultado não expressa muito, já que, em uma escala de 5 pontos, o ponto 3 representa certa neutralidade.

Ao analisar os *boxplots* por falantes à esquerda, nota-se que os padrões, de forma geral, prevalecem para o julgamento das características em relação às diferentes formas imperativas. Os padrões nas escalas se diferenciam nas características Mandona para o falante Gustavo, na característica Antipática para os falantes José e Karla, na característica Grosseira para a falante Karla, na característica Preguiçosa para a falante Nina, na característica Séria para a falante Karla e na característica Formal para o falante José. Entretanto essas diferenças nas escalas são pequenas e o teste de Wilcoxon não revelou diferenças significativas.

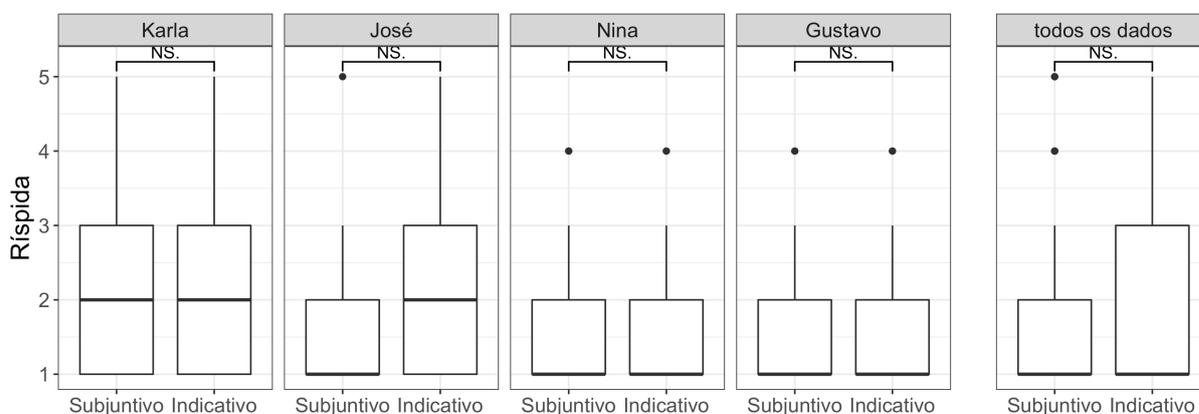
Vale lembrar que nas avaliações em Feira de Santana (Seção 3.2), principalmente da primeira faixa etária (18-34), os participantes, ao ouvirem os áudios com as formas imperativas, consideraram as formas subjuntivas mais mandonas, impositivas, enquanto as formas indicativas foram consideradas mais suaves e polidas, o que despertou o interesse em analisar se havia correlação entre o uso das formas imperativas e a variável social Faixa Etária. Os resultados são expressos na Figura 3.8 através de *boxplots* e do teste de Wilcoxon.

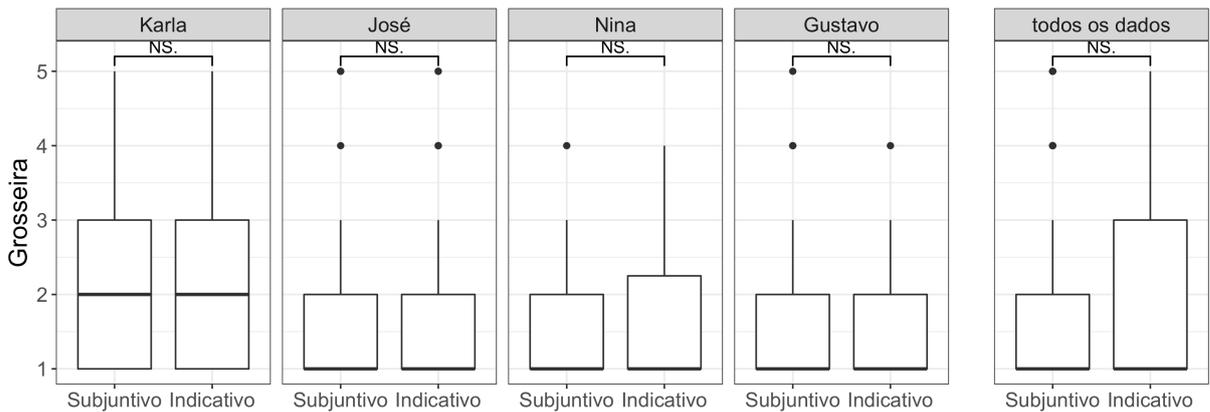
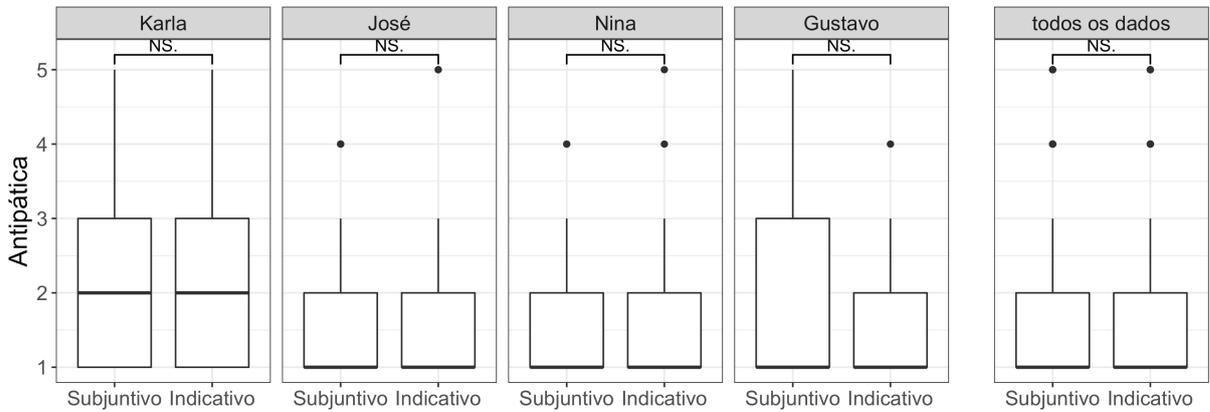
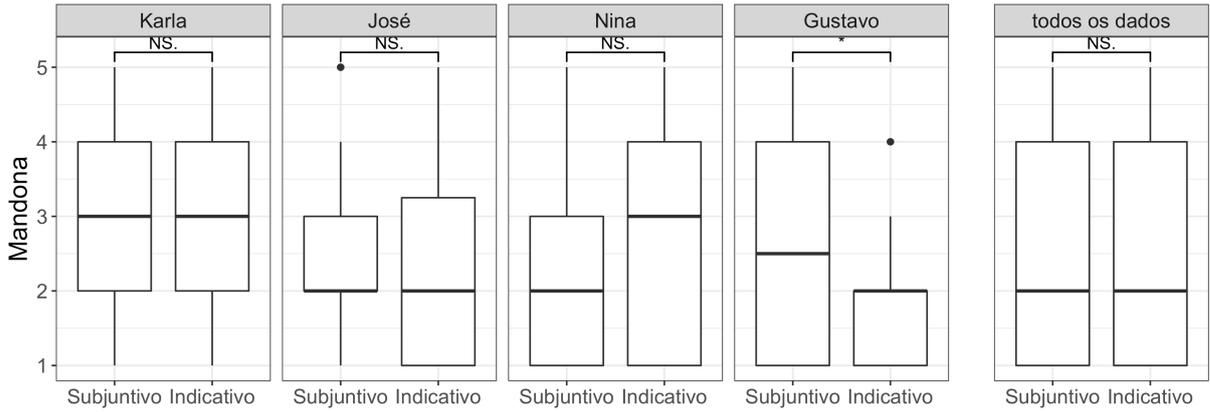
**Figura 3.8** Correlação entre as variáveis Mandona e Faixa Etária dos Participantes para o uso do imperativo em Feira de Santana-BA

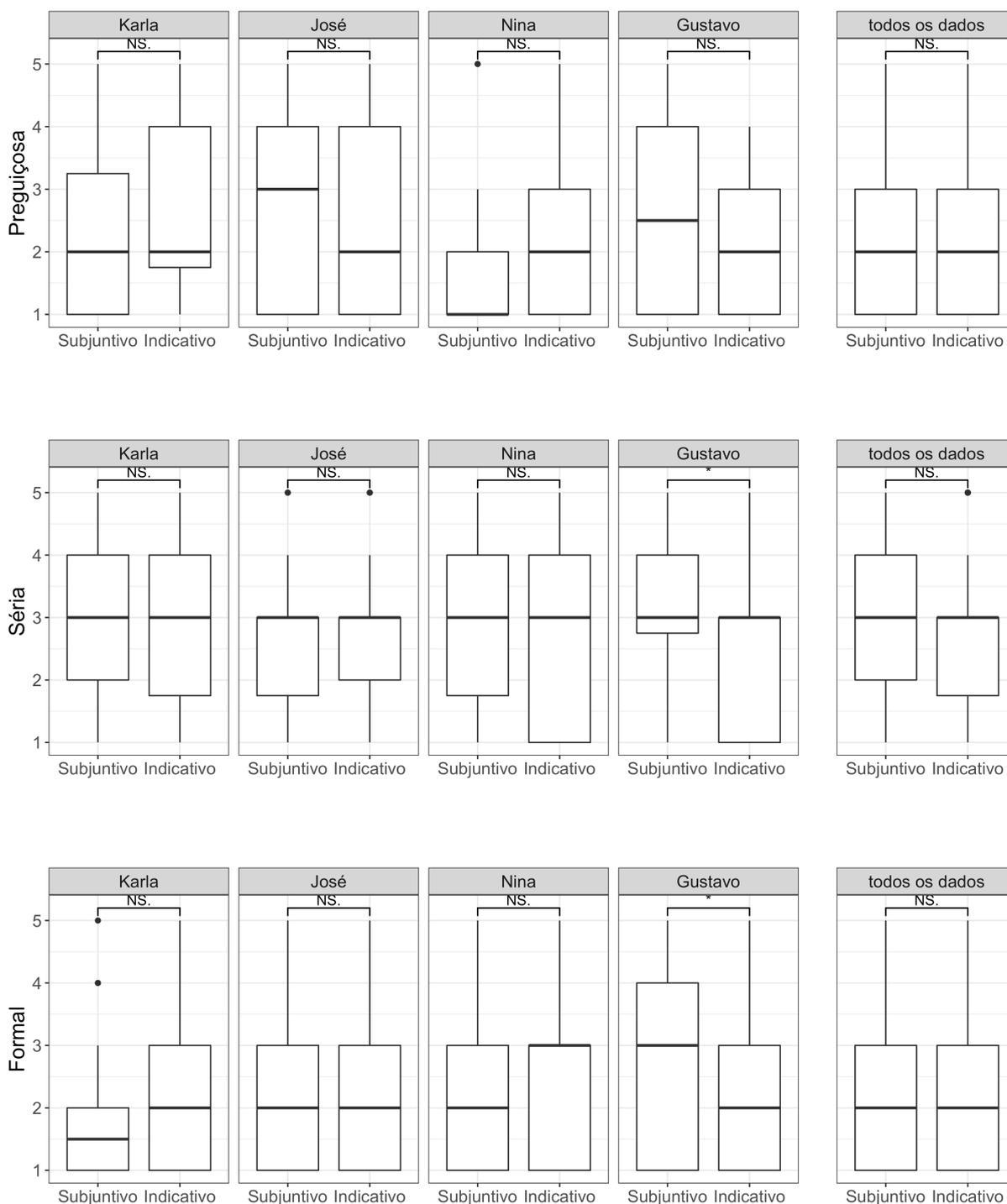


Ainda que não haja diferença significativa, a Figura 3.8 permite pensar que, em um *corpus* mais robusto, os julgamentos apresentados por F3 podem revelar alguma diferença, uma vez que os mais velhos concentram os julgamentos para característica Mandona entre os pontos 1 e 2 para sentenças imperativas associadas ao subjuntivo e no ponto 3 para as sentenças associadas ao indicativo.

**Figura 3.9** Resultado das variáveis Ríspida, Mandona, Antipática, Grosseira, Preguiçosa, Séria e Formal para percepções das formas imperativas em Campinas-SP







Para a cidade de Campinas (Figura 3.9), nota-se nos *boxplots* da amostra geral à direita um mesmo padrão para os julgamentos das diferentes formas imperativas em relação às características Ríspida, Antipática, Grosseira, Preguiçosa, Séria e Formal. Para ambas as formas imperativas, as escalas de pontos nas características Ríspida, Antipática e Grosseira se concentram no ponto 1; para as características Mandona, Preguiçosa e Formal, se concentram no ponto 2; e para a característica Séria no ponto médio 3.

---

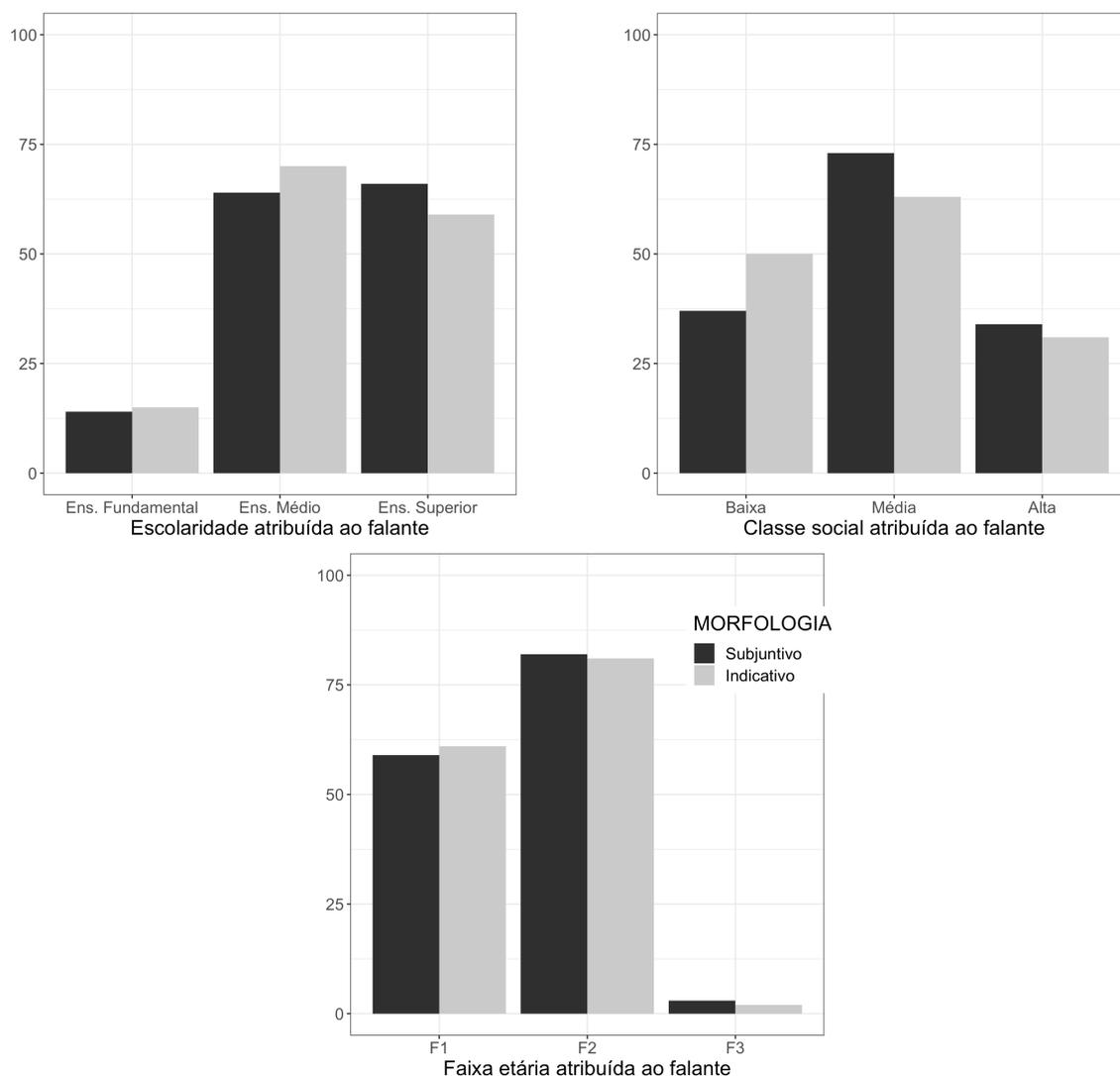
Para os *boxplots* por falantes, à esquerda, observa-se que os padrões, de forma geral, prevalecem para o julgamento das características em relação às diferentes formas imperativas, ou seja, não revelaram diferenças significativas. Para algumas características por falantes, as escalas se diferenciam, como nas características Ríspida para o falante José, Mandona para os falantes Gustavo e Nina, Preguiçosa para os falantes Gustavo, José e Nina e Formal para os falantes Gustavo, Karla e Nina.

Em relação às variáveis qualitativas (Nível de Escolaridade, Classe Social, Faixa Etária e Região), pelo fato de que no Nordeste os falantes utilizam mais as formas subjuntivas, imaginava-se que os ouvintes feirenses associariam as formas indicativas aos falantes da região Sul e Sudeste, mais novos e mais escolarizados e, por consequência, associariam as formas indicativas a falantes de classe social mais alta, já que, de forma geral, o nível de escolaridade associa-se ao *status* que reflete o poder aquisitivo.

Os ouvintes campineiros, por possuírem uma norma linguística para formas imperativas diferente da dos feirenses, associariam as formas indicativas aos falantes das regiões Sul e Sudeste, mais novos, mais escolarizados e pertencentes à classe alta, enquanto as formas subjuntivas, pouco utilizada por eles, seriam associadas aos falantes da região Nordeste, mais velhos, menos escolarizados e pertencentes à classe baixa.

Nas Figuras 3.10 e 3.11, são apresentadas as frequências de assinalamento das características atribuídas aos falantes quando se ouviu o subjuntivo ou o indicativo, nas cidades de Feira de Santana e Campinas, respectivamente.

**Figura 3.10** Resultado das variáveis qualitativas Nível de Escolaridade, Classe Social e Faixa Etária para percepções das formas imperativas em Feira de Santana-BA



Não houve diferenças significativas para a atribuição de características sociais dos falantes quanto ao Nível de Escolaridade ( $\chi^2 = 0,69(2)$ ,  $p > 0,05$ ), Classe Social ( $\chi^2 = 2,75(4)$ ,  $p > 0,05$ ) ou Faixa Etária ( $\chi^2 = 0,23(2)$ ,  $p > 0,05$ ) em Feira de Santana. Nos três gráficos da Figura 3.10, verifica-se que a atribuição de cada uma das características (ens. fundamental, ens. médio, ens. superior, classe baixa, classe média, classe alta, F1, F2 e F3) aos falantes foi feita em proporções semelhantes, tendo o participante escutado a variante subjuntiva (barras escuras) ou indicativa (barras claras).

Esperava-se que os ouvintes atribuísem aos falantes que utilizassem o indicativo um nível maior de escolaridade, já que as formas indicativas fazem parte da norma linguística da região Sudeste, considerada modelo linguístico da norma urbana culta (SAMPAIO, 2001). Essa região tem um reconhecido prestígio linguístico por ser considerada mais desenvolvida, o

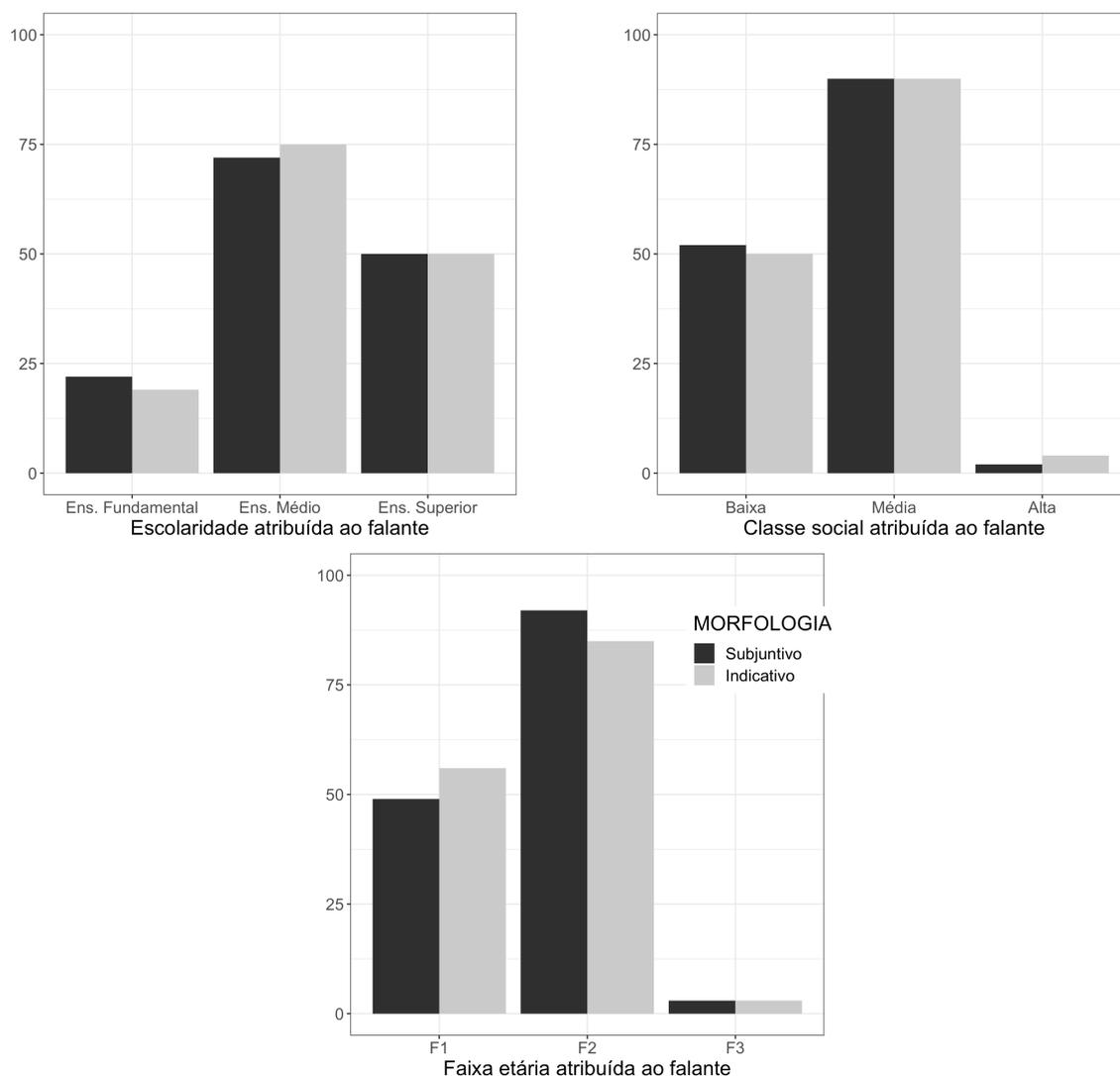
---

que permite a disseminação equivocada da ideia de que um lugar desenvolvido economicamente apresenta pessoas e cultura superiores.

Uma provável explicação para frequências tão próximas para ambas as variantes nas variáveis Escolaridade e Classe Social pode estar relacionada ao aspecto neutro das formas imperativas em relação às avaliações sociais (SCHERRE, 2007). Sabe-se que fenômenos que sofrem coerção social, como a concordância verbal e nominal, são mais perceptíveis pelos falantes, diferentemente de fenômenos como o imperativo que, como se observou na análise de avaliação na Seção 3.2, não é um fenômeno associado à noção de erro do ponto de vista da avaliação social. Isso pode ter refletido nas percepções dos ouvintes sobre a Escolaridade e Classe Social.

Labov et al. (2011) postulam que para aferir aspectos perceptuais da variação linguística é necessário usar um dispositivo cognitivo, o “monitor sociolinguístico”, com o intuito de conferir o quão sensíveis os sujeitos são às diferentes variantes linguísticas. Um bom exemplo de monitoramento sociolinguístico é apresentado por Mendes (2018) ao analisar a concordância nominal. Segundo o autor, sentenças como *as coisa tá difícil* são possíveis de ser realizadas no português, mas elas podem ser bloqueadas na enunciação do próprio falante, uma vez que, graças ao monitor sociolinguístico, tal sentença pode ser percebida e avaliada, categorizando o falante socialmente. Como não fazer concordância é algo estigmatizado e pode ser evitado, em situações de interação social, a depender do grau de atenção à fala, esse filtro será ativado pelo falante. As formas de imperativo, por outro lado, não parecem ser nem estigmatizadas ou prestigiadas, por isso são formas mais neutras, o que leva a inferir que essa neutralidade corrobora a não correlação das formas imperativas com as variáveis Escolaridade e Classe Social nos testes de percepção.

**Figura 3.11** Resultado das variáveis qualitativas Nível de Escolaridade, Classe Social e Faixa Etária para percepções das formas imperativas em Campinas-SP



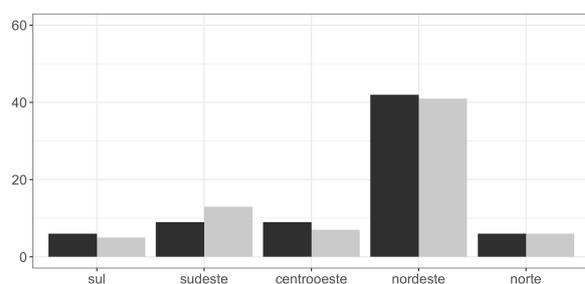
Entre ouvintes campineiros, assim como nos resultados para Feira de Santana, não houve correlação entre as variáveis qualitativas Nível de Escolaridade ( $\chi^2 = 0,28(2)$ ,  $p > 0,05$ ), Classe Social ( $\chi^2 = 0,70(2)$ ,  $p > 0,05$ ), Faixa etária ( $\chi^2 = 0,74(2)$ ,  $p > 0,05$ ) e as formas imperativas. Nos três gráficos da Figura 3.11 observa-se que as proporções para cada umas dessas características são muito próximas, independentemente da forma imperativa ouvida.

Trabalhos de sociolinguística, assim como esta pesquisa, mostram evidências sobre a influência da Faixa Etária no uso das formas imperativas, demonstrando que os indivíduos mais jovens impulsionam a aquisição das formas inovadoras pelas comunidades, assim como revelam também diferenças dialetais entre as regiões Sudeste e Nordeste para o uso das formas imperativas (CARDOSO, 2009; SAMPAIO, 2001; SCHERRE, 2007). Entretanto a não correlação entre essas variáveis e as formas imperativas no teste de percepção revela que não

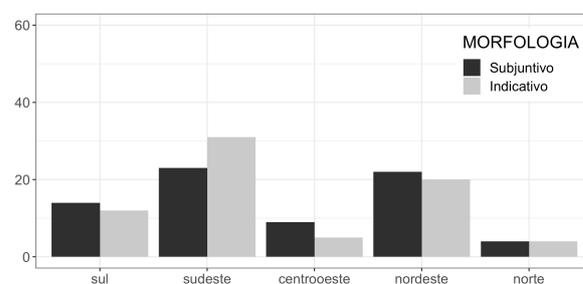
se pode fazer uma relação direta entre produção e percepção. Isso vale para todas as variáveis sociais analisadas aqui. Nota-se que o ouvinte não faz relação entre seus usos e suas percepções. Muitos fenômenos, principalmente os que não estão associados a comentários metalinguísticos, podem estar abaixo da consciência do ouvinte. Dessa forma, suas percepções podem não ir na mesma direção de seus usos.

Para a variável Região, os falantes feirenses e campineiros foram analisados separadamente, uma vez que era mais provável que se atribuísse “Nordeste” aos falantes feirenses José e Karla e “Sudeste” aos falantes campineiros Gustavo e Nina. O que se pretendia verificar, entretanto, é se haveria maior tendência relativa à atribuição da região Nordeste quando se ouviu a forma subjuntiva, e da região Sudeste quando se ouviu a forma indicativa.

**Figura 3.12** Atribuição da região para falantes feirenses por ouvintes de Feira de Santana-BA

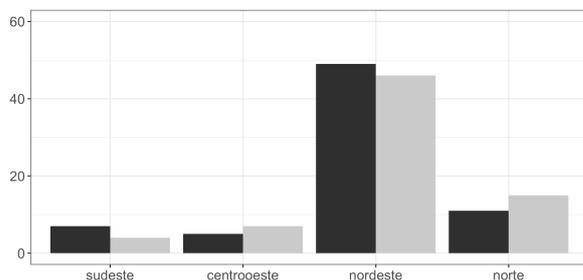


**Figura 3.13** Atribuição da região para falantes campineiros por ouvintes de Feira de Santana-BA

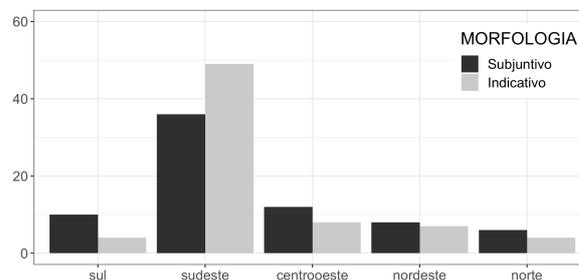


As Figuras 3.12 e 3.13 mostram que os ouvintes feirenses de fato associaram as vozes dos feirenses mais à região Nordeste, e as vozes campineiras à região Sudeste, mas a diferença nas frequências para as formas subjuntivas e indicativas não é muito grande. Esses resultados mostram que para além das formas imperativas, outros traços como a prosódia provavelmente influenciaram a associação feita, ou seja, os ouvintes diferenciam os nordestinos dos sudestinos, mas não associam as variantes imperativas a um traço linguístico para identificação dos falantes dessas comunidades ( $\chi^2 = 3.41(4)$ ,  $p > 0,05$ ) em Feira de Santana.

**Figura 3.14** Atribuição da região para falantes feirenses por ouvintes de Campinas-SP



**Figura 3.15** Atribuição da região para falantes campineiros por ouvintes de Campinas-SP



Para os dados de Campinas, as Figuras 3.14 e 3.15 mostram que os campineiros, assim como os feirenses, atribuíram, predominantemente, as vozes feirenses à região Nordeste e as vozes campineiras à região Sudeste, independentemente da forma imperativa utilizada, demonstrando que essa variável tampouco se correlaciona com formas imperativas ( $\chi^2 = 3,41(4)$ ,  $p > 0,05$ ) na percepção de campineiros.

Os resultados para variável Região, para os ouvintes campineiros, são inesperados, pois na análise de avaliação, da Seção 3.2, os campineiros avaliaram as formas subjuntivas como comuns na região Nordeste. Esses resultados mostram um conflito entre avaliações e percepções, pois, a partir dos comentários metalinguísticos feitos pelos campineiros ao ouvirem as formas subjuntivas, esperava-se proporções mais díspares para formas imperativas relacionadas às regiões Sudeste e Nordeste.

Para obter resultados mais refinados, foram feitos testes de regressão linear em modelos de efeitos mistos das variáveis quantitativas (Gentil, Educada, Ríspida, Amigável, Inteligente, Mandona, Séria, escolarizada, Antipática, Formal, Grosseira e Preguiçosa) em relação às formas imperativas, acrescentando ouvinte como variável aleatória. Os resultados para essas análises, em Feira de Santana, foram semelhantes aos apresentados no teste de Wilcoxon, uma vez que não mostraram qualquer correlação entre o julgamento das características e as formas imperativas. Para Campinas, os resultados para essas análises foram semelhantes aos apresentados no teste de Wilcoxon para a maioria das variáveis, exceto para a característica Ríspida, que mostrou correlação com as formas imperativas (Tabela 3.1).

**Tabela 3.1** Resultado da análise de regressão linear em modelo de efeitos mistos para percepção do imperativo sobre a característica ríspida em Campinas

	<b>Estimativa</b>	<b>Erro padrão</b>	<b>Valor-z</b>	<b>p</b>	
<i>(Intercept)</i>	1,84	0,12	0,15	< 0,001	***
<b>Morfologia</b>					
Subjuntivo	-0,18	0,10	-1,83	0,05	*

Analisando a variável Ríspida, nota-se que a estimativa negativa da variante Morfologia de subjuntivo (-0,18), em relação ao *intercept* (Morfologia de indicativo), indica que os ouvintes julgaram os falantes como menos ríspidos quando foram ouvidos com as formas subjuntivas em comparação às formas indicativas. Esse resultado não era esperado, já que, considerando que os campineiros julgassem as formas subjuntivas menos usuais, esperava-se que em suas percepções as formas subjuntivas fossem consideradas mais ríspidas.

Também foram feitos modelos de regressão linear que testaram interações entre as variáveis dependentes Educada, Ríspida e Mandona e as variáveis sociais Faixa Etária e Escolaridade do ouvinte. O interesse em analisar essas interações tem relação com as hipóteses aventadas sobre os mais jovens considerarem as formas imperativas associadas ao subjuntivo ríspidas e mandonas e as formas indicativas mais polidas. Contudo não há interação entre as variáveis sociais Faixa Etária e Escolaridade com Morfologia de Imperativo em relação às características Educada, Ríspida e Mandona para os ouvintes.

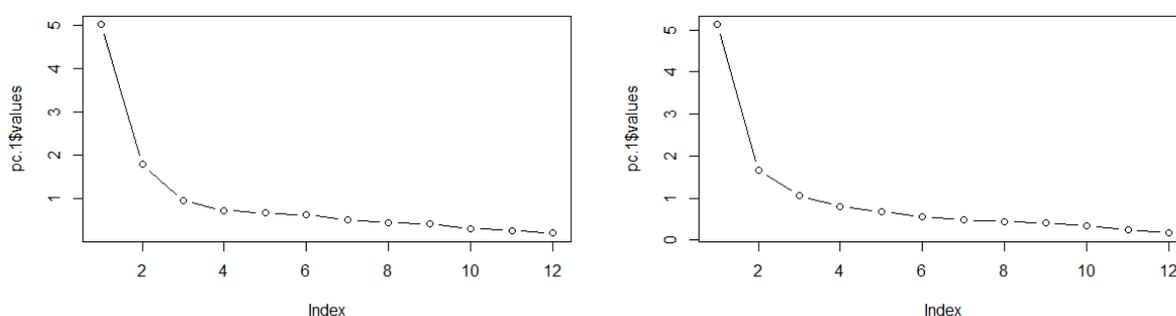
Realizaram-se ainda Análises de Componentes Principais<sup>4</sup> (análise de correlação entre respostas numa escala) para os conjuntos de dados de Feira de Santana e Campinas, separadamente, observando quais escalas integram um componente, suas ordens e como as respostas dos falantes, nas diferentes escalas, se relacionam entre si, com a expectativa de que os Componentes Principais das respostas dos feirenses não sejam os mesmos das respostas dos campineiros, o que revelaria, assim, padrões diferentes nas percepções das duas comunidades analisadas.

Para a realização das Análises de Componentes Principais (ACP), “procedimento que reduz um grande número de variáveis correlacionadas a um pequeno conjunto de dimensões subjacentes” (LEVSHINA, 2015, p. 351), é necessário, inicialmente, aplicar a função *principal* do pacote *psych* em busca dos componentes formados no conjunto total das respostas que se correlacionam (CPS) (REVELLE, 2015). Através da função *principal* são gerados os *eigenvalues*, valor responsável por mostrar quanto da variação total é explicada por cada Componente Principal.

<sup>4</sup> PCA - Principal Components Analysis.

Conforme Levshina (2015), existem diferentes regras básicas com relação ao número ideal de componentes que mais explicam a variância nas respostas dadas pelos ouvintes. Alguns estatísticos propõem reter apenas aqueles componentes cujos *eigenvalues* são maiores que 1, segundo o critério de Kaiser; outros são menos rígidos e usam 0,7 como um corte de ponto. Também é possível inspecionar os valores visualmente usando o gráfico de Cattell (CATTELL, 1966), gráfico que apresenta o número de dimensões no eixo *x* e os correspondentes em *eigenvalues* no eixo *y*, como se observa na Figura 3.16.

**Figura 3.16** Gráficos de Cattell dos Componentes Principais das respostas dadas por feirenses e campineiros às 12 escalas do teste de percepção



Na Figura 3.16 deve-se encontrar o ponto em que a variância apresenta uma descendência linear (REISE; WALLER; COMREY, 2000), denominado “cotovelo”; a partir desse ponto, “a adição de novos componentes não explica significativamente a variância da resposta” (LEVSHINA, 2015, p. 319). No gráfico das respostas de feirenses, observa-se que o ponto 3 está um pouco abaixo do valor de referência, mas, como os *eigenvalues* para o terceiro CP foi 0,95, muito próximo de 1, decidiu-se analisar os três primeiros CPs. Para o gráfico das respostas de campineiros, observa-se que o cotovelo está no ponto 3, pois, a partir dele, os *eigenvalues* se apresentam linearmente. Isso significa dizer que as 12 escalas apresentadas inicialmente no teste de percepção (Gentil, Educada, Ríspida, Amigável, Inteligente, Mandona, Séria, Escolarizada, Antipática, Formal, Grosseira e Preguiçosa) podem ser reduzidas a três componentes em ambas as cidades.

Após determinar a quantidade de Componentes Principais, aplicou-se a rotação *promax* como argumento na função *principal* com o intuito de verificar o grau de correlação entre as escalas que constituem os CPs, como também definir qual componente melhor explica a variância nas respostas dos feirenses e campineiros. Vale ressaltar que a função *principal* por si já indica a variância das respostas, mas, conforme Levshina (2015), a rotação *promax* o faz com mais acurácia como se observa na Tabela 3.2. Assim como Barcellos (2020), para entender a tabela, adota-se como índice limite o valor absoluto de |0,60| para que uma escala componha

um CP.

**Tabela 3.2** Componentes Principais gerados pelas correlações entre as respostas nas 12 escalas para ouvintes feirenses e campineiros com rotação Promax

	Feira de Santana			Campinas		
	Agradabilidade	Formação	Compostura	Falta de polidez	Educabilidade	Compostura
	CP1	CP3	CP2	CP1	CP3	CP2
Gentil	-0,72	0,12	0,18	-0,25	0,67	-0,11
Educada	-0,63	0,33	0,06	-0,30	0,68	-0,06
Ríspida	0,76	0,13	0,10	0,67	-0,12	0,09
Amigável	-0,66	0,19	0,07	-0,24	0,67	-0,07
Inteligente	-0,07	0,82	0,01	0,02	0,82	0,04
Mandona	0,85	0,25	-0,03	0,80	-0,02	-0,10
Séria	0,07	-0,15	0,85	-0,18	-0,20	0,91
Escolarizada	0,14	0,93	-0,10	0,22	0,85	0,07
Antipática	0,83	0,02	0,16	0,82	0,07	-0,04
Formal	-0,01	0,08	0,76	0,14	0,30	0,72
Grosseira	0,84	0,02	0,01	0,82	-0,05	-0,02
Preguiçosa	0,72	0,02	0,06	0,72	0,01	-0,07
Eigenvalue	4,61	1,79	1,37	3,39	3,07	1,37
% Variância	0,38	0,15	0,11	0,28	0,26	0,11
% Acumulativa	0,38	0,53	0,65	0,28	0,54	0,65

Ao observar a Tabela 3.2<sup>5</sup>, nota-se que todas as escalas, em alguma medida, foram selecionadas para formação dos três CPs que compõem os subconjuntos de dados de Feira de Santana e Campinas<sup>6</sup>. Observa-se, entretanto, que as correlações entre as respostas nas escalas são dessemelhantes para os dois conjuntos de dados. Enquanto em Feira de Santana, no primeiro CP (o que mais explica a variância), escalas como Gentil e Educada foram selecionadas, em

<sup>5</sup> Os índices que integram as escalas dos Componentes Principais estão destacados em cinza na Tabela 3.2.

<sup>6</sup> Os resultados apresentados na tabela tanto para Feira de Santana quanto para Campinas mostram que os fatores 2 e 3 trocaram de ordem. Esse resultado causa certo estranhamento, uma vez que se esperava que os CPs fossem ordenados, entretanto não se encontrou na literatura uma explicação para essa inversão. Imagina-se que talvez alguma interação entre as variáveis seja responsável por essa alteração, mas a troca dos fatores não invalida a análise.

Campinas, tais escalas não o compõem. Essas diferenças nos CPs dos dois conjuntos de dados revelam o quanto a Análise de Componentes Principais é interessante para entender melhor as percepções em diferentes comunidades, uma vez que, apenas pela seleção das escalas para formação dos componentes já se percebem comportamentos diferentes para os ouvintes das comunidades analisadas.

Em Feira de Santana, o primeiro CP, nomeado como *Agradabilidade*, é composto pelas escalas Gentil (-0,72), Educada (-0,63), Ríspida (0,76), Amigável (-0,66), Mandona (0,85), Antipática (0,83), Grosseira (0,84) e Preguiçosa (0,72); ele explica 38% da variância nas respostas. Observa-se que as escalas Gentil, Educada e Amigável apresentam índices negativos, enquanto as escalas Antipática, Grosseira e Preguiçosa apresentam índices positivos, indicando que quanto menos gentil, educado e amigável o falante for percebido, mais será considerado mandão, grosseiro e preguiçoso pelos ouvintes feirenses. Para Campinas, o primeiro CP, nomeado como *Falta de polidez*, explica 28% da variância das respostas, e as escalas que o compõem são Ríspida (0,67), Mandona (0,80), Antipática (0,82) e Grosseira (0,82). Observa-se que, diferentemente de Feira de Santana, todas as escalas se correlacionam positivamente, ou seja, os falantes que são percebidos como ríspidos também são considerados mandões, antipáticos e grosseiros pelos ouvintes campineiros.

O segundo CP, em Feira de Santana, é composto pelas escalas Inteligente (0,82) e Escolarizada (0,93) e por isso foi nomeado de *Formação*. Esse CP explica 15% da variância das respostas, e suas escalas, Inteligente e Escolarizada, se correlacionam positivamente, uma vez que quanto mais inteligente o falante for percebido pelos ouvintes feirenses, também será percebido como mais escolarizado. Em Campinas, o segundo CP, composto pelas escalas Gentil (0,67), Educada (0,68), Amigável (0,67), Inteligente (0,82) e Escolarizada (0,85) explica 26% da variância das respostas dadas pelos ouvintes campineiros. A correlação positiva entre tais escalas exprime a ideia de *Educabilidade*, já que os falantes que são considerados escolarizados e inteligentes também são vistos como mais educados, gentis e amigáveis.

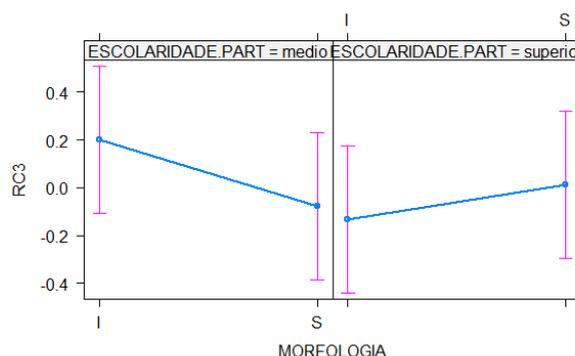
As escalas Séria e Formal compõem o terceiro CP tanto em Feira de Santana quanto em Campinas. Em Feira de Santana, as escalas se correlacionam positivamente, uma vez que os índices apresentados são positivos (0,85 e 0,76), explicando 11% da variância das respostas dadas pelos ouvintes feirenses. Em Campinas, as escalas também apresentam índices positivos (0,91 e 0,72), explicando também 11% da variância das respostas dadas pelos ouvintes campineiros. Essas escalas, em ambas as cidades, foram nomeadas de *Compostura*. Ao observá-las, nota-se que para os ouvintes feirenses e campineiros, o falante, ao ser percebido como sério, também será percebido como formal.

Dessa forma, enquanto para o conjunto de dados de Feira de Santana as escalas formam os CPs *Agradabilidade*, *Formação* e *Compostura*, para o conjunto de dados de Campinas são os CPs *Falta de polidez*, *Educabilidade* e *Compostura* que foram formados a partir da

correlação entre as escalas. Essa formação de distintos CPs, doravante variáveis que serão analisadas, revela o quanto é interessante analisar os conjuntos de dados de comunidades distintas separadamente em Análise de Componentes Principais, uma vez que a forma como as escalas se correlacionam em cada conjunto de dados pode revelar muito sobre as percepções que se têm dos falantes quando relacionadas a outras variáveis, como Sexo/Gênero, Escolaridade e Faixa Etária dos ouvintes.

Para os CPs do conjunto de dados de Feira de Santana – *Agradabilidade, Formação, Compostura* – foram feitas análises de regressão linear de efeitos mistos para as formas imperativas, testaram-se a distribuição por falantes, por idade dos ouvintes e possíveis interações entre as variáveis dependentes (cada um dos CPs) e as variáveis sociais Falante, Faixa Etária, Escolaridade e Sexo/Gênero do Ouvinte<sup>7</sup> com a Morfologia do imperativo. Dessas análises, apenas a correlação entre a variável Escolaridade e *Formação* foi significativa, como se pode observar na Figura 3.17.

**Figura 3.17** Efeito da interação entre a variável Escolaridade com Morfologia do Imperativo a respeito da variável Formação nos dados de Feira de Santana-BA



Os resultados da Tabela 3.3 de regressão linear revelam mais claramente que há interação entre Morfologia do imperativo e Escolaridade do ouvinte. Esse resultado revela um comportamento distinto entre falantes com escolaridades diferentes em Feira de Santana.

<sup>7</sup> Para todos os CPs foi testada interação tripla entre a Morfologia do imperativo \* Sexo/Gênero do Ouvinte \* Sexo/Gênero do Falante, mas não houve interação.

**Tabela 3.3** Resultado do modelo com interação entre a variável Escolaridade com Morfologia de Imperativo a respeito da variável Formação

	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	<i>p</i>	
<i>(Intercept)</i>	0,19	0,15	1,27	0,20	+
MorfologiaS	-0,27	0,14	-1,93	0,05	.
Escolaridade do ouvinteSuperior	-0,33	0,22	-1,50	0,13	+
MorfologiaS: Escolaridade do ouvinte	0,42	0,20	2,08	0,03	*

A Figura 3.17 mostra que os ouvintes menos escolarizados (à esquerda) atribuem um maior grau de formação para os falantes quando utilizam formas imperativas associadas ao indicativo, enquanto os ouvintes mais escolarizados (à direita) apresentam percepções contrárias, ao considerar os falantes que utilizam formas imperativas associadas ao indicativo com menor grau de formação.

O resultado dessa interação se alinha aos apresentados na Análise de Produção para variável Escolaridade para o conjunto de dados de Feira de Santana, uma vez que os feirenses menos escolarizados são os que mais utilizam formas imperativas associadas ao indicativo. Esses resultados, analisados em conjunto, dão indícios de que os falantes menos escolarizados, além de serem os iniciadores da mudança em Feira de Santana, enquanto ouvintes, consideram as vozes que pronunciam os disfarces nas formas indicativas mais inteligentes e escolarizadas, o que pode ser um impulsionador para sua utilização.

Esses resultados corroboram a discussão apresentada na seção 1.2, uma vez que a norma linguística utilizada pelos falantes sudestinos, pertencentes à região de grande prestígio social, está sendo empregada pelos feirenses menos escolarizados, assim como é considerada com maior prestígio social, já que os ouvintes feirenses, ao ouvirem os falantes produzirem as formas indicativas, os consideram mais inteligentes e escolarizados, fornecendo-nos indícios de que as formas indicativas são percebidas com mais prestígio, ainda que essa não seja a forma prescrita pelas gramáticas.

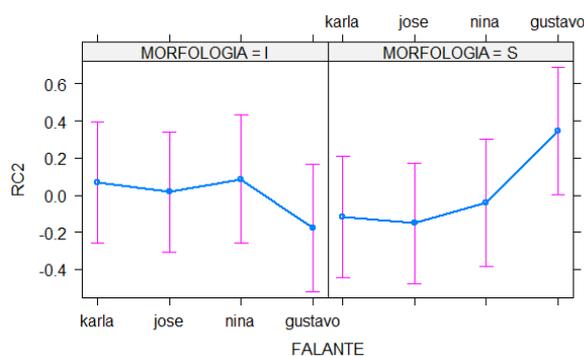
O prestígio de uma variável, entretanto, não está apenas atrelado a questões gramaticais. Como Scherre (2007) e Evangelista (2010) já pontuaram em trabalhos anteriores, as formas imperativas são pouco salientes e não sofrem influência normativa. Infere-se, assim, que as percepções aqui apresentadas não necessariamente são influenciadas por pressões normatizadoras disseminadas nas escolas, e sim que outras normas comunicativas influenciam essas percepções em relação à variável *Formação*. Ainda que as variantes do imperativo não sofram estigma, os falantes feirenses expressam em seus comentários metalinguísticos que tais formas associadas ao subjuntivo são mais rudes e impositivas, enquanto as formas associadas ao indicativo foram avaliadas como menos impositivas, mais polidas (ver Seção 3.2). Essa noção de

polidez se aproxima da noção de educação, o que talvez leve o ouvinte a associar as formas indicativas a falantes com maior grau de formação.

Para os CPs do conjunto de dados de Campinas – *Falta de polidez, Educabilidade e Compostura* –, também foram feitas análises de regressão linear de efeitos mistos para as formas imperativas, testaram-se a distribuição por falantes, por idade dos ouvintes e possíveis interações entre as variáveis dependentes e as variáveis sociais Falante, Faixa Etária, Escolaridade e Sexo/Gênero do Ouvinte com a Morfologia do imperativo, mas os resultados, de forma geral, demonstraram correlações significativas. A única exceção foi a distribuição por falantes para o CP *Compostura*, que revelou padrões um pouco diferentes para os falantes campineiros.

Enquanto para os falantes feirenses são atribuídas avaliações de *Compostura* muito próximas, nota-se que para os falantes campineiros Nina e Gustavo as médias de avaliações não se equiparam; Nina é percebida com mais compostura ao falar formas indicativas, já Gustavo ao falar formas subjuntivas. Essas diferenças entre os falantes para o conjunto de dados de Campinas indicam interação entre os falantes e as formas imperativas, como se pode observar na Figura 3.18, assim como na Tabela 3.4.

**Figura 3.18** Efeito da interação entre as variável Falante com Morfologia do Imperativo a respeito da variável *Compostura* em Campinas



**Tabela 3.4** Resultado do modelo de interação entre a variável Falante com Morfologia de Imperativo a respeito da variável Compostura

	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	<i>p</i>	
<i>(Intercept)</i>	-0,17	0,17	2,27	0,30	+
MorfologiaS	0,52	0,23	2,27	0,02	*
Falante José	0,19	0,21	0,92	0,35	+
Falante Karla	0,24	0,21	1,17	0,24	+
Falante Nina	0,26	0,23	1,13	0,25	+
MorfologiaS: Falante José	-0,69	0,30	-2,25	0,02	*
MorfologiaS: Falante Karla	-0,71	0,30	-2,30	0,02	*
MorfologiaS: Falante Nina	-0,65	0,36	-1,80	0,07	+

Ao observar o Gráfico e a Tabela da variável Falante, nota-se que Gustavo destoa de todos os outros falantes. Para os ouvintes campineiros, o falante Gustavo, diferentemente de Nina, Karla e José, ao falar formas imperativas associadas ao subjuntivo, é percebido com mais compostura do que os outros falantes. Como a associação foi feita apenas em relação a um falante, provavelmente não é a forma imperativa associada ao subjuntivo que provoca essa percepção, e sim outras questões, como, por exemplo, o conteúdo da sentença pronunciada.

De forma geral, as análises realizadas aqui dão indícios de que os ouvintes feirenses e campineiros não fazem distinção entre os julgamentos inconscientes para as diferentes formas imperativas. Esses resultados causam certo estranhamento. Ainda que a variável não sofra estigma (SCHERRE, 2007), esperavam-se significados distintos para formas imperativas, uma vez que as análises foram realizadas em cidades com normas linguísticas diferentes, e aspectos sociais, de forma geral, antagônicos: de um lado uma cidade pertencente a uma região considerada pouco desenvolvida, associada a baixos índices de instrução, noutra uma cidade pertencente à região de maior *status* econômico do país. Além disso, as falas registradas na análise de avaliação (Seção 3.2) deram indícios de que as formas imperativas associadas ao indicativo eram vistas como mais suaves e polidas, enquanto as formas associadas ao subjuntivo mais mandonas, impositivas, para os ouvintes feirenses.

Os resultados expostos na Análise de Componentes Principais também apontam para uma mesma percepção dos falantes para as formas indicativas e subjuntivas. Essa falta de correlação, entretanto, também é um ponto a ser discutido, uma vez que as congruências e incongruências entre produção, avaliação e percepção podem revelar que uma mesma variável não necessariamente caminha no mesmo ritmo em relação aos usos, avaliações e percepções dos ouvintes/falantes. Os resultados aqui expostos apontam para a necessidade de discutir que

não há uma relação inequívoca entre produção, avaliação e percepção, ainda que em muitos estudos tais concepções se alinhem.

### 3.5 Síntese dos resultados de percepção

Os resultados da análise de percepção apontam, de forma geral, que os ouvintes feirenses e campineiros não percebem diferenças nos usos das variantes do imperativo. Através dos *boxplots* e do teste de Wilcoxon, confirmou-se que não há correlação entre as percepções dos ouvintes e as formas imperativas para o bloco das características Gentil, Educada, Amigável, Inteligente e Escolarizada, e o das características Ríspida, Mandona, Antipática, Grosseira, Preguiçosa, Séria e Formal.

Não houve também diferenças significativas para a atribuição de características sociais (variáveis qualitativas) dos falantes quanto ao Nível de Escolaridade, Classe Social ou Faixa Etária em Feira de Santana e Campinas. Isso significa dizer que, para os ouvintes, as atribuições das características “ensino fundamental”, “ensino médio”, “ensino superior”, “classe baixa”, “classe média”, “classe alta”, faixa etária de 15-30, faixa etária de 31-50 e faixa etária de acima de 50 anos foram semelhantes, tanto ao ouvirem formas indicativas como subjuntivas.

Para a variável região, diferentemente do que se esperava, não houve maior atribuição da região Nordeste quando se ouviu a forma subjuntiva, e da região Sudeste quando se ouviu a forma indicativa. Para essa variável, provavelmente o que os ouvintes observaram foi a prosódia, uma vez que os feirenses, assim como campineiros, atribuíram as vozes feirenses à região Nordeste e as vozes campineiras à região Sudeste, independentemente da forma imperativa utilizada, indicando que essa variável não se correlaciona com as distintas formas do imperativo.

Em busca de resultados mais refinados, realizaram-se testes de regressão linear em modelos de efeitos mistos das variáveis quantitativas (Gentil, Educada, Ríspida, Amigável, Inteligente, Mandona, Séria, escolarizada, Antipática, Formal, Grosseira e Preguiçosa) em relação às formas imperativas, acrescentando Ouvinte como variável aleatória. Os resultados para essas análises foram semelhantes aos apresentados no teste de Wilcoxon para ambas as cidades, tendo apenas como exceção o resultado para a característica Ríspida, em Campinas, que mostrou correlação com as formas imperativas, indicando que os ouvintes campineiros julgaram os falantes como menos ríspidos quando utilizaram as formas imperativas associadas ao subjuntivo.

Realizou-se ainda a Análise de Componentes Principais, cujo intuito é reunir, em um único componente, elementos que se relacionam, diminuindo, assim, o número de variáveis analisadas. Para os dados de Feira de Santana e Campinas, de forma geral, os testes de ACP apresentaram os mesmos resultados observados nos modelos de efeitos mistos de regressão logística e linear apresentados anteriormente.

Mais especificamente, destaca-se nessa análise o resultado do modelo de interação

---

entre o CP *Formação* e a variável social Escolaridade com a Morfologia de imperativo, que indicou que ouvintes feirenses menos escolarizados consideram as vozes nos disfarces nas formas indicativas mais inteligentes e escolarizadas, o que pode explicar o aumento, em tempo aparente, do uso das formas indicativas na cidade de Feira de Santana.

Aponta-se ainda na ACP a interação entre a variável Falantes e Morfologia do Verbo para o CP *Compostura* em Campinas. Nele, o falante Gustavo é percebido, ao falar formas imperativas associadas ao subjuntivo, com mais compostura do que os outros falantes. Contudo deve-se levar em conta que a diferença significativa se restringe apenas a um dos falantes, indicando que a correlação pode ter ocorrido devido ao conteúdo da sentença pronunciada.

Dessa forma, o contraste entre os três tipos de análises aqui desenvolvidas permite inferir que não há uma relação direta entre resultados de produção, percepção e avaliação, uma vez que os resultados aqui apresentados diferem daqueles das análises de produção e avaliação. Por outro lado, interações como a do CP *Formação* e Escolaridade em relação à Morfologia do Verbo sugerem também que um *corpus* mais robusto poderia apresentar um maior número de correlações significativas e alinhadas aos resultados discutidos nos Capítulos 1 e 2.

## Discussão e Considerações Finais

Esta tese de Doutorado se propôs a analisar a produção e a percepção sociolinguísticas das diferentes formas de imperativo (indicativo ~ subjuntivo) nas comunidades de Feira de Santana-BA e Campinas-SP com o intuito de compreender como se configura a variação entre essas formas nessas comunidades. Mais especificamente, dedicou-se na pesquisa aos seguintes objetivos: (i) comparar os resultados de produção linguística por parte de falantes de Feira de Santana-BA e de Campinas-SP, por meio da identificação dos contextos linguísticos e sociais que condicionam os usos das variantes; e (ii) depreender quais são as percepções, na forma de significados sociais, das variantes associadas ao indicativo e ao subjuntivo na expressão do modo imperativo por parte de diferentes grupos de ouvintes (feirenses e campineiros, de diferentes perfis sociais).

Metodologicamente, para sua realização, produziram-se dois experimentos. No de produção, baseado no método proposto por [Cardoso \(2009\)](#) em sua tese de doutorado, foram construídas cenas, as quais ilustram um diálogo entre dois interlocutores com balões vazios que foram preenchidos com formas variantes do imperativo pelos participantes do estudo; no de percepção, utilizou-se a técnica *matched-guise* ([LAMBERT et al., 1960](#)) em que os participantes, após ouvirem um mesmo estímulo com distintas formas do imperativo, preencheram um questionário com diversas características, as quais indicam suas percepções sobre os falantes que produziram as sentenças. Através das aplicações dos experimentos de produção e percepção aos 72 participantes da pesquisa (36 por localidade), foi possível discutir os usos, avaliações e significados sociais das formas imperativas.

Nesse contexto, os resultados apresentados no [Capítulo 2](#) mostram, de forma geral, que a norma linguística para o uso das formas imperativas em Feira de Santana e Campinas é diferente. Mais detalhadamente, as análises para Feira de Santana mostram que os falantes utilizam predominantemente as formas imperativas associadas ao subjuntivo (53%), mas se observa mudança em progresso, uma vez que falantes de primeira faixa etária (18-34) favorecem o uso das formas imperativas associadas ao indicativo (63%). Apesar de a mudança ser liderada por falantes menos escolarizados (53%), os padrões normativos da tradição gramatical pouco influenciam as escolhas de uma ou outra variante, uma vez que o imperativo não sofre pressão social. As análises das variáveis linguísticas Situação Comunicativa e Saliência do Verbo apresentaram correlação para o uso do imperativo, revelando que as formas associadas ao indicativo

são mais utilizadas em contextos de pedido (58%) e com verbos menos salientes (52%). Os modelos apresentaram ainda interação entre as variáveis Situação Comunicativa e Faixa Etária, mostrando que os mais jovens são os que mais utilizam as formas associadas ao indicativo em contexto de pedido, enquanto os mais velhos preferem as formas associadas ao subjuntivo em todos os contextos comunicativos – pedido, ordem e instrução; entre Situação Comunicativa e Sexo/Gênero, revelando que são os homens que mais utilizam as formas imperativas associadas ao indicativo em contextos comunicativos de pedido; e entre Escolaridade e Faixa Etária, apontando que enquanto os falantes de primeira faixa etária que estudaram até o nível médio são os que mais utilizam as formas imperativas com morfologia de indicativo, não há diferenças significativas para o uso do imperativo para os falantes de nível superior nas três faixas etárias, revelando padrões de encaixamento diferentes em relação à escolaridade em Feira de Santana. Nota-se que os falantes feirenses caminham, então, na direção de uso da norma imperativa utilizada nas capitais das regiões de maior prestígio do país: Sul, Sudeste.

Para Campinas, a mudança em progresso para o uso das formas imperativas associadas ao indicativo está mais avançada (81%). Diferentemente de Feira de Santana, ainda que Escolaridade não seja significativa, é importante pontuar que são os mais escolarizados (85%) que lideram a mudança, reforçando a ideia de que nem sempre as variantes prescritas gramaticalmente são aquelas usadas pelos falantes cultos. Assim como Feira de Santana, são os contextos de pedido que favorecem o uso das formas indicativas (87%); por outro lado, a variável Saliência do Verbo não apresentou correlação com o uso do imperativo, provavelmente devido ao estágio mais avançado da mudança. Os modelos de regressão apresentaram interações entre as variáveis Faixa Etária e Escolaridade, indicando que os falantes de primeira e segunda faixas etárias que estudaram até o nível médio favorecem o uso das formas indicativas, enquanto para os falantes de nível superior a variação já se encontra estável, uma vez que não há diferença significativa entre as três faixas etárias; e Situação Comunicativa e Escolaridade, mostrando que para os falantes de até nível médio não se observa diferenças significativas nos diferentes contextos comunicativos, mas os falantes de nível superior favorecem as formas associadas ao indicativo em situações comunicativas de pedido.

Analisou-se também o subconjunto de dados de pedido para que os experimentos pudessem ser relacionados, uma vez que todos os dados do teste de percepção são em contextos de pedido. As análises apresentaram resultados semelhantes aos dos dados gerais para Feira de Santana e Campinas. Para ambas as cidades observam-se mudanças em progresso para o uso das formas indicativas; em Feira de Santana, os falantes de primeira faixa etária (18-34) iniciam a mudança, e em Campinas, os falantes de primeira (18-34) e segunda faixas etárias (35-59) impulsionam a mudança.

Diferentemente dos resultados de produção, as análises de percepção expressas no Capítulo 3 não apresentam as correlações esperadas. Esperava-se que os ouvintes julgassem

as variantes do imperativo distintamente, pois quando se chama a atenção para as formas imperativas, em seu discurso metalinguístico consciente, os ouvintes feirenses avaliam as formas subjuntivas como sendo mais impositivas, com sentido de ordem, enquanto os ouvintes campineiros reconhecem as formas subjuntivas como marca linguística do Nordeste. Entretanto, de forma geral, os resultados de percepção realizados através dos testes Wilcoxon e de análise de regressão linear em modelos de efeitos mistos para as variáveis quantitativas (Gentil, Educada, Ríspida, Amigável, Inteligente, Mandona, Séria, escolarizada, Antipática, Formal, Grosseira e Preguiçosa) e qualitativas (Nível de Escolaridade, Classe Social, Faixa Etária e Região) parecem indicar que ouvintes de Feira de Santana e Campinas não percebem as formas imperativas diferentemente quanto a essas características. A exceção foi o resultado para a característica Ríspida, em Campinas, que se mostrou significativamente correlacionada com as formas imperativas, indicando que os ouvintes campineiros julgaram os falantes como menos ríspidos ao utilizarem as formas imperativas associadas ao subjuntivo. O resultado foi surpreendente, uma vez que no Capítulo 2 se demonstra que os campineiros usam majoritariamente as formas imperativas associadas ao indicativo, sobretudo em contexto de pedido, por isso se esperava que formas imperativas com morfologia de subjuntivo fossem as consideradas ríspidas, e não as formas indicativas.

No Capítulo 3, realizaram-se também Análises de Componentes Principais para os dados de Feira de Santana e Campinas. Os testes mostraram, de forma geral, resultados semelhantes aos apresentados nos modelos de efeitos mistos de regressão logística e linear discutidos anteriormente. Vale destacar como exceção o resultado do modelo de interação entre o CP *Formação* e a variável social *Escolaridade* com a *Morfologia de Imperativo*, o qual mostra que os ouvintes de Feira de Santana que estudaram até o nível médio julgam as vozes que proferiram as sentenças com formas associadas ao indicativo mais inteligentes e escolarizadas, um resultado que tem paralelo nos dados de produção, já que, nessa comunidade, são os falantes menos escolarizados que favorecem a forma indicativa.

De forma geral, o número de estudos de produção é expressivo, não só em relação ao imperativo, mas também sobre outras variáveis linguísticas. Em muitos deles, nota-se que pesquisadores inferem percepções dos falantes/ouvintes sobre os usos, apenas com base nas análises de produção. Essa dedução, entretanto, não pode ser feita de forma inequívoca. É justamente isso que os testes de percepção feitos aqui apontam, uma vez que a hipótese de que as formas indicativas seriam percebidas de formas diferentes das formas subjuntivas não se concretizou nas análises de percepção.

Como se observou nas análises geral e do subconjunto de dados de pedido (Seção 2), as normas linguísticas em Campinas são diferentes das de Feira de Santana. As comunidades estão, em relação às formas imperativas, em momentos diferentes. Enquanto em Feira de Santana há indício de uma mudança em progresso na direção das formas indicativas pela

gradação sistemática nas taxas de uso por parte de diferentes faixas etárias, em Campinas, os falantes tanto da primeira quanto da segunda faixas etárias utilizam as formas indicativas em proporções altas e semelhantes.

Alguns resultados da análise de produção fortaleceram as hipóteses de que os ouvintes das comunidades estudadas perceberiam as variantes do imperativo de forma diferente. Os resultados da variável Situação Comunicativa é um dos indícios de que os falantes/ouvintes diferenciam as variantes, uma vez que em contextos de pedido preferiram utilizar a forma indicativa, que pode ser considerada uma forma mais branda, enquanto em contexto de ordem tenderam ao uso da forma subjuntiva. Essas diferenças poderiam levar pesquisadores ao equívoco de afirmar que as percepções dos ouvintes sobre as formas variantes também seriam diversas.

Conforme [Mendes \(2019\)](#), alguns significados associados às variantes de variáveis podem ser operacionalizados em um nível inconsciente. Os falantes/ouvintes de uma língua não necessariamente perceberão o motivo de certas escolhas de uso. Para os falantes de Feira de Santana e Campinas, por exemplo, a escolha por expressões imperativas associadas ao indicativo em contexto de pedido ou associadas ao subjuntivo em contexto de ordem inconscientemente está associada à indicialidade dos elementos linguísticos, a qual pode se manifestar pelas relações entre variantes e significados sociais. Isso significa dizer que diferentes significados são indiciados por diferentes formas, por isso, então, pode-se afirmar que o uso de uma ou outra variante não é aleatório.

Além disso, os comentários metalinguísticos dos ouvintes apresentados na discussão sobre avaliação (Seção 3.2) aumentaram a expectativa de que os ouvintes perceberiam as formas imperativas diferentemente, já que tais comentários mostraram que tanto os campineiros como os feirenses julgavam as variantes do imperativo de forma diversa. Os julgamentos, porém, não ficam evidentes quando esses mesmos ouvintes escutam sentenças imperativas preferidas com a variante subjuntiva no teste de percepção.

A falta de correlações robustas no experimento de percepções aqui desenvolvido requer uma interpretação. Uma possível causa da falta de correlações é o número de participantes do presente estudo: 72 participantes. Contudo, em trabalhos prévios de percepção, como o de ([Hay; Drager, 2010](#); [Mendes, 2019](#)), se observa que, mesmo com um número modesto de participantes, é possível obter resultados com correlações significativas com as variáveis analisadas. [Hay e Drager \(2010\)](#), com apenas 24 participantes neozelandeses, obtiveram resultados significativos em sua análise da vogal /ɪ/ sobre as percepções de quão australianos ou neozelandeses soavam os falantes. [Mendes \(2018\)](#), ao analisar as percepções sobre o uso das variantes de concordância nominal padrão e não padrão (CNp e CNØ), solicitou que 100 ouvintes, organizados em quatro grupos compostos por 25 pessoas, abordados no aeroporto de Guarulhos, escutassem as sentenças e preenchessem um questionário com suas percepções. Os resultados mostraram que as quatro vozes foram percebidas como menos efeminadas quando não realizam

a concordância nominal padrão e mais efeminadas quando realizam a concordância nominal padrão. Nota-se, assim, que o número de participantes não limitou a correlação entre as variáveis analisadas e os julgamentos atribuídos às vozes.

Por outro lado, é importante observar que pesquisas que analisaram variáveis que não são necessariamente estigmatizadas, quando analisadas em um conjunto de dados mais robusto, apresentaram correlações significativas. Isso fica evidente ao observarmos os resultados apresentados por [Canever \(2017\)](#) ao analisar as percepções sobre a flexão do infinitivo no português brasileiro em amostra de 411 participantes. Em seus resultados, não houve diferenças significativas em relação ao julgamento dos ouvintes quando a flexão é considerada opcional. Por outro lado, em contextos sintáticos em que a flexão é considerada erro gramatical, os ouvintes perceberam os falantes como menos escolarizados, inteligentes e formais. O mesmo se observa na pesquisa realizada por [Santos \(2020\)](#) para as percepções sobre o uso da morfologia de indicativo e subjuntivo na expressão do modo subjuntivo (*Quer que eu embrulho/embrulhe?*) por ludovicenses e paulistanos, num total de 501 participantes. Nem todas as variáveis analisadas por [Santos \(2020\)](#) exibiram correlações significativas, mas algumas associações emergiram, como entre a forma subjuntiva e a percepção de que os falantes eram mais competentes e antipáticos por ouvintes paulistanos e ludovicenses. Esses trabalhos indicam que variáveis gramaticais possivelmente requerem um número expressivo de dados para que revelem, de fato, associações subjetivas entre formas linguísticas e significados sociais.

A saliência das variáveis é, também, um ponto de análise. Algumas delas são mais salientes do que outras. A concordância nominal, analisada por [Mendes \(2018\)](#), é um bom exemplo de variável morfossintática saliente, uma vez que as prescrições normatizadoras fazem com que suas variantes constantemente sejam objeto de metacomentários por falantes de diversas comunidades linguísticas. O *status* de uma variável como indicador, marcador ou estereótipo ([LABOV, 1972](#)), assim como o número de participantes, portanto, parecem ser fundamentais para as percepções captadas em experimentos do tipo *matched-guise*.

Por um lado, seria possível aventar que os resultados de percepção tendem a refletir os de produção e avaliação de acordo com o modo como uma variável é utilizada em comunidades diferentes. Conforme [Eckert \(2008\)](#), há um campo vasto de associações ideológicas e significados que podem ser relacionados às variantes de uma língua uma vez que o campo indexical de uma variável é fluido e mutável e suas conexões estão diretamente atreladas a diferentes ideologias das comunidades. No caso do imperativo, esperava-se que as cidades de Feira de Santana e Campinas, já que possuem normas distintas para o uso dessa variável, atribuíssem significados distintos para suas formas; mas os resultados aqui apresentados revelam que falantes de comunidades com normas linguísticas dessemelhantes não necessariamente percebem as diferenças entre as variantes que utilizam. Ainda que, de forma geral, muitas percepções e avaliações dos falantes possam influenciar as escolhas de variantes, há casos em que elas não

são salientes e suas diferenças, quando não confrontadas diretamente, permanecem abaixo da consciência dos falantes/ouvintes.

Para [Weinreich, Labov e Herzog \(1968, p. 33\)](#), o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística e que tem de ser analisada. Como “os correlatos subjetivos da mudança são normalmente mais categóricos do que os padrões cambiantes do comportamento”, é importante investigar esses correlatos com o intuito de entender os modos como a “categorização discreta é imposta ao processo contínuo da mudança”. Essa categorização, porém, não é expressa apenas através do antagonismo positivo/negativo. Há diversos aspectos que influenciam as mudanças linguísticas e que podem ser observados ao analisar as percepções dos ouvintes de uma língua.

Embora se esperasse uma complementação entre produção e percepção, principalmente após os indícios supracitados nas análises de produção e avaliação, alguns fatores podem ser considerados para essa não complementação, como a falta de coerção social já apontada em trabalhos supracitados ([EVANGELISTA, 2010](#); [SCHERRE, 2007](#)). As pressões sociais, principalmente associadas à escolaridade, podem levar uma variável à condição de estereótipo, o que a torna mais saliente para os ouvintes/falantes. Isso, entretanto, não acontece com as formas do imperativo; ainda que na análise de subconjunto de dados de pedido de Feira de Santana a variável Escolaridade tenha sido significativa, assim como foi nos dados gerais de produção, não há indícios de que o imperativo é uma variável estereotipada, uma vez que as formas não são identificadas como erradas; os seus usos mais parecem uma associação ao que seria adequado ou inadequado em determinados contextos comunicativos, ou seja, estão associados a normas comunitárias.

Conforme [Labov \(2008 \[1972\], p. 21\)](#), embora as variantes linguísticas apresentem o mesmo valor de verdade ou representacional, elas são avaliadas distintamente pelos falantes, devido às pressões sociais que operam constantemente sobre a língua, “não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo”. Os estudos de percepção, ao tentarem verificar como a vinculação entre formas linguísticas e significados sociais afetam a percepção do falante, precisam identificar se as formas linguísticas analisadas são indicadores, marcadores ou estereótipos. O imperativo pode ser considerado um marcador linguístico, assim como as variáveis analisadas por [Canever \(2017\)](#) e [Santos \(2020\)](#), pois, mesmo não sofrendo pressões sociais, há comentários que indicam a diferenciação de suas formas. Enquanto marcador, talvez seus efeitos ainda não sejam fortes quando as variantes são apresentadas juntamente com outras sentenças distratoras, o que é um indicativo de baixa saliência social para essa variável.

Outro ponto a se considerar é que os metacomentários das avaliações foram feitos principalmente por ouvintes de primeira faixa etária; já os mais velhos foram os que menos perceberam a diferença entre as formas indicativas e subjuntivas apresentadas nas sentenças e

não fizeram qualquer metacomentário quando percebiam. Parece que a distinção entre as formas está, então, começando nas novas gerações; para os mais velhos, usar uma ou outra forma parece não ser passível de qualquer julgamento. Talvez por isso as diferentes formas imperativas, ainda sutis, não se destaquem no teste de percepção. Um número maior de ouvintes de primeira faixa etária talvez revelasse resultados mais distintos no experimento.

O resultado da interação entre Morfologia do Imperativo e Escolaridade do ouvinte no CP *Formação* também traz subsídios importantes para a análise de percepção. Nessa interação, nota-se que os ouvintes feirenses menos escolarizados associam o uso das formas imperativas com morfologia de indicativo a falantes com maior grau de formação. São esses mesmos ouvintes que impulsionam a mudança em Feira de Santana e, provavelmente, a relação entre usos das formas indicativas e Formação não está atrelada à escolaridade e sim aos metacomentários da análise de avaliação, uma vez que, de forma geral, falantes mais polidos, consequentemente, são vistos como mais educados e com maior grau de Formação.

Os metacomentários feitos por participantes de primeira faixa etária somados ao resultado para a variável *Formação* são indícios de que as percepções do modo imperativo também estão em processo de mudança. Isso nos leva a duas considerações: primeiro, os novos significados sociais do imperativo provavelmente estão sendo acessados por falantes mais novos e esses significados pouco têm a ver com prescrições das gramáticas mas sim com a ideia de polidez e rispidez, fazendo com que os falantes prefiram as formas indicativas as subjuntivas; segundo, os processos de produção, avaliação e percepção não são reflexos diretos um do outro; por isso pesquisas como esta, em que há análises conjuntas de percepção e produção, são importantes para que se tenha uma visão global sobre o comportamento de uma variável.

Ao mesmo tempo, as contribuições apresentadas nesta Tese suscitam novos questionamentos, os quais devem ser respondidos em trabalhos futuros. Nesse sentido, é necessária a ampliação dos *corpora* para novas análises de produção e percepção em busca de correlações mais robustas nos experimentos, uma vez que valores de significância são sensíveis ao número de dados. De todo modo, a falta de correlações com a variável morfossintática aqui analisada é indício de sua baixa saliência para os ouvintes.

Especificamente para as análise de produção, através da ampliação da pesquisa, será possível analisar outras variáveis linguísticas que podem condicionar o uso das formas imperativas, como Polaridade da sentença, Tipo de verbo, Extensão fonológica do verbo e Presença/ausência de clíticos, as quais, devido as limitações metodológicas propostas neste trabalho, não foram analisadas.

Para a análise de percepção, através da ampliação dos dados, será possível adaptar o experimento aplicado, como o intuito de controlar estímulos produzidos como verbos mais salientes em situações comunicativas de ordem e instrução. Além disso, as avaliações apresentadas pelos ouvintes de primeira faixa etária, evidenciam a necessidade de se analisar um número

maior de dados de percepção destes ouvintes, uma vez que os resultados apresentados aqui aventam a possibilidade deste grupo estar passando por um processo de mudança em relação aos significados sociais atribuídos as formas variantes do imperativo.

Não menos importante, é necessário que análise sobre avaliação linguística seja ampliada, uma vez que nesta Tese houve apenas a discussão qualitativa de metacomentários produzidos pelos ouvintes da pesquisa. Nesse sentido, em trabalhos futuros, serão construídos experimentos específicos para análises das avaliações e atitudes dos ouvintes em relação às formas imperativas, as quais podem revelar contornos ainda não conhecidos nas comunidades de Feira de Santana e Campinas.

## Referências

- ALVES, J. da S. O imperativo singular em histórias em quadrinhos baianas. **Letra Magna**, n. 9, p. 1–18, 2008.
- \_\_\_\_\_. O uso do modo imperativo em revistas em quadrinhos do menino maluquinho. **Letra Magna**, p. 1–17, 2009.
- ANDRADE, C. Q.; MELO, F. G. de M.; SCHERRE, M. M. P. História e variação linguística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revistas em quadrinhos da turma da Mônica. **Jornal Finos Leitores**, p. 1–12, 2007.
- BAAYEN, R. H. **Analysing linguistic data: a practical introduction to Statistics**. [S.l.]: Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- BAGNO, M. Norma linguística e preconceito social: questões de terminologia. **Veredas**, v. 5, n. 2, p. 71–83, 2009.
- BARCELLOS, M. E. M. **O falar paulistano e os significados sociais de (AN): correlações entre origem do ouvinte e percepção**. [S.l.]: Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de São Paulo, 2020. 147f.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. [S.l.]: Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BECKER, M.; LEVINE, J. **Experigen – an online experiment platform**. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em <http://becker.phonologist.org/experigen>.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. **Praat: doing phonetics by computer**. [S.l.: s.n.], 2014. Disponível em: <<http://%20www.fon.hum.uva.nl/praat/>>.
- BORGES, P. R. Formas imperativas em tiras de jornais paulistas. **Estudos Linguísticos**, v. 34, p. 1–6, 2005.
- BRAGA, M. L. **A concordância de número no sintagma nominal no Triângulo Mineiro**. [S.l.]: Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 1977.
- BUENO, L. C. d. O. **Sobre os usos linguísticos de homens e mulheres: compreendendo a relação entre preposição e estilo**. [S.l.]: Tese de Doutorado. Araraquara: Unesp, 2019.

- CAMACHO, R. G. **Da Linguística Formal a Linguística Social**. [S.l.]: São Paulo: Parábola, 2013.
- \_\_\_\_\_. Norma, ideologia e a teoria da linguagem. **Alfa**, v. 25, p. 19–30, 1981.
- CAMPBELL-KIBLER, K. The effect of speaker information on attitudes toward (ING). **Journal of Language and Social Psychology**, v. 29, n. 2, p. 214–223, 2010.
- \_\_\_\_\_. The nature of sociolinguistic perception. **Language Variation and Change**, v. 21, p. 135–156, 2009.
- CANEVER, F. **Infinitivo flexionado em português brasileiro: frequência e percepções sociolinguísticas**. [S.l.]: Tese de Doutorado, São Paulo: FFLCH-USP, 2017. 125f.
- CARDOSO, D. B. B. Variação no uso do modo imperativo: o princípio da marcação em dados de José J. Veiga. **Anais da XX Jornada Gelne João Pessoa-PB**, p. 585–594, 2004.
- CARDOSO, B. **Um estudo variacionista das formas verbais imperativas nas cidades de Florianópolis e Lages: uma questão de encaixamento?** [S.l.]: Dissertação (Mestrado em Linguística), Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. 144f.
- CARDOSO, D. B. B. **Variação e mudança do imperativo no português brasileiro: gênero e identidade**. [S.l.]: Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2009. 165f.
- CARDOSO, D. P. **Atitudes Linguísticas e Avaliações Subjetivas de Alguns Dialetoes Brasileiros**. [S.l.]: São Paulo: Blucher, 2015. 145 p.
- CATTELL, R. B. The Scree Plot Test for the Number of Factors. **Multivariate Behavioral Research**, v. 1, p.140–161. 1966.
- CORRÊA, C. M. M. de L. **Concordância verbal de terceira pessoa do plural em comunidades rurais e urbanas do estado do Rio de Janeiro: avaliação e produção**. [S.l.]: Doutorado em Letras, Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. 183f.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **A nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. [S.l.]: Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.
- ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Think practically and look locally. **Annual Review of Anthropology**, v. 21, n. 21, p. 461–90, 1992.
- ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of variation. **Annual Review of Anthropology**, v. 41, p. 87–100, 2012.
- \_\_\_\_\_. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics**, v. 12, n. 4, p. 453–476, 2008.

- ECKERT, P. Variation, convention, and social meaning. **Annual Meeting of the Linguistic Society of America**, p. 1–32, 2005.
- EVANGELISTA, E. M. **Fala, Vitória! A variação do imperativo na cidade de Vitória/ES e sua posição no cenário nacional**. [S.l.]: Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos, Pós-Graduação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010. 166f.
- FARACO, C. A. Apresentação de um clássico. In: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. (Ed.). **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. [S.l.]: São Paulo: Parábola, 2006. P. 9–19.
- \_\_\_\_\_. Considerações sobre a sentença imperativa no português do Brasil. **Delta**, v. 2, n. 1, p. 1–15, 1986.
- \_\_\_\_\_. Norma padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M. (Ed.). **Linguística da norma**. [S.l.]: São Paulo: Loyola, 2002. P. 35–56.
- FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. **Para conhecer norma linguística**. [S.l.]: São Paulo: Contexto, 2017. 224f.
- FIGUEREIDO, J. G. dos S.; SOUZA, E. S. de. **O uso do imperativo por migrantes baianos em São Paulo: um estudo comparativo**. [S.l.: s.n.], 2017. Comunicação apresentada no VII Encontro de Sociolinguística: Redes e Contato.
- FREITAG, R. M. K. Saliência estrutural, distribucional e sociocognitiva. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 40, n. 2, p. 2–10. 2018.
- FREITAG, R. M. K.; SANTOS, A. d. O. **Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe**. [S.l.]: São Paulo: Blucher, 2016. p. 109–122.
- GHESSI, R. R.; BERLINCK, R. d. A. Avaliação, atitudes, crenças linguísticas e o ensino de língua portuguesa: uma reflexão a partir de testes com professores de ensino médio. **Araraquara, Rev. EntreLínguas**, v. 6, n. 11, p. 108–122. 2020.
- GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. 4. ed. [S.l.]: São Paulo: Martins Fontes, 1991 [1985].
- GOWER, J. C.; ROSS, G. J. S. Minimum Spanning Trees and Single Linkage Cluster Analysis. **Applied Statistics**, JSTOR, v. 18, n. 1, p. 54, 1969.
- GRIES, S. T. **Statistics for Linguistics with R**. 2 ed. [S.l.]: Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2013.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. [S.l.]: São Paulo: Parábola, 2007.

- HAY, J.; DRAGER, K. Stuffed toys and speech perception. **Linguistics**, v. 48, n. 4, p. 865–892, 2010.
- HELLWIG, B.; GEERTS, J. **ELAN – Linguistic Annotator. Versão 4.4.0**. [S.l.: s.n.], 2013.  
Disponível em <http://www.mpi.nl/corpus/manuals/manual-elan.pdf>.
- HOSMER, D. W.; LEMESHOW, S. **Applied logistic regression**. 2. ed. [S.l.]: New York: John Wiley & Sons, 2000.
- HYMES, D. Models of interaction of language and social life. In: GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. (Ed.). **Directions in Sociolinguistics**. [S.l.]: New York: Holt, Rinehart e Wilson, 1972. P. 35–71.
- \_\_\_\_\_. On communicative competence. In: BRUMFIT, C. J.; JOHNSON, K. (Ed.). **The Communicative Approach to Language Teaching**. [S.l.]: Oxford: Oxford University Press, 1991 [1979]. P. 5–26.
- IRVINE, J. T. Style as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Ed.). **Style and sociolinguistic variation**. [S.l.]: Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- JESUS, E. T. **O Nordeste na mídia e os estereótipos linguísticos: imperativo na novela Senhora do Destino**. [S.l.]: Dissertação de Mestrado em Linguística, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2006. 105f.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. [S.l.]: São Paulo: Editora Parábola, 2008 [1972].  
Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso.
- \_\_\_\_\_. **Principles of linguistic change: social factors**. [S.l.]: Oxford & Cambridge: Blackwell, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Sociolinguistic Patterns**. [S.l.]: Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- \_\_\_\_\_. **The social stratification of English in New York City**. [S.l.]: São Paulo: Cambridge University Press, 2006 [1966].
- \_\_\_\_\_. The unobservability of structure and its linguistic consequences. **Paper presented at the 22nd New Ways in Analyzing Variation conference, University of Ottawa**, p. 22–25, 1993.
- LABOV, W. et al. Properties of the sociolinguistic monitor. **Journal of Sociolinguistics**, v. 15, n. 4, p. 431–463, 2011.
- LACERDA, J. C. S. **O uso variável do modo imperativo na fala de Fortaleza**. [S.l.]: Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. 94f.

- LAMBERT, W. E. et al. Evaluational reactions to spoken languages. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, v. 60, n. 1, p. 44–51, 1960.
- LEITE, M. Q. **Metalinguagem e discurso: a configuração do purismo brasileiro**. [S.l.]: São Paulo: Humanitas, 1999. 259f.
- LEVSHINA, N. **How to do Linguistics with R**. [S.l.]: Amsterdam: John Benjamins, 2015.
- LUCCHESI, D. **A concordância verbal e a polarização sociolinguística do Brasil**. [S.l.: s.n.], 2012. Ms.
- \_\_\_\_\_. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, M. (Ed.). **Linguística da norma**. [S.l.]: São Paulo: Loyola, 2002. P. 57–83.
- MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; DUARTE, I. **Grámatica da Língua Portuguesa**. [S.l.]: 5 ed. Lisboa:Caminho, 2003.
- MATTOSO CAMARA JUNIOR, J. **The Portuguese Language**. [S.l.]: Chicago:Univ. of Chicago Press, 1972.
- MENDES, R. B. A terceira onda da Sociolinguística. In: FIORIN, J. L. (Ed.). **Novos caminhos da Linguística**. [S.l.]: São Paulo: Contexto, 2017. P. 103–123.
- \_\_\_\_\_. New Ways of Analyzing Sociolinguistic Perception. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 27, n. 4, p. 1581–1590, 2019.
- \_\_\_\_\_. **Percepção e Performance de Masculinidades: efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal**. [S.l.]: Tese Livre Docência, São Paulo: FFLCH-USP, 2018. 225f.
- MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. Mapping Paulistano Portuguese: the SP2010 Project. In: MELLO, H.; PETTORINO, M.; RASO, T. (Ed.). **Proceedings of the VII GSCP International Conference: Speech and Corpora**. [S.l.]: Firenze University Press, 2012. P. 459–463.
- MILROY, J. Ideologias linguísticas e as consequências da padronização. In: LAGARES, X.; BAGNO, M. (Ed.). **Políticas da norma e conflitos linguístico**. [S.l.]: São Paulo: Parábola, 2011. P. 49–88.
- \_\_\_\_\_. Language ideologies and the consequences of standardization. **Journal of Sociolinguistics**, v. 5, n. 4, p. 530–555, 2001.
- MILROY, L. **Language and social networks**. 2. ed. [S.l.]: Oxford: Basil Blackwell, 1987 [1980].
- MOLLICA, M. C.; PAIVA, M. d. C. Restrições estruturais atuando na relação entre L - R e R - Ø em grupos consonantais em português. **Boletim da Abralin**, p.181–189. 1989.

- MONTEAGUDO, H. Variação e norma linguística: subsídios para uma revisão. In: LAGARES, X.; BAGNO, M. (Ed.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. [S.l.]: São Paulo: Parábola, 2011. P. 15–48.
- NARO, A. J. O dinamismo das línguas. In: BRAGA, M. L.; MOLLICA, M. C. (Ed.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. [S.l.]: São Paulo: Editora Contexto, 2004. P. 43–50.
- \_\_\_\_\_. The social and structural dimensions of a syntactic change. **Language**, v. 57, p. 63–98, 1981. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/414287>>.
- NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Sobre as origens do português popular do Brasil. **Delta**, v. 9, Especial, p. 437–354, 1993.
- NUNES, L. L.; SCHWENTER, S. **Variability in the form of southern Brazilian Portuguese imperatives**. Toronto: [s.n.], 2015. Comunicação apresentada no NWAV44.
- OCHS, E. **Indexing Gender**. [S.l.]: Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 335–358.
- OLIVEIRA, J. M. O imperativo gramatical nas capitais do Nordeste: análise sociolinguística de dados do ALiB". **Blucher**, p. 27–44, 2017.
- \_\_\_\_\_. **Wh-Exclamative, Imperative and Interrogative Sentences: Issues on Brazilian Portuguese**. [S.l.]: De Gruyter, no prelo. P. xx–xx.
- OUSHIRO, L. A computational approach for modeling the indexical field. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 27, n. 4, p. 1737–1786, 2019.
- \_\_\_\_\_. Conceitos de Identidade e Métodos para seu Estudo na Sociolinguística. **Estudos Linguísticos e Literários**, p.304–325. 2019.
- \_\_\_\_\_. Dois pastel e um chopes: a concordância nominal e identidade(s) paulistana(s). **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 23, n. 2, p. 389–424, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. [S.l.]: Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 2015. 390f.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à Estatística para Linguistas, v.1.0.1**. [S.l.: s.n.], dez. 2017. Disponível em <http://rpubs.com/oushiro/iel>. Licença Creative Commons 4.0 Atribuição – Não comercial.
- \_\_\_\_\_. O que se diz e como se fala: relações entre o discurso metalinguístico e a variação linguística. **Signo Y seña**, v. 28, p. 139–167. 2015.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à Estatística para Linguistas**. [S.l.]: Editora da Abralin, no prelo. P. xx–xx.

- PAGOTTO, E. G. A norma das constituições e a constituição da norma no século XIX. **Revista LETRA**, p. 31–50, 2013.
- \_\_\_\_\_. Norma e Condescendência: Ciência e Pureza. **Línguas e instrumentos linguísticos**, v. 2, p. 49–68, 1998.
- PAIVA, M. d. C. de. A variável gênero/sexo. In: BRAGA, M. L.; MOLLICA, M. C. (Ed.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. [S.l.]: São Paulo: Editora Contexto, 2004. P. 33–42.
- PAIVA, M. d. C.; DUARTE, M. E. **Mudança linguística em tempo real**. [S.l.]: São Paulo: Contra Capa, 2003.
- PEIRCE, J. W. **Psychology Software Tools E-Prime 4.0**. [S.l.: s.n.], 2018.
- PONTES, E. **Estutura do verbo no português coloquial**. [S.l.]: Petrópolis: Vozes, 1972.
- R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing**. [S.l.: s.n.], 2020. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. Último acesso em 10 ago./2020. Disponível em: <<http://www.R-project.org/>>.
- REIS, M. d. S. **Atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo: a dimensão estilística da variação sob um olhar funcionalista**. [S.l.]: Tese Doutorado, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. 216f.
- REISE, S. P.; WALLER, N. G.; COMREY, A. L. Factor Analysis and Scale Revision. **Psychological Assessment**, v. 12, n. 3, p. 287–297. 2000.
- REVELLE, W. Procedures for Personality and Psychological Research. **R package version**, 2015.
- ROCHA-LIMA, C. H. da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 49. ed. [S.l.]: Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- SAMPAIO, D. A. **A expressão do imperativo no português do século XVI ao século XX**. [S.l.]: Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. 240f.
- SAMPAIO, D. A. **Modo imperativo: sua manifestação expressão no português contemporâneo**. [S.l.]: Dissertação de Mestrado em Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001. 153f.
- SANTOS, W. S. dos. **Percepções sociolinguísticas acerca da variação subjuntivo/indicativo em São Luís e São Paulo**. [S.l.]: Tese de Doutorado, Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, São Paulo: FFLCH-USP, 2020. 235f.

- SANTOS, L. L. **Fala (você/tu), fale (você/tu): a expressão variável do modo imperativo no português popular da Bahia**. [S.l.]: Tese de Doutorado em Língua e Cultura, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. 319f.
- SCHERRE, M. M. P. Aspectos da concordância de número no Português do Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, v. 12, p. 37–49, dez. 1994. Disponível em: <<http://www.ai.mit.edu/projects/dm/bp/scherre94-number.pdf>>.
- \_\_\_\_\_. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. **Alfa**, v. 51, p. 189–222, 2007.
- \_\_\_\_\_. Norma e uso o imperativo no português brasileiro. **Vervuert**, p. 231–260, 2004.
- \_\_\_\_\_. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. **Tabuleiro de letras**, n. 4, p. 1–32, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Reanálise da concordância nominal em português**. [S.l.]: Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ. Dois volumes, 1988. 555f.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. [S.l.]: Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ. Dois volumes, 1988. 555f.
- SCHERRE, M. M. P.; CARDOSO, D. B. B. et al. Reflexões sobre o imperativo em português. **Delta**, v. 23, p. 193–241, 2007.
- SCHERRE, M. M. P.; OLIVEIRA, H. R. et al. Restrições sintáticas e fonológicas na expressão variável do imperativo no português do Brasil. **II Congresso Nacional da ABRALIN e XIV Instituto Linguístico**, p. 1333–1347, 2000.
- SCHERRE, M.; DIAS, E. P. et al. Variação dos pronomes "Tu" e "Você". **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**, p.79–108. 2015.
- SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language & Communication**, v. 23, p. 193–229, 2003.
- SORIANO, L. G. M. **Percepções sociofonéticas do (-r) em São Paulo**. [S.l.]: Dissertação de Mestrado em Semiótica e Linguística Geral FFLCH, USP, São Paulo, 2016. 137f.
- SORIANO, L. G. M.; MENDES, R. B. Percepções Fonéticas do /-r/ em São Paulo: principais correlações. **Todas as Letras**, v. 18, n. 2, p. 133–146, 2016.
- SOUZA, E. S. de. **Mudanças adaptativas na fala de migrantes baianos residentes em São Paulo quanto ao uso de itens lexicais tipicamente paulistas**. [S.l.: s.n.], 2019.
- VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Ed.). **Introdução à sociolinguística: o estudo da variação**. [S.l.]: São Paulo: Editora Contexto, 2004.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Ed.). **Directions for Historical Linguistics: A Symposium**. [S.l.]: Austin: University of Texas Press, 1968. Disponível em:

<http://www.utexas.edu/cola/centers/lrc/books/hist05.html>.

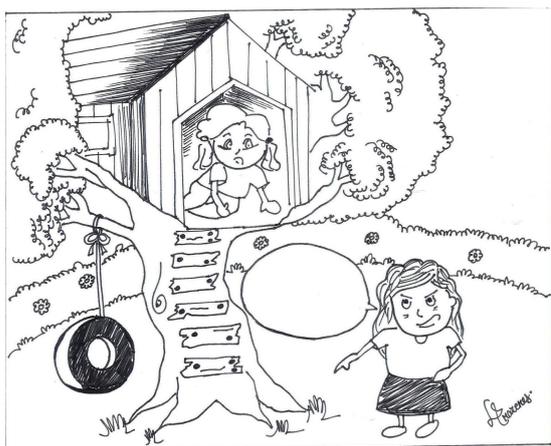
WENGER, E. **Communities of practice**. [S.l.]: New York: Cambridge University Press, 2000.

## Anexo A

### Ilustrações

#### I. Cenas alvo

Figuras alvo que foram utilizadas para o experimento de produção.



Desça / desce da árvore



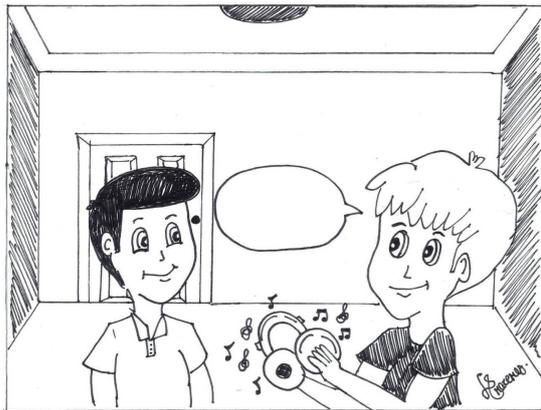
Beba / bebe água



Vá / vai pegar o osso



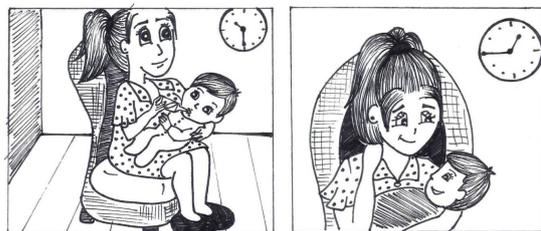
Saia/ sai daqui!



Ouçã / ouve a música



Assopre / assopra meu olho



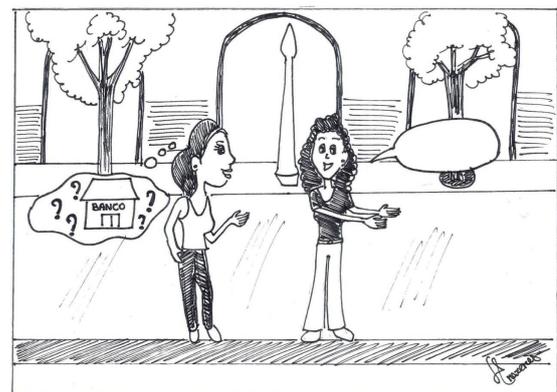
Durma / dorme logo



Suba / sobe na escada



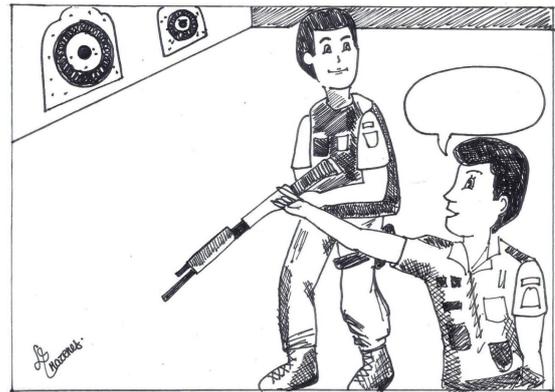
Me beije / me beija



Siga / segue em frente



Leia / lê o manual



Atire / atira no alvo



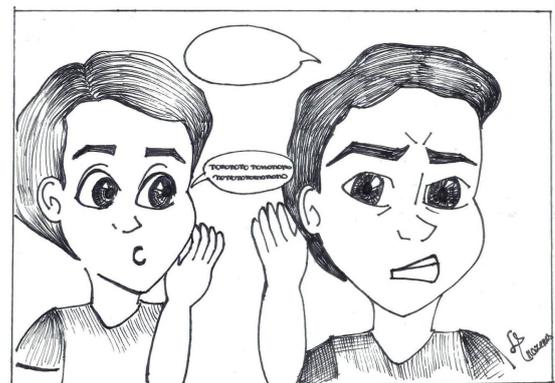
Cubra / cobre o bolo



Faça / faz uma pose sensual



Dobre / dobra o vestido



Fale / fala mais alto



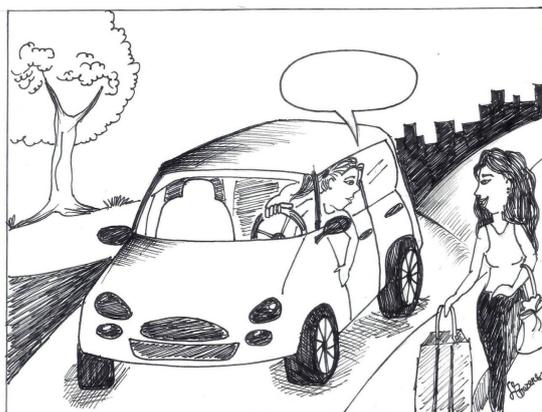
Traga/ traz aquela toalha



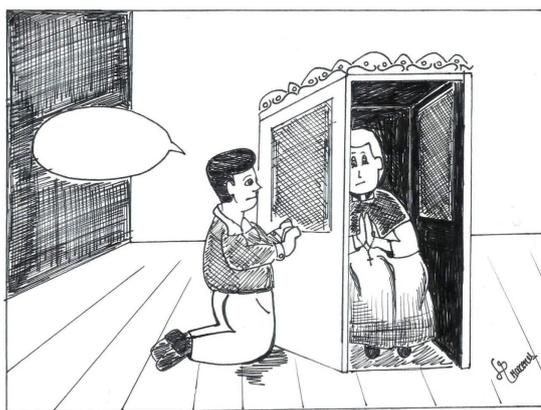
Varra / varre o quintal

## II. Cenas distratoras

Figuras distratoras que foram utilizadas para o experimento de produção.



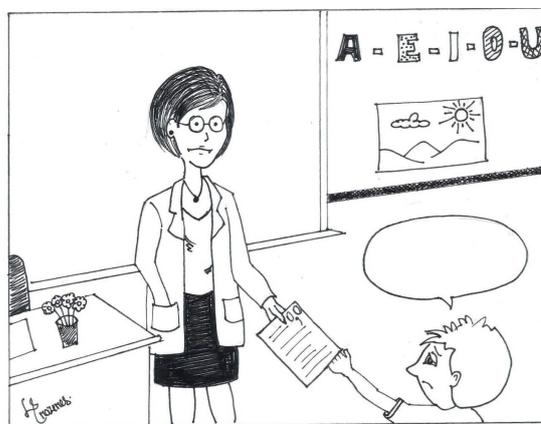
Quer carona?



Padre, eu pequei!



Quer casar comigo?



Eu tirei nota baixa



Socorro!



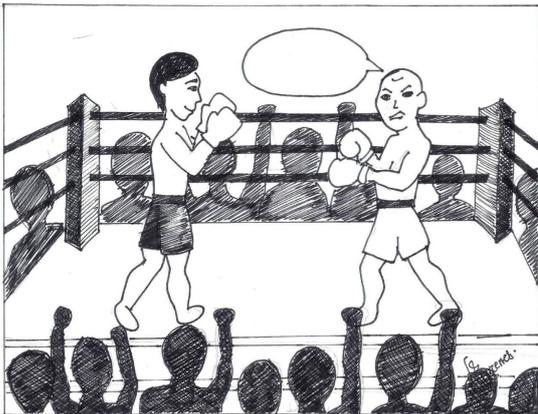
Poxa, hoje não tem brincadeira



Eu te amo!



A bolsa estourou!



Vou te derrubar



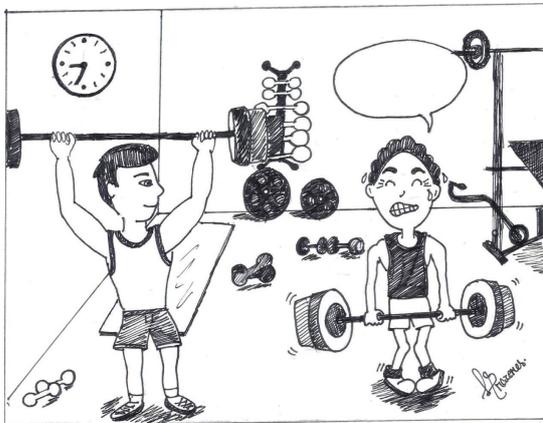
Quanto custa a maçã?



Sou linda!



Por que estão rindo?



Está muito pesado



Vai ser legal, filha



Você se machucou?



As flores são lindas!



A lua está linda



Um brinde!